



Universidade Federal
de Campina Grande

PROFSOCIO

**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

JOSÉ DIONES NUNES DOS SANTOS

**TEMAS POLÍTICOS E CINEMA:
UM GUIA PEDAGÓGICO PARA DOCENTES DE
SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO, A PARTIR DE
CURTA-METRAGENS NORDESTINOS**

**SUMÉ - PB
2021**

JOSÉ DIONES NUNES DOS SANTOS

**TEMAS POLÍTICOS E CINEMA:
UM GUIA PEDAGÓGICO PARA DOCENTES DE
SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO, A PARTIR DE
CURTA-METRAGENS NORDESTINOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO ministrado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de Concentração: Ensino de Sociologia.

Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.

**SUMÉ - PB
2021**



S237t Santos, José Diones Nunes dos.

Temas políticos e cinema : um guia pedagógico para docentes de Sociologia do ensino Médio, a partir de curta-metragens nordestinos. / José Diones Nunes dos Santos. - 2021.

175 f.

Orientador: Professor Dr. José Marciano Monteiro.

Dissertação - Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Universidade Federal de Campina Grande.

1. Ensino de Sociologia - Ensino Médio. 2. Cinema e ensino de Sociologia. 3. Curta-metragens nordestinos. 4. Guia pedagógico. 5. Temas políticos e cinema. I. Monteiro, José Marciano. II. Título.

CDU: 316:77(043.3)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

JOSÉ DIONES NUNES DOS SANTOS

**TEMAS POLÍTICOS E CINEMA:
UM GUIA PEDAGÓGICO PARA DOCENTES DE
SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO, A PARTIR DE
CURTA-METRAGENS NORDESTINOS**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Sociologia em Rede
Nacional – PROFSOCIO ministrado no
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Sociologia.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. José Marciano Monteiro.
Orientador - UACIS/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Ricardo Costa de Oliveira.
Examinador I - UFPR/PPGS**

**Professora Dra. Virgínia de Oliveira Silva.
Examinadora II - UFPB/DHP**

**Professora Dra. Maria da Conceição Gomes de Miranda.
Examinadora III - UFPB/ PROFSOCIO**

Trabalho aprovado em: 12 de julho de 2021.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Este trabalho corresponde a mais um ciclo de minha existência. Expresso aqui meus sinceros agradecimentos a todos(as) aqueles(as) que foram e são peças fundamentais deste quebra-cabeça denominado vida.

Agradeço a toda a espiritualidade do universo pela proteção e por mostrar-me os caminhos que me levam sempre a fazer o bem, isso me realiza. Aos meus pais, Domingos e Cícera, pelo dom da vida. Aos meus irmãos, Diógenes, Diogo e Suzane, por me fazerem perceber que sempre será a educação uma janela para novos horizontes. À minha esposa, Fabiana, pela compreensão e apoio nas horas em que mais precisei. E ao meu filho, Políbio, que me faz sentir feliz, amado e completo.

Aos(Às) meus(minhas) amigos(as) de infância, de trabalho e da vida, agradeço pelos momentos vivenciados. Deixo aqui um agradecimento especial aos amigos, Francisco, Tiago Christiano, Arnaldo Farias e Franciene Basílio.

Aos(Às) meus(minhas) eternos(as) professores(as) da Educação Básica, desde a Creche até o Ensino Médio, Obrigado por terem me mostrado que a educação poderia mudar a minha vida e, obviamente, mudou.

Aos(Às) meus(minhas) professores(as) do mestrado, sintam-se felicitados(as) e saibam que também foram importantes para a minha formação, como indivíduo social. A todos(as) vocês, o meu muito obrigado!

Ao meu professor e orientador, Dr. Marciano Monteiro, gratidão pela parceria e pelas contribuições ofertadas para a concretização deste trabalho.

Agradeço a todos(as) os(as) cineastas independentes do Nordeste brasileiro.

Por fim, agradeço a todos(as) que, direta ou indiretamente, me ajudaram a realizar mais um ciclo acadêmico de minha existência. Gratidão!

“Meu trabalho é uma eterna retomada.
Uma retomada sem fim.”
(Bourdieu)

RESUMO

Este trabalho analisou quatro livros de Sociologia adotados no Cariri paraibano nos últimos dez anos. Este recorte temporal deve-se ao fato de ser exatamente o período de inserção da sociologia como componente curricular do Ensino Médio. Buscou-se, com isto, analisar as temáticas de Sociologia e Ciência Política relacionadas às produções cinematográficas presentes nos manuais didáticos adotados. A metodologia adotada foi a análise da lista de sugestões filmicas em cada livro, durante a pesquisa bibliográfica. Verificou-se que nos livros adotados, em sua maioria, as sugestões filmicas contêm longas-metragens, e, em raras exceções, curtas-metragens estrangeiros e nacionais. Verificou-se, também, que o cinema e o livro didático são usados como produtos resultantes da indústria cultural. A nossa proposta, a partir da análise realizada, voltou-se para a construção de um Material Didático: Guia Pedagógico “Temas Políticos e Cinema para a 3ª série do Ensino Médio”, focando em temáticas da política que possam ser trabalhados com o uso de curta-metragem, além de uma plataforma digital “Política e Cinema”, contendo os filmes e seus respectivos planos de aula. O referencial teórico traz autores como: Coelho (1993); Adorno e Horkheimer (1986); Benjamin (2019); Duarte (2019); Kuriyama, Lima e Patriarca (2014); Marx (2013); Ikeda (2014); Napolitano (2019); Migliorin e Pipano (2019); Fabris (2008); Bernardet (2004); Carrière (1995); Moraes (2012); Yashinishi (2000); Gomes (2013); Silva (2007); Almeida (2004); Dias (2000); Maksenas (1995); Furtado e Gagno (2009); Bodart e Lopes (2017); Batista (2014); OCNEM’S (2006); Costa (2005); Tomazy (2010); Codato (2010); Magalhães (2012); Bomeny, Freire-Medeiros, Emerique e O’Donnel (2013); Araújo, Bridi e Motin (2016); PCN’S (2000), Durão e Loureiro (2003); Sarandy (2001); A Lei 13.006/14 (2005); PCN+ (2002). O cinema, nessa proposta, é pensado como instrumento capaz de construir processos de mediação, principalmente, para aqueles que têm sido historicamente desprovidos do acesso à cultura legítima e, o livro, pedagogicamente, para auxiliar professores e estudantes em sala de aula, tendo em vista que diante dos limites impostos pelo currículo no tempo hora/aula, os filmes de curta duração são fundamentais sem que, necessariamente, precise cortar as cenas principais para se adequar ao horário da aula semanal.

Palavras-chave: sociologia; política; cinema; ensino; guia pedagógico.

ABSTRACT

This work analyzed four Sociology books adopted in Parahyban Cariri last ten years. This time frame is due to the fact to be exactly the time of insertion of Sociology like curricular component of Medium Teaching. Sought out with this to analyze the Sociology and Political Sciences thematic related to cinematographic productions in adopted didactic manual. The adopted methodology was the analyze of suggestion filmic list in which book, during the bibliographic research. It was verified which the adopted books, almost all, the suggestion filmic with full length films or rare exception strangers foreign and national short films. Showed more which o movie and didactic book are used like resultant products of cultural industry. Our proposal, according the realized analyze, back if for the building of a didactic material: Pedagogic Guide "Political Themes and Movie for the third class of Medium Teaching, obeying in thematic of political which can be worked with the use of short films beyond a digital platform "Political and Movie", containing the films and their respect lesson plans. The theoretical reference brings authors like: Coelho (1993); Adorno and Horkheimer (1986); Benjamin (2019); Duarte (2019); Kuriyama, Lima and Patriarca (2014); Marx (2013); Ikeda (2014); Napolitano (2019); Migliorini and Pipano (2019); Fabris (2008); Bernardet (2004); Carriéri (1995); Moraes (2012); Yashinishi (2000); Gomes (2013); Silva (2007); Almeida (2004); Dias (2000); Makenas (1995); Furtado and Gagno (2009); Bodart and Lopes (2017); Batista (2014); OCNEM'S (2006); Costa (2005); Tomazy (2010); Codato (2010); Magalhães (2012); Bomeny, Freire-Medeiros, Emerique and O'Donnell (2013); Araújo, Bridi and Motin (2016); PCN'S (2000), Durão and Loureiro (2003); Sarandy (2001); A Lei 13.006/14 (2005); PCN+ (2002). The Movie, in this propose is thought like able instrument of building processes of mediation, principally for those which have been historically with out access to real culture and the pedagogic book for help teachers and students in the classroom in view of against of imposed limits for the curriculum in time hour/class, the films of short duration are fundamental with out which necessary need cut the principal scenes for suit it to hour of week class.

Key Words: sociology; political; movie; teaching; teaching guide.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	INDÚSTRIA CULTURAL, CINEMA E EDUCAÇÃO.....	15
2.1	INDÚSTRIA CULTURAL E CINEMA.....	15
2.2	O CINEMA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	20
2.3	O USO DO CINEMA NAS HUMANIDADES.....	25
3	POLÍTICA E CINEMA NOS MANUAIS DIDÁTICOS E SOCIOLOGIA ADOTADOS NUMA ESCOLA DO ESTADO DA PARAÍBA (2008-2020).....	29
3.1	TEMAS DA SOCIOLOGIA E DA CIÊNCIA POLÍTICA ABORDADOS NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	29
3.2	A CINEMATOGRAFIA PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS.....	40
3.3	O CINEMA DE CURTA-METRAGEM NORDESTINO PARA O ENSINO MÉDIO.....	50
4	GUIA PEDAGÓGICO: TEMAS POLÍTICOS E CINEMA PARA A 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO.....	55
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
	REFERÊNCIAS.....	61
	APÊNDICE A – LISTA DOS LIVROS DE SOCIOLOGIA ANALISADOS.....	66
	APÊNDICE B – GUIA PEDAGÓGICO: TEMAS POLÍTICOS E CINEMA.....	67

1 INTRODUÇÃO

A formação das Ciências Sociais no Brasil dá-se pela tríade Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Estas áreas do conhecimento que formam as Ciências Sociais fazem parte do currículo escolar das escolas de Ensino Médio brasileira, reunidas naquilo que se costuma denominar como “Disciplina de Sociologia”.

No final da primeira e começo da segunda década do século XXI, a Sociologia retoma mais uma vez ao currículo da Educação Básica, (re)afirmando a sua importância para a educação. Essa retomada é sem sobre de dúvidas uma grande conquista para as Ciências Sociais no Brasil. No entanto, atualmente, a disciplina vem sofrendo grandes ataques por parte do sistema governamental vigente no país. Mesmo estando inclusa no Ensino Médio, aos poucos vem sendo fragmentada. Isto decorre, em grande medida, por causa da fragilização concernente à sua efetivação como componente curricular escolar.

O processo de institucionalização do ensino de Sociologia no Brasil, em suas dimensões burocráticas e legais, depende dos contextos histórico-culturais, das teias complexas das relações sociais e de poder que se instauram nos campos educacional e científico. Silva (2007) compreende que

A sociologia como saber escolar, pode sempre estar presente nos currículos em várias disciplinas, no entanto, como disciplina ela aparece, desaparece e reaparece, enfim, figura um lugar de instabilidade, desconfortável e incerto. Os argumentos para a inclusão da Sociologia são os mais variados, onde os modelos de currículos são a materialização das lutas em torno de que tipo de educação os grupos sociais desejam implementar na sociedade (SILVA, 2007, pp.405-408).

Historicamente a Sociologia sempre passou por processos de intermitências. Fica-nos claro que isso não é uma discussão atual como se apresenta. É preciso e necessário adentrarmos e conhecermos melhor a formação e institucionalização desta recente ciência no Brasil, para entendermos o porquê da importância deste componente curricular no contexto educacional brasileiro. Alguns acontecimentos marcaram os principais momentos de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, bem como as intermitências e a sua obrigatoriedade no currículo das escolas de Ensino Médio.

A inserção e a retirada da Sociologia do currículo do Ensino Médio devem ser compreendidas na relação entre o ensino de Sociologia e o contexto político. As políticas educacionais e a inserção/retirada da Sociologia não se compreendem sem lançar o olhar sobre as dinâmicas de inserção dos governos nacionais e estaduais a partir da sua matriz

ideológica. Em governos mais progressistas, a Sociologia assume um protagonismo, em termos de institucionalização, maior que em governos conservadores e reacionários.

É importante observar que, se a inserção e permanência da Sociologia no Ensino Médio tem sido um desafio, desafio maior tem sido trabalhar com a linguagem cinematográfica, diante das desigualdades escolares e de espaços que permitam o uso desta linguagem para o ensino. Aqui, faz-se necessário destacar que, com a implantação da Lei 13.006/14, tornou-se obrigatório o cinema na escola, ao incorporar à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, em seu Art. 26, o parágrafo 8º, que ratifica que “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo sua exibição obrigatória por no mínimo 2 (duas) horas mensais” (BRASIL, 2014). Esta lei sinaliza para a validação da produção do cinema nacional no que tange à sua exibição no espaço escolar, demonstrando, assim, a sua importância em termos de linguagem que deve ser trabalhada em sua dimensão pedagógica.

Este instrumento normativo que destaca a exibição de filmes nacionais como componente curricular complementar à proposta pedagógica, torna-se fundamental para ratificar a importância do nosso objeto no que tange ao ensino de temas de Sociologia Política brasileira a partir da linguagem produzida em filmes de curta-metragem de produção regional, mais especificamente, nordestino. A argumentação de sustentação e relevância da nossa proposta de se promover a implementação dos filmes de curtas-metragens nordestinos nas aulas de Sociologia, reforça-se ainda mais com a obrigatoriedade da presença do cinema nacional na Educação Básica a partir da Lei 13.006/2014, que modifica o artigo 26 da LDB 9.394/96.

O cinema torna-se, assim, um instrumento e uma linguagem que nos permite (re)pensar, no espaço escolar da Educação Básica, a sociedade, as relações sociais e a política. A arte cinematográfica possibilita o desenvolvimento de uma postura crítica e questionadora. Uma outra forma de falar sobre o mundo social, de construir percepções e sensações acerca da realidade em que os indivíduos estão situados. Em pleno contexto da sociedade da informação, o cinema tornou-se central nas mediações das relações sociais. Tornou-se uma presença no cotidiano da vida dos estudantes, o que justifica a sua apropriação como recurso didático no espaço escolar e na produção de percepções acerca dos temas trabalhados nas aulas de Sociologia no Ensino Médio.

Fresquet e Migliorin (s/d) nos apresentam dez considerações importantes para a implementação da Lei 13.006/14. Dentre elas, a quarta consideração diz que o cinema deve

ser:

Direta ou indiretamente vinculado aos currículos, os filmes ampliam o conhecimento do mundo, de espaços, tempos históricos, de modo de viver, concepções de mundo, perspectivando o próprio ponto de vista em cada filme. (FRESQUET e MIGLIORIN, s.d., p.13).

As *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* - OCNEM (2006), referentes às práticas de ensino e recursos didáticos, possibilitam-nos trabalhar com o cinema, vídeo ou DVD e TV na sala de aula, ratificando que esse procedimento adotado para a aula é capaz de causar estranhamento e desnaturalização e não somente ser utilizado como recurso metodológico ou tecnológico para o ensino dos dias atuais:

Pretendemos levar a uma reflexão sobre o uso do filme como recurso e observar seus efeitos e defeitos; pois aqui, diferentemente do que se diz sobre a TV de modo geral – que o meio é neutro e que tudo depende das intenções de quem o usa -, acredita-se que o próprio meio também “é uma mensagem”, porque os elementos de sua constituição, no caso do filme, já determinam a sua recepção. (BRASIL, 2006, p.130).

Aduzo, aqui, que o cinema faz parte da minha vida há muitos anos. Isso decorre desde 2005, quando realizei o meu primeiro filme de longa-metragem “*naif*”, intitulado “*Palavras de um menino em busca de um sonho*”. Dois anos após a realização desta cinematografia, experienciei o primeiro contato com a linguagem técnica do cinema, através do projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, denominado “*Projeto Viagem Paraíba*”. Durante as ações do referido projeto, pela primeira vez, tive contato com a produção fílmica da Paraíba em curta-metragem.

No ano de 2009, idealizei um festival de cinema na minha municipalidade, denominado de “*CineCongo – Festival Audiovisual da Paraíba*”, o qual coordeno há doze edições (2009-2020). Atualmente, é o terceiro festival de cinema mais antigo em atuação no Estado da Paraíba.

Destaco, também, que, durante o estágio do *PIBID/SOCIOLOGIA*, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Alves Campos (EEMAC), na cidade de Congo/PB, em 2015, as vivências com as práticas cineclubistas promovidas nas aulas de Sociologia, resultaram na produção de filmes e festival de cinema realizados pelos(as) alunos(as) do Ensino Médio, e foram extremamente importantes, pois fortaleceram, significativamente, a minha formação pessoal e acadêmica.

A linha de pesquisa adotada nesse trabalho constitui-se pela linha 3, *Práticas de Ensino*

e Conteúdos Curriculares, reunindo investigações voltadas para o entendimento dos elementos que compõem a prática escolar e seus saberes. Abrangendo as formas de intervenção em sala de aula, as mediações pedagógicas, a transposição do saber científico para o saber escolar, a seleção de conteúdos curriculares, os elementos cognitivos constitutivos do processo ensino-aprendizagem, as articulações entre pesquisa e ensino, a formação docente, os materiais didáticos, as legislações municipais, estaduais e nacionais, a organização escolar, novas tecnologias de informação, comunicação e seus usos na escola.

No caso deste trabalho, na prática, será construído um Guia Pedagógico (Apêndice – B) para o ensino da Sociologia Política no Ensino Médio, além de uma plataforma digital, contendo os filmes e seus respectivos planos de aula.

A motivação que me leva a investigar com maior profundidade este tema surge por conta da quase inexistência de uma cinematografia de curta- metragem brasileira nos manuais didáticos. A cinematografia, especificamente, que aqui apresento está organizada em forma de material didático. Objetivo, assim, colaborar para o ensino de Sociologia nas escolas brasileiras de Ensino Médio. Para isto, mapeei 10 (dez) curtas-metragens que abordam temas da Sociologia Política brasileira, estabelecendo uma relação entre cinema e ensino de Sociologia no Ensino Médio, tendo como respaldo as OCNEM (BRASIL, 2006).

Os PCN+ (BRASIL, 2002, p.97) estão estruturados em eixos temáticos. No eixo “*Política e Sociedade*”, podem ser trabalhados diversos temas relacionados à vida política. Os temas devem gerar debates e suas atividades pedagógicas devem ser realizadas com a finalidade de ampliar a concepção dos estudantes sobre política. A temática do Estado e os derivativos das relações de poder, a exemplo de fenômenos como nepotismo, patrimonialismo, clientelismo, empreguismo, assistencialismo, patronagem, familismo, dentre outros, são temas caros à Sociologia Política brasileira. Sem o entendimento de tais conceitos e fenômenos sociológicos, dificilmente compreenderemos o modo como se opera a política no Brasil.

Estes fenômenos precisam ser trabalhados a partir da construção pedagógica de uma Sociologia reflexiva no Ensino Médio. O desafio de trabalhar com tais temáticas se encontram, muitas vezes, no exíguo tempo destinado à hora-aula. Cinquenta minutos tornam-se pouco tempo para trabalhar temas tão complexos. A Sociologia necessita construir uma linguagem que, sem perder o rigor analítico, possibilite tornar compreensíveis os conteúdos da Ciência Política e da Sociologia Política brasileira ao(à) estudante do Ensino Médio. Nesse sentido, o uso da linguagem audiovisual se torna imprescindível para demonstrar, a partir de

curtas-metragens, os fenômenos relacionados à lógica de funcionamento da política no Brasil. A política deve-se fazer, objetivamente, presente nas aulas de Sociologia.

A produção cinematográfica brasileira apresenta uma diversidade poética, temática e estética expansiva e plural. Devemos pensar em tornar esses filmes de curtas-metragens acessíveis a todos(as) os(as) estudantes do Ensino Médio de modo que permitam-lhes refletir sobre os textos sem perder de vista o contexto em que estão situados e as relações de poder que os constroem como sujeitos históricos.

Esta perspectiva prática de ensinar Sociologia no Ensino Médio – focando em temas da Ciência Política e da Sociologia Política brasileira – vem associada ao experimento do acesso ao cinema nordestino através da produção cinematográfica dos curtas-metragens com especial destaque e enfoque voltados para os docentes e discentes das escolas públicas brasileiras de Ensino Médio. As temáticas cinema e educação adentraram nos currículos das escolas públicas brasileira há algumas décadas e, com isso, vêm buscando se aperfeiçoar no ambiente escolar como um recurso pedagógico, visando a contribuir no processo de ensino e aprendizagem. Salientamos aqui que foi a burguesia a precursora do cinema como arte. O cinema era, portanto, restrito a poucos e privilegiados sujeitos. Com o advento da indústria cultural e das transformações ocorridas com a revolução técnico-informacional esta arte se popularizou, adentrando à lógica da cultura de massa ou mesmo da indústria cultural, transformando esta arte em uma lucrativa mercadoria, capaz de construir percepções, gosto estético e processos de socialização. Bernardet (2004) nos afirma que

Foi a classe dominante que, para dominar, jamais poderia apresentar sua ideologia como sendo sua ideologia, mas ela deveria lutar para que esta ideologia fosse sempre entendida como a verdadeira. (BERNARDET, 2014, p. 26).

Dentro deste contexto de transformações, impactado pelas novas tecnologias, não podemos negar a existência do cinema tanto do ambiente familiar como escolar. Frisamos que a maneira como ele se configura nesses contextos são diferentes. No entanto, contribui eminentemente para a formação dos agentes sociais, em suas percepções e construção do mundo. O cinema é consideravelmente uma das mais importantes artes visuais da atualidade, exercendo, segundo Duarte (2009, p. 82), “um imenso poder de atração e indiscutível potencial criativo”. Para tanto, cabe-nos questionar como o cinema deve ser e tem sido atualizado no contexto escolar? O que dizem os estudiosos sobre essa relação: cinema e educação? De que maneira o cinema pode contribuir para o ensino e a aprendizagem de

docentes e discentes no Ensino Médio? É possível pensar o uso desta linguagem como uma ferramenta pedagógica nas aulas de Sociologia, tendo em vista que o(a) professor(a) dispõe de apenas 50 (cinquenta minutos) para ministrá-las? Esses e outros questionamentos pretendemos ter respondido, concretamente, com esta pesquisa.

Pontua-nos Almeida (2004, p. 46), “hoje a inteligência da maior parte das pessoas está sendo formada (in-formada) pelos meios que produzem imagens-sons”. O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe. Mas, ao contrário, para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. (MIGLIORIN; PIPANO, 2019, p. 40).

Esta pesquisa, para tanto, consiste, metodologicamente, num exercício de investigação que se fundamentou em uma abordagem exploratória, através da técnica da pesquisa documental e a utilização do método de análise de conteúdo. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa, segundo Dias (2000), caracteriza-se, principalmente, pela ausência de medidas numéricas e análises estatísticas, examinando aspectos mais profundos. Assim, optamos por uma abordagem que buscou mapear a produção de curtas-metragens do nordeste brasileiro, tendo como enfoque os temas relacionados à política brasileira. Para isto, fizemos análise do conteúdo contido nos filmes.

As fases de análise de conteúdo obedeceram as etapas propostas por Bardin (2010): 1) Pré-análise – na qual os documentos escolhidos devem ser submetidos à análise, a formulação das hipóteses dos objetivos; para assim serem elaborados os indicadores que fundamentarão a interpretação final. 2) Codificação - corresponde a uma transformação dos dados brutos em texto, o que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão; susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices. 3) Categorização - é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

O presente trabalho está organizado em duas partes. Na primeira, aduzimos questões relevantes à indústria cultural e ao papel desempenhado pelo cinema como um de seus produtos de caráter potencializador, didático- pedagógico, dentro do campo da educação e das áreas das humanidades, capazes de contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Investigam-se, também, os livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio do Estado da Paraíba e de como a Sociologia Política está estruturada nos mesmos, e como suas respectivas

cinematografias são propostas para se trabalhar nas aulas de Sociologia em sala de aula. Destarte, propõe-se, no final desta primeira parte, uma filmografia de curtas-metragens do semiárido nordestino para ser exibida e debatida nas aulas de Sociologia do Ensino Médio.

Na segunda parte, propõe-se um Guia Pedagógico, conforme Apêndice - B, para os(as) professores(as) da 3ª série do Ensino Médio, com temas políticos e elementos da linguagem cinematográfica. Os temas políticos abordados trazem textos de vários cientistas e pesquisadores brasileiros. O material didático estará disponível para ser baixado, gratuitamente, através da internet, com seus respectivos filmes de curta-metragem.

A filmografia sugerida é para ser exibida e discutida durante as aulas de Sociologia, como um instrumento potencializador para o despertar da imaginação sociológica dos estudantes. Além do mais, possibilita a todos(as) os(as) professores(as) conhecerem a linguagem cinematográfica, mesmo sem nunca ter vivenciado alguma experiência com cinema. O Guia Pedagógico contido no Apêndice - B, colabora para a formação continuada do(a) professor(a). Nesta mediação estabelecida entre cinema e educação, professores(as) e estudantes se tornarão protagonistas dentro do processo de ensino e aprendizagem. Por fim, salientamos, que o Guia Pedagógico (Apêndice – B) encontra-se dividido em dez lições, constituídas por dois momentos.

2 INDÚSTRIA CULTURAL, CINEMA E EDUCAÇÃO

2.1 INDÚSTRIA CULTURAL E CINEMA

A modernidade se caracteriza por um processo crescente de racionalização das esferas sociais. Esta racionalização desemboca no processo de industrialização. É deste processo de racionalização e industrialização que emerge a indústria cultural, desencadeando, assim, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa. A expressão indústria cultural denota-se desde a década de 1940. Os pensadores que cunharam este termo para compreender os processos de mercantilização pelos quais passava a cultura foram os alemães Adorno e Horkheimer, pioneiros e fundadores da Escola de Frankfurt.

Se por um lado a industrialização acelerou o processo de produção material, por outro a dimensão da cultura não ficou de fora destas transformações promovidas pela indústria e pelo sistema capitalista moderno e contemporâneo. Gutenberg, no século XV, havia inventado a imprensa e os primeiros jornais. Os primeiros jornais tinham uma produção limitada, destinados a uma pequena parcela da sociedade da época: os letrados.

Com o processo de industrialização, a produção passa a se constituir em uma escala diferenciada. O modo de produção capitalista passa a operar por meios de produção de mercadorias destinada cada vez mais para mercados. A cultura, neste aspecto, adentra também neste modo de produzir. A indústria da cultura passa a se pautar na produção econômica. O uso ascendente da máquina e o ritmo de trabalho a que os homens foram submetidos permitiram a consolidação de um processo de produção e exploração pautada em uma complexa e orgânica divisão do trabalho. É justamente a partir da diferenciação entre a classe detentora dos meios de produção e a classe vendedora de sua força de trabalho que emergiu a cultura de massa.

A racionalização e a produção em larga escala permitiram a construção de processos de padronização do produto. A indústria cultural, nesse sentido, é produto das transformações ocorridas na indústria, mas, antes, deve ser concebida como resultado das transformações ocorridas no âmbito societário, sem perder de vista a lógica da esfera do mercado, construída com a modernidade. É esta mudança societária que permite compreender como

a cultura de massa está ligada ao fenômeno do consumo, o momento de industrialização definitiva dessa cultura seria mesmo o século XX, o capitalismo não mais dito liberal, mas, agora, um capitalismo de organização (ou monopolista) criará as condições para uma efetiva sociedade de consumo cimentada, em ampla medida, por veículos como a TV. (COELHO, 1993, p. 6).

O modo de produção capitalista estabelecido acabou gerando uma tríade – padronização, diferenciação, fragmentação - acerca dos bens produzidos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1986).

A indústria cultural tem a capacidade de produzir produtos, com a finalidade de serem trocados por dinheiro. O consumidor está, quase sempre, passivo e conformado com o que lhe é ofertado. A produção deste gosto massificado deve ser entendido como resultado da cultura industrializada. Porém, não se deve compreendê-la como uma esfera inferior da cultura. Soma-se a isto o fato de que a indústria cultural assumiu, contemporaneamente, um lugar essencial no processo de socialização.

Embora tenha-se a compreensão acerca da importância que exerce a indústria cultural para o processo de socialização (por exemplo, através da interação que se torna possível pela visualização de filmes, novelas, reality shows etc.), é possível, também, compreender a indústria cultural por lógicas que permitem a construção de processos de alienação do homem (ADORNO; HORKHEIMER, 1986). É sobre esta compreensão que os meios de comunicação, ao invés de assumirem um caráter formativo, assumem um caráter deformativo e alienador, sobre os quais o consumo exacerbado de produtos é alimentado constantemente pela indústria em um sistema que produz incessantes necessidades, transformando indivíduos em consumidores contumazes.

Esta compreensão presente em sua teoria crítica da sociedade contemporânea, Adorno e Horkheimer (1986), colocam no cerne da questão a descrença em processos formativos pela via da cultura de massa. Essa descrença está relacionada à incapacidade de produção de um pensar crítico, fundamentado em uma consciência autônoma do sujeito, nas sociedades de massa, pautada na indústria cultural.

Contraopondo-se a esta compreensão, Benjamin (2019) encara as transformações ocorridas no plano da cultura – através da indústria cultural – como um espaço de democratização da cultura, constituindo-se como instrumento necessário de luta contra a alienação. É justamente nessa proposta de interpretação dada por Benjamin (2019), que se

percebe a importância de transformação e emancipação dos agentes na sociedade e sua luta pela libertação contra hegemônica. Esta perspectiva não encara a indústria cultural como um fenômeno que produz a alienação (COELHO, 1993).

O cinema como um dos instrumentos mais importantes da indústria cultural, ao ser utilizado na educação, pode contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem. Isto não elimina os usos que também têm sido feito hegemonicamente por este instrumento como um reprodutor das ideologias dos grupos dominantes. Todavia, é possível, através de processos formativos no cotidiano escolar, fazer uso contra hegemônico do cinema, de maneira que este possua um caráter educativo, exercendo uma função emancipadora e conscientizadora dos processos de dominação e exploração. Isto é, o que se espera ao utilizar o cinema na sala de aula.

Importante pontuar que, foram criadas várias ações nessa perspectiva de articulação entre cinema e educação, dentre elas, situamos, o Instituto Nacional de Cinema de Cinema Educativo – INCE¹, criado na Era Vargas em 1936 e extinto em 1966 na ditadura militar, no governo de Castelo Branco e; o CINEDUC² – Cinema e Educação criado em 1970 e que em 2021 completa 51 anos.

Nestes termos, a indústria cultural não pode ser compreendida, exclusivamente, como fator de alienação do ser humano (ADORNO, 1999). Não podemos contestar que a sociedade contemporânea é demarcada pelo visual, pela imagem, pelo olhar. As crianças nascem numa sociedade mediada pela imagem. Desde cedo, elas têm acesso à imagem televisiva e de cinema, bem como às novas plataformas como YouTube, Netflix, Google e tantas outras que estão muito mais acessíveis que a televisão na década de 1980. É possível, por meio de um aparelho de celular, acessar a uma infinidade de filmes de longa e/ou curta-metragem, através de um simples clique. Mesmo diante das desigualdades de acesso à internet, ainda é possível ter muito mais acesso a estas mídias hoje do que há duas décadas.

É datada do início do século XX a emergência dessas transformações originadas, sobretudo, a partir de uma das maiores conglomerações de empresas com domínio de tecnologia de ponta do mundo, conhecida como Vale do Silício, localizada na Califórnia, Estados Unidos, onde se concentram diversas empresas de tecnologia da informação, computação, dentre outras. Os meios tecnológicos advindos daí possuem potencialidades

¹ <http://www.fiocruz.br/brasiliانا/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=418&sid=3>

² <https://www.cineduc.org.br>

práticas de interações entre as culturas, em uma escala que extrapola o local, mas que, também, interage com este.

O cinema como arte e como técnica, embora dentro de uma perspectiva histórica, seja considerado recente, é bem anterior a essas inovações digitais nos meios de comunicação planetários. No final da década de 1880 e início de 1890, surgem o cinema, as gravações sonoras e as transmissões radiofônicas (DUARTE, 2014). Todas essas transformações tecnológicas impactaram a vida em sociedade, no apagar das luzes do século XIX. Não seria diferente o impacto do cinema quando somado às transformações que se realizaram pela indústria. Esta passou a produzir também a própria cultura em escala jamais vista. Em poucas palavras: em escala industrial. O cinema passou a ser compreendido como uma das expressões da arte na era da reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 2019).

Com tal transformação, o cinema se consolidou como um produto da indústria cultural, destinando-se, através da lógica do mercado, em um produto para ser consumido por muitos. A indústria cultural tem permitido, portanto, em certo sentido, a democratização do acesso a camadas populares desta forma de expressão artística. Kuriyama; Lima e Patriarca (2014, p. 233), acreditam que:

O cinema, produção artística, típica das sociedades industriais, constitui-se objeto de estudo na compreensão da sociedade contemporânea, espera-se que por meio da análise dos filmes, a partir da reflexão sociológica, que os estudantes possam apreender a realidade social da produção e reprodução do cinema, enquanto expressão ideológica das contradições que permeiam as sociedades. Neste sentido, tanto a análise teórica, a partir dos conceitos sociológicos, quanto a produção técnica de filmes possibilitará ao estudante adentrar ao universo da produção científica da Sociologia.

Os conteúdos cinematográficos produzidos ao longo do tempo para a classe trabalhadora foram pautados por um cunho disciplinador e moralista (COELHO, 1993). Em direção diametralmente oposta a esta, a perspectiva com a qual, no presente trabalho, se pretende propor o uso desta ferramenta no Ensino Médio é a de trabalhá-la como desvelamento das contradições e das formas de poder, atribuindo-lhes um caráter emancipador que permita engajamento e protagonismo dos estudantes no Ensino Médio. Esta é uma das compreensões que podem ser extraídas da interpretação dada por Walter Benjamin (2019), ou seja, uma perspectiva que concebe o cinema não apenas como um meio manipulatório; mas, ao contrário, um instrumento capaz de construir processos de mediação nos processos educativos, principalmente para aqueles que historicamente têm sido desprovidos do acesso à “cultura legítima” (BOURDIEU, 1992). O cinema, nesse sentido,

pode ser concebido nos processos formativos, como uma ferramenta essencial na construção do conhecimento, quando relacionado a outras ferramentas e estratégias didático-pedagógicas.

A escola do século XXI não é a mesma escola do século XIX. As transformações foram muitas. O acesso à informação, por exemplo, decorrentes das revoluções técnico-informacionais impactaram profundamente a interação professor-aluno. Através do cinema, o cotidiano não está preso a uma sala de aula; mais que isso: o local dialoga com o global, constantemente. Fluxo e contrafluxo de informações e interações se estabelecem. Em poucas palavras, e seguindo os passos de Benjamin (2019), “o cinema acabou libertando o ser humano do cárcere de seu cotidiano” e abriu para ele novos mundos e possibilidades via zoom e câmera lenta, por exemplo. Esta perspectiva se contrapõe à de Adorno (1999), uma vez que, diante do processo de indústria cultural, os meios de comunicação de massa eram fortemente criticados, dentre eles o próprio cinema chegou a ser desconsiderado como arte. Isto decorre do fato de que, para Adorno (1999), o cinema é como um negócio de valor comercial e mercadológico, de manipulação e dominação. O referido pensador afirma que:

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade é que não passam de um negócio, sendo utilizados como veículos ideológicos destinados a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles definem a si mesmos como indústria e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda a dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO, 1999, p. 114).

Esta perspectiva de Adorno (1999) aponta-nos para a compreensão crítica que se deve ter do cinema. Não o recepcionar em sua forma romantizada. É preciso identificar que há por trás das produções cinematográficas a indústria da produção que está atrelada a uma demanda mercadológica. No entanto, é preciso cuidado para "não jogar "a criança fora junto com a água do banho"³. É possível também, a contrapelo, como nos ensina Benjamin, fazer uso do cinema nos espaços formativos visando o despertar de uma consciência ativa e crítica, com vista à produção de um saber problematizador e questionador, pois a Sociologia possui ferramentas teórico-conceituais que permitem fazer essa aproximação dialógica com a linguagem do cinema. Para isto, os estudantes e professores do Ensino Médio podem ser nutridos de conhecimentos para que venham a compreender a cultura dominante, aportados pelos meios de comunicação, especificamente, o cinema; desempenhando uma reflexão que busque mudanças no modo de olhar e viverem sociedade.

O cinema é uma linguagem. Esta linguagem possibilita a diversão, o lúdico e os

³ <https://evangelhoperdido.com.br/nao-jogue-o-bebe-fora/>

processos de interação. Esta linguagem, quando associada aos saberes das Ciências Sociais, tornará possível proporcionar, aos estudantes do Ensino Médio, reflexões acerca do que acontece na vida cotidiana, identificando os problemas existentes e elaborando suas possíveis soluções em variados contextos sociais.

2.2 O CINEMA NO PROCESSO E ENSINO E APRENDIZAGEM

O modelo de política industrial hollywoodiano acerca das produções cinematográficas se impôs por todo o mundo. Foi justamente lá que se constituiu uma linguagem narrativa que, com o tempo, se tornou potencialmente universal, estandardizada. A própria indústria cultural e a cultura de massa apresentam fatores voltados para uma tentativa de homogeneização ideológica. A indústria cinematográfica transforma o cinema em um produto comercializável e consumível com valor de uso e valor de troca, em uma palavra: mercadoria. O grande desafio numa sociedade em que tudo se transforma em mercadoria é construir, através da prática pedagógica, uma percepção do cinema como um instrumento emancipatório e de construção de saber.

É de fundamental relevância compreender que os meios midiáticos exercem uma função dentro da ação pedagógica. Atualmente, mais do que nunca, as práticas de assistir a um filme, seja na TV, DVD, cinema ou internet, tem se tornado cada vez mais acessível. Estamos envolvidos em uma cultura imagética, que, se utilizada com criticidade na educação, pode proporcionar aprendizagens significativas. Em *Cinecasulofilia*, Marcelo Ikeda (2014), expõe que:

estamos vivendo uma época em que cada vez mais se fala na imbricação de formatos, no impacto das mudanças tecnológicas, na possibilidade de ver conteúdo num celular, na indistinção das bitolas e dos suportes, nos efeitos em 3D e na computação gráfica, no cinema de marketing global e da tecnologia avançada. (IKEDA, 2014, p. 324).

O cinema agrega uma complexidade de linguagens nos desafiando constantemente a buscar meios para compreendê-lo. Na educação, o cinema nos ajuda a produzir significados sociais. Estamos abeirados de diferentes modos de enxergar e conhecer a sociedade. O cinema, dentro do ambiente educacional, pode ser uma ferramenta importante para a prática pedagógica, quando utilizado com responsabilidade e planejamento. O cinema na escola poderá contribuir tanto no processo de formação como nos processos de socialização e desvelamento por parte dos agentes no mundo social, possibilitando, assim, uma visão mais

ampla e reflexiva da realidade em que os indivíduos estão inseridos. Nessa perspectiva, em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais (DUARTE, 2009, p. 14).

Muitos(as) secretários(as), gestores(as) escolares, coordenadores(as), supervisores(as) e professores(as) ainda desconhecem a atribuição da Lei nº. 13.006/14⁴, acrescida à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que obriga as escolas públicas a exibirem filmes brasileiros em sala de aula por, no mínimo, duas horas mensais. Esta lei surgiu para dar respaldo ao uso de filmes nacionais no ambiente escolar. A proposta didático-pedagógica que elaboramos se pauta em: trabalhar com a cinematografia de curta-metragem, especificamente, a nordestina, no ensino da Sociologia destinado ao Ensino Médio, com vistas a desenvolver conteúdos da Sociologia e da Ciência Política.

Vê-se que muitos profissionais da educação não trabalham com esta ferramenta nos processos de ensino-aprendizagem e muito menos com os temas da Ciência e da Sociologia Política. Napolitano (2019) salienta que para se trabalhar com filmes na sala de aula não é preciso se converter a um crítico de cinema; ao contrário, é necessário primeiro ter uma familiaridade com este universo, entender um pouco da produção desta linguagem como forma de acesso a um tipo de conhecimento. Esta compreensão já possibilita, em si, acrescentar elementos e formas de usar esta ferramenta para o trabalho docente.

Os recursos das tecnologias da informação e comunicação integram docentes e discentes no ambiente escolar. Tais recursos permitem aperfeiçoar as maneiras de ver, pensar e refletir sobre a sociedade em que estamos inseridos. O cinema corrobora com este processo. Através dele é possível contribuir para a formação estética e cidadã dos indivíduos. Esta percepção, quando trabalhada à luz das Ciências Sociais, amplia o olhar e, consecutivamente, permite o desenvolvimento da criticidade. Ir ao cinema, ver filmes em sala de exibição é uma competência que precisa ser aprendida. Após um processo constante e permanente de acesso a esta linguagem, é possível, com a internalização de tal conduta, construir-se um hábito estético, fundamentado no gosto pelo cinema. A falta de estímulos e de investimentos para a construção desta percepção tem dificultado a formação desse hábito. O que, muito provavelmente, possibilita perdas significativas para a formação estética dos espectadores, sobretudo, dos mais jovens. A prática de ver filmes é tão importante, do ponto de vista referente à formação cultural e educacional das pessoas, quanto a produção do hábito de

⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm

leituras de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas outras. (DUARTE, 2009, p. p. 14-16).

Corroborando com Duarte (2009), esta prática precisa ser entendida e apreendida pelos jovens, sobretudo, no Ensino Médio. Os hábitos de ver, debater e refletir sobre os filmes, a realidade social e a política em que estão imersos se fazem necessários. Sabe-se, para tanto, que a construção da formação estética não se realiza do dia para a noite. Demandará tempo, devido a existência de alguns problemas, tais como a precariedade da estrutura física das escolas; a ausência da formação de professores(as) focada no uso do cinema como uma das ferramentas de aprendizagem; o desinteresse, ainda, dos(as) estudantes por cinema; e dos que as executam no âmbito escolar. Porém, se diantedestas carências postas, cruzarmos os braços, e se formos esperar por sala adequada para que seja realizada a exibição fílmica e que os(as) professores(as), alunos(as) e gestores(as) venham a ter a apreciação e formação estética para que, assim, venham a trabalhar na escola com filmes, dificilmente isso irá acontecer.

A proposta que apresentamos neste trabalho é a de que se fazem necessárias a apreciação e a formação estética no movimento dinâmico da realidade. É preciso dar o primeiro passo. Afinal, como diz o pensador chinês e o poeta paraibano, respectivamente, “uma longa caminhada começa com o primeiro passo”⁵ e “quem sabe faz a hora não espera acontecer”⁶. Os(As) estudantes e docentes terão a oportunidade de ver e apreciar os filmes na escola, a partir da real estrutura que se tem, o que não os impede de se organizarem para exigir melhorias junto aos poderes responsáveis.

Poucos são os municípios brasileiros que possuem sala de cinema. Segundo o Sistema de Indicadores Culturais do IBGE⁷, em 2020, no Brasil quase 40% da população reside em municípios sem salas de cinema. O espaço mais adequado para a formação cinematográfica desses jovens é a própria escola. Migliorin e Pipano (2019) acreditam que quando o cinema chega à escola

podemos ensaiar um papel político nesse novo espaço. Uma prática cinematográfica que forneça instrumentos necessários para sua dimensão política na educação; uma prática pautada pelo princípio da igualdade das competências e das inteligências. (MIGLIORIN; PIPANO, 2019, p. 46).

Os estudantes do Ensino Médio são agentes sociais dotados de crenças e valores.

⁵ Filósofo Lao Tsé.

⁶ Compositor Geraldo Vandré.

⁷ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26239-pais-tem-quase-40-da-populacao-em-municipios-sem-salas-de-cinema>

Possuem uma concepção de mundo formada desde a infância, com forte influência do contexto familiar. Esta concepção pode ser modificada ou não a partir do processo de interação na segunda socialização: a que é desenvolvida no espaço escolar. Quando os(as) alunos(as) assistem a um filme suas interpretações são diferentes, embora, por pertencer a um determinado contexto social, se aproximem. Cada um carrega consigo subjetividades. Estas são compartilhadas intersubjetivamente com os demais, em grupo de discussões, após a exibição fílmica, e ampliadas em seu campo mental e empático.

O uso do cinema, no processo de ensino e aprendizagem, pode resultar em uma das estratégias centrais para o desenvolvimento sócio-interativo- cognitivo dos(as) alunos(as). Sabe-se das muitas atribuições desempenhadas pela indústria cultural, principalmente, na contemporaneidade. Os filmes de curta-metragem devem ser trabalhados no Ensino Médio como estímulos ao processo de aprendizagem e à ampliação do olhar crítico sobre o mundo social. Em suas análises fílmicas, o argumento apresentado por Fabris (2008) diz que:

a escola pode ganhar muito com os estudos sobre cinema, já que as análises se conectam com outras áreas do conhecimento, possibilitando que a docência se abra para outras perguntas, ligadas ao contexto cultural em que tais produções foram inventadas e aos contextos culturais em que circulam. (FABRIS, 2008, p. 130).

Em síntese, os filmes devem ser utilizados em sala de aula para ajudar os estudantes a construir e desenvolver capacidades e habilidades específicas, modos de ver e de ler imagens em movimento, isso possibilita a construção de conhecimento. Com o uso do cinema no Ensino Médio, se terá mais uma ferramenta pedagógica capaz de permitir que os estudantes adquiram capacidade de analisar, criticar e interpretar o filme que fora exibido através da mediação do professor. O uso é extremamente necessário ao processo de ensino e aprendizagem. O olhar daquele(a) que assiste ao filme - o olhar do(a) espectador(a) - nunca é neutro; nem vazio de significados. Duarte (2009) explicita, ainda, que esse olhar é sempre informado e dirigido por suas práticas, valores e normas da cultura em que está inserido. Os(As) estudantes ao se identificarem com os filmes exibidos, em sala de aula, acabam, muitas vezes, projetando seus sentimentos, desejos e valores. Esta é uma característica fundamental desempenhada pelo cinema.

Em seu livro *Como usar o cinema na sala de aula*, Napolitano (2019) nos expõe que um dos grandes desafios que se tem em trabalhar, no que tange à atividade escolar, com o cinema é que esta atividade deve ultrapassar sempre a experiência cotidiana, porém sem negá-la. Na

escola, tendo o(a) professor(a) como mediador(a), deve-se propor leituras mais ambiciosas. Leituras prazerosas, relacionadas ao universo social dos(as) alunos(as) que permitam fazer a ponte entre emoção e razão, de forma mais direcionada e objetiva, incentivando o(a) estudante a se tornar um(a) espectador(a) mais exigente e criativo(a), propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar.

Faz-se necessário que o cinema na escola possa ultrapassar a mera diversão e entretenimento; permitindo que o lacônico e temível uso do cinema como mero preenchimento de aulas vagas se torne em efetiva presença do cinema em aulas orientadas pedagogicamente para a compreensão filmica. As aulas devem ser planejadas. Os filmes não podem assumir apenas o caráter de entretenimento e diversão. É preciso superar esta visão, trabalhando o conteúdo de diversos componentes curriculares através dos filmes. Isto não se realiza sem planejamento. A ausência de planejamento acerca de um catálogo de filmes a serem exibidos e debatidos torna-se um problema para o processo de ensino-aprendizagem. Sabe-se que, muitas vezes, é o que acaba ocorrendo em realidades escolares. Isto tende a gerar descrença sobre o uso de filmes em sala de aula.

O(A) professor(a) deve, antes de tudo, realizar um planejamento voltado para os objetivos a serem alcançados durante a execução da aula. Rosália Duarte (2009) acredita na realização da atividade em sala de aula e na sua produtividade, para isso

o docente deve-se voltar para o ato de ver o filme antes de exibi-lo; reconhecer informações importantes sobre ele e sobre outros filmes do mesmo gênero e elaborar um roteiro de discussão que coloque em evidência os elementos para os quais se deseja chamar atenção. Cruzar textos fílmicos e textos acadêmicos é uma excelente estratégia para se trabalhar temáticas complexas com estudantes do Ensino Médio e Superior. Esse recurso permite abordar o problema sob diversos aspectos e perspectivas. (DUARTE, 2009, pp. 73-74).

Os filmes desencadeiam fontes de conhecimento sociológico, sendo sua abstração fator importante para o despertar do olhar e da imaginação sociológica, entendida por Yashinishi apud Mills (1965) como

a capacidade de passar de uma perspectiva a outra- da política para a psicológica; do exame de uma única família para a análise comparativa de orçamentos nacionais do mundo; da escola teológica para a estrutura militar; de considerações de uma indústria petrolífera para estudos da poesia contemporânea. É a capacidade de ir das mais impessoais e remotas transformações para as características mais íntimas do ser humano - e ver as relações entre as duas na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua qualidade e seu ser se manifestam. (YASHINISHI apud MILLS, 1965, p. 13).

Ademais, o uso do cinema na educação apresenta diversas compreensões, tais como: a) o cinema é um instrumento para se ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diversos grupos sociais que compõem as sociedades complexas (DUARTE, 2009, p. 73); b) O cinema coloca na tela não só pedaços da realidade, mas a própria realidade (BERNARDET, 2004, p.16) através de uma outra linguagem; c) O cinema permite compreender a sociedade em movimento, hoje mais do que nunca. (CARRIÈRE, 1995, p. 213); d) O cinema deve ser pensado como potência sensível dentro da educação (MIGLIORIN; PIPANO, 2019, p. 130); e) Cinema como reprodução ou substituto do olhar; como arte; como linguagem; como escritura; como modo de pensamento; como produção de afeto e simbolização de desejos (AUMONT e MARIE, 2003, pp. 289-291).

Portanto, diante do exposto, essas colocações nos ajudam a entender melhor como se constitui o uso do cinema na prática escolar, sendo ferramenta importante dentro do processo de ensino e aprendizagem, na mediação para a produção de conhecimento.

2.3 O USO DO CINEMA NAS HUMANIDADES

O cinema precisa ser compreendido dentro do ambiente escolar como uma ferramenta importante para o processo de ensino e aprendizagem. Os filmes na educação potencializam o conhecimento dos(as) estudantes, ajudando-os(as) a compreenderem o meio social em que estão inseridos(as). A escola ganhou muito com o uso desta linguagem audiovisual para fins pedagógicos. As atividades filmicas podem despertar, nos(as) discentes, a imaginação sociológica.

É preciso ter a compreensão de que não é toda modalidade filmica que se deve adotar no Ensino Médio. Há no ensino de Sociologia para o Ensino Médio limites que se impõem. Estes limites decorrem da forma como se encontra estruturado o currículo em nosso país. As aulas de Sociologia, por exemplo, estão organizadas em tempos de 50 minutos por semana. Este parece-nos ser um dos principais limites para se trabalhar com filmes de longa duração. Este é um dos motivos de propormos o uso de filmes de curta-metragem. Esta modalidade se torna, diante dos limites impostos pelo currículo, a mais adequada. O fato de as aulas ocorrerem através de apenas um encontro por semana, com duração de 50 minutos de hora/aula, adequa-se ao uso de uma filmica sucinta. A linguagem audiovisual do curta-metragem possibilita ser trabalhado neste tempo hora/aula imposto pelo currículo, sem que seja necessário cortar as cenas principais do filme para se adequar ao horário da aula semanal.

Os curtas potencializam o processo de ensino e aprendizagem. Eles devem ser utilizados como material didático-pedagógico. Moraes (2012) argumenta que saber escolher um filme, incita reflexões e direciona o olhar do(a) aluno(a) para aspectos que extravasam o simples conteúdo narrativo. Este deve ser o objetivo principal que o(a) professor(a) buscará desempenhar na hora de fazer uso do cinema em suas aulas.

Quando se propõe o uso destes filmes de curta duração, deve ser levado em consideração o fato de se ter fácil acesso, ou seja, onde e como estará disponível essa filmografia, se está em sites de acesso público e de visualização gratuita. Também se faz importante para o trabalho do professor na hora do planejamento pedagógico que se tenham disponível, além da lista filmica, quais conteúdos podem ser trabalhados com tais curtas e como devem ser utilizados em sala de aula. Em outras palavras, deve-se ficar claro uma metodologia de como trabalhar os conteúdos sociológicos através da exibição de curta-metragem.

A experiência no Ensino Médio do uso de curtas-metragens poderá também ensejar o desenvolvimento e a produção audiovisual na escola. O cinema, assim, pode se transformar em um instrumento pedagógico de construção de saberes e diálogos entre e com outros componentes a partir do saber sociológico. Outro saber prático que poderá ser desencadeado é a experimentação, através do manuseio de aparelhos tecnológicos, tais como: o aparelho de celular, este, por exemplo, pode ser utilizado para vivenciar essa prática de produção filmica, orientada e mediada pelo(a) professor(a). O Guia Pedagógico a ser elaborado se propõe a trazer essas informações inerentes à linguagem cinematográfica, fornecendo esclarecimentos pertinentes à produção audiovisual durante as aulas de Sociologia.

Se o cinema contribui para a formação de leitores críticos, como argumenta Napolitano (2019), seu uso é mais do que nunca fundamental na escola. Isto por que

O trabalho com o filme, visto como documento cultural em si, é mais adequado para projetos especiais com o cinema, visando à ampliação da experiência cultural e estética dos alunos. Este é um dos importantes papéis que a escola pública pode ter, pois, muitas vezes, será a única chance de o aluno tomar contato com uma obra cinematográfica acompanhada de reflexão sistemática e de comentários, visando à ampliação do seu repertório cultural e estético (NAPOLITANO, 2019, pp. 20-1).

Os filmes que são utilizados como estratégias didático-pedagógicas corroboram para o processo de ensino e aprendizagem, além de ampliar os temas trabalhados na Sociologia. O cinema tornou-se objeto das investigações sociológicas em vários aspectos, um deles é seu uso no processo educativo. Um filme pode ser tomado como recurso pedagógico nas aulas de

Sociologia, ao passo que possibilita uma análise crítica e reflexiva sobre importantes aspectos da vida social, ainda mais quando o seu uso nas aulas estabelece relação com os conteúdos sociológicos estudados na disciplina (YASHINISHI, 2000, p. 27).

O manuseio do aparelhamento tecnológico ainda é uma barreira para alguns professores dentro da educação. O uso de filmes, através da construção da exibição filmica, em sala de aula, ainda é também um desafio. Moraes (2012) afirma que ainda são poucos os(as) professores(as) que conseguem utilizar bem o material audiovisual sem perder o controle da aula. Mas, tomando alguns cuidados, é possível elaborar aulas criativas e prazerosas, usando filmes, dialogando com os(as) alunos(as) antes, depois e até durante a sua exibição.

Pontuamos aqui que nas últimas décadas se tem contribuído significativamente com trabalhos pautados na relação entre *Cinema e Educação*. Os trabalhos que envolvem Sociologia e cinema começam a surgir também nos últimos anos. Isso decorre certamente pela sua história de intermitências no currículo educacional, fragilizando, assim, tal componente curricular. Em outras áreas do conhecimento já existe uma quantidade expressiva de propostas do uso do cinema no processo de ensino e aprendizagem. A área do conhecimento do componente curricular História, por exemplo, detém uma expressiva quantidade de propostas. O componente curricular Sociologia para o Ensino Médio tem um longo caminho a percorrer para se consolidar entre os outros componentes mais tradicionais e, em certo sentido, já legitimados no currículo. O filme, ao longo dos anos, foi se tornando uma ferramenta importante dentro da educação. Isto porque auxilia o(a) estudante no processo de ensino e aprendizagem. O uso do cinema nas aulas de Sociologia para Gomes (2013)

passa a desempenhar um instrumento de mediação entre o professor e o aluno, ou seja, um recurso facilitador que está para ajudar o professor na tentativa de explicar os conceitos teóricos da disciplina, e também para auxiliar o aluno no processo de aprendizagem de uma disciplina que é considerada por muitos alunos do Ensino Médio como complexa e desinteressante. (GOMES, 2013, p. 4).

Numa recente pesquisa realizada em 2020, no Google Acadêmico, foi possível encontrar 99 páginas contendo inúmeros trabalhos entre citações, artigos, monografias, dissertações e teses sobre o uso do cinema nas áreas de humanas (História, Arqueologia, Direito, Pedagogia, Geografia, Letras, Filosofia, etc.). Já na área da Sociologia, é possível encontrar uma página a mais, ou seja, 100 páginas, contendo citações, monografias, artigos, dissertações e teses sobre o uso do cinema no processo de ensino e aprendizagem. Os trabalhos publicados na área da Sociologia possuem certa diversidade: Sociologia do cinema;

Didática; Filmes como recurso pedagógico; Ensino; Ensino Médio; Estética; Alfabetização visual; Ensino- aprendizagem; Educação; Filmes de longa e curta-metragem; Material didático, Imagens; Audiovisual; Cinema; História e Livro didático. Isso mostra a proliferação e a preocupação que se tem adotado nas últimas décadas por parte dos estudiosos em querer contribuir de forma significativa para a produção do conhecimento no campo educacional.

Para se entender o mundo social e despertar nos(as) discentes o desejo de transformação da realidade em que estão inseridos(as), fazer uso de filmes nas aulas de Sociologia no Ensino Médio pode ser uma ferramenta didático-pedagógica interessante, uma vez que, diante da complexidade do mundo social, a linguagem transmitida pelo cinema poderá melhor traduzir conceitos, temas e teorias sociológicas. A proposta não é que a linguagem fílmica venha a substituir a linguagem sociológica, mas que aquela possa, ao interagir com esta, construir aberturas e formas de interações nas aulas entre os(as) alunos(as), permitindo a estes(as) ter acesso ao audiovisual sem perder de vista a reflexão sociológica, contribuindo, assim, para a construção de uma formação crítica e cidadã dos(as) envolvidos(as) no processo.

3 POLÍTICA E CINEMA NOS MANUAIS DIDÁTICOS E SOCIOLOGIA ADOTADOS NUMA ESCOLA DO ESTADO DA PARAÍBA (2008-2020)

3.1 TEMAS DA SOCIOLOGIA E DA CIÊNCIA POLÍTICA ABORDADOS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Neste tópico, compreendemos o livro didático como um produto resultante da indústria cultural e que tem como finalidade auxiliar, em sala de aula, pedagogicamente os(as) professores(as) e alunos(as) no processo de ensino e aprendizagem. O livro didático não pode

ser encarado meramente como uma mercadoria, ele é capaz de promover o questionamento e a problematização do conteúdo apresentado, abre caminhos para a formação de um conhecimento revelador das contradições da própria ordem capitalista (MEKSENAS, 1995, p. 133).

Neste capítulo, aduzimos quatro livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio. Estes livros foram adotados pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Alves Campos (EEMAC), no município do Congo, situado no Cariri paraibano. Estes manuais servem como parâmetro para a referida análise. Salientamos, ainda, neste tópico, que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é de responsabilidade do Governo Federal, e que tem como objetivo fomentar uma política que permita garantir o direito ao acesso aos livros didáticos gratuitos a todos(as) os(as) estudantes das escolas públicas do ensino fundamental de todo país, em um período de três anos⁸.

Com a retomada da disciplina de Sociologia no ano de 2008 ao Ensino Médio brasileiro⁹, as escolas estaduais de ensino da Paraíba, especificamente, as da região do Cariri, juntamente com seus respectivos docentes em atuação na área, ficaram aptas à escolha do manual didático para a disciplina de Sociologia nos seus exercícios trienais. As escolas de Ensino Médio estaduais do Cariri estão sob a responsabilidade da 5ª Gerência Regional de

⁸ A regulamentação legal do livro didático se consolidou com o Decreto nº 91.542, de 19/8/1985, o qual implementou o PNLD (FURTADO; GAGNO, 2009, p. 11218).

⁹ A Câmara de Educação Básica aprovou parecer e resolução que tratam da inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio: *Parecer CNE/CEB nº 38/2006, aprovado em 7 de julho de 2006*, inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio; *Resolução CNE/CEB nº 4, de 16 de agosto de 2006*, altera o artigo 10 da Resolução CNE/CEB nº 3/98, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; *Parecer CNE/CEB nº 22/2008, aprovado em 8 de outubro de 2008*, consulta sobre a implementação das disciplinas Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio e; *Resolução CNE/CEB nº 1, de 18 de maio de 2009*, dispõe sobre a implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, a partir da edição da Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.384/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Ensino, situada no município de Monteiro/PB, deixa os(as) professores(as) incumbidos(as) de escolherem seus manuais.

O processo de escolha do livro didático “diferenciado” de cada escola ocorre já há exatos doze anos (2008-2020). O que se buscou analisar nos manuais didáticos tidos como, parâmetro, adotados pela Escola Estadual de Ensino Médio Manoel Alves Campos – EEMAC (Congo/PB), foram seus conteúdos direcionados para a Ciência Política e de que maneira se encontravam organizadas as suas cinematografias.

Sobre a presença da Ciência Política no Ensino Médio, Bodart e Lopes (2017) realizaram um levantamento e comprovaram que na região Nordeste, no tocante às Propostas Curriculares Estaduais para o Ensino Médio, somente seis Estados - Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí e Sergipe - estão com suas propostas disponibilizadas para a consulta pública. Enquanto os Estados da/do Paraíba, Rio Grande do Norte e Maranhão, não se encontram disponíveis estas informações via internet. Esse tipo de análise contribui para nortear a produção de recursos pedagógicos, sobretudo de livros didáticos, bem como indicar onde são necessários maiores esforços de ações de transposição didática (BODART; LOPES, 2017, p. 136).

Os manuais são utilizados no Ensino Médio por períodos trienais. Neles seguem-se determinada ordem sobre a qual se faz o uso no ensino de Sociologia. Os manuais tomados como objetos nesta pesquisa são aqueles utilizados nas escolas de Ensino Médio na Paraíba e, especificamente, na Escola Estadual do Congo/Paraíba. São eles: 1) *Sociologia: Introdução à ciência da Sociedade*, de Maria Cristina Castilho Costa (São Paulo: Moderna, 2005, 416 páginas); 2) *Sociologia para o Ensino Médio*, de Nelson Dacio Tomazi (São Paulo: Saraiva, 2010, 256 páginas.); 3) *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, de Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia Galli O'Donnell (São Paulo: Editora do Brasil, 2013, 383 páginas); e 4) *Sociologia: volume único: ensino médio*, de Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim (São Paulo: Scipione, 2016, 392 páginas).

Os livros didáticos são instrumentos indispensáveis para auxiliar qualquer professor(a). Eles corroboram na orientação e execução do trabalho didático-pedagógico em sala de aula.

O primeiro livro que analisamos em nossa pesquisa foi o organizado por Cristina Costa (2005) que foi utilizado em sala de aula

em 2010 o primeiro livro na área de Sociologia adotado pela Rede de Ensino Estadual da Paraíba foi o livro ‘Sociologia para o Ensino Médio:

Introdução à uma ciência da sociedade’ de Cristina Costa, que foi descartado pelos professores. Este livro não foi submetido à seleção do PNLD devido sua implantação não coincidir com o processo de escolha do livro que seria em 2012. (BATISTA, 2014, p. 25).

Este manual didático está dividido em sete unidades e vinte e um capítulos. Desses, apenas as unidades um, quatro e sete não constam temáticas direcionadas para a Ciência Política. Vejamos no quadro abaixo.

Quadro 1 - Temáticas da Ciência Política presentes no livro *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*, organizado por Maria Cristina Castilho Costa. (2005).

Capítulo	Tema	Temática relacionada a Ciência Política
Und. 2	A Sociologia pré-científica	<ul style="list-style-type: none"> ● Maquiavel: o criador da ciência política. ● A visão laica da sociedade e do poder. ● A república para Maquiavel. ● Legitimidade e liberalismo. ● As duas faces do liberalismo.
Und. 3	A Sociologia clássica	<ul style="list-style-type: none"> ● As relações políticas.
Und. 5	Sociologia contemporânea	<ul style="list-style-type: none"> ● Nova roupagem para uma antiga relação de dominação. ● As elites empresariais no período da formação dos Estadosnacionais. ● Estado de carência múltipla.
Und. 6	A Sociologia no Brasil	<ul style="list-style-type: none"> ● O golpe de 1964.

Fonte: Elaboração própria.

O livro didático apresenta guias importantes em sua organização. Nele observa-se que há propostas para se trabalhar o conteúdo curricular da Sociologia no Ensino Médio. Estas propostas estão relacionadas ao desenvolvimento de atividades inerentes à compreensão dos textos, interpretação, problematização e à pesquisa. Soma-se a isto o fato de, ao final de cada capítulo, haver sugestões e leituras complementares para aprimoramento do conteúdo estudado.

Na composição deste manual, percebe-se a presença de fotografias, charges, tabelas, gráficos, mapas, quadros, exercícios e temas para serem debatidos em sala de aula. Salienta-se, também, que, embora exista o uso de imagens neste manual, elas estão em preto e branco, diferentemente dos outros livros didáticos que analisamos, constituindo, assim, uma estética equivalente a uma cópia.

Nesse didático, docentes e discentes têm a oportunidade durante o ano letivo de conhecerem inúmeras temáticas referentes à Ciência Política, com especial destaque para: o

fundador da Ciência Política moderna, o fenômeno e as relações de poder como fenômeno humano; o papel desempenhado pelas elites empresariais; as atribuições do Estado e os fatores que desencadearam o Golpe Militar em 1964 como uma nova forma de organização do poder antidemocrático no Brasil.

Os temas da Ciência e da Sociologia Política tais como: "Estado", "poder", "política", "democracia" e "dominação" estão também presentes nos documentos norteadores oficiais do Ensino Médio. Nas OCNEMs (2006), por exemplo, as categorias “poder” e “democracia” estão contempladas. Estas temáticas que podem ser discutidas tanto pela Ciência Política como pela Sociologia Política são fundamentais para a construção de um saber-prático no Ensino Médio, voltado para a cidadania e à cultura cívico-republicana.

É possível também identificar que o livro de Cristina Costa (2005) apresenta, em sua totalidade, uma linguagem textual um tanto acadêmica e de difícil acesso para aqueles(as) que se encontram no Ensino Médio. Os textos produzidos por Costa (2005) dificultam, por assim dizer, a compreensão e a traduzibilidade de conceitos, temas e teorias. Ao fazer isso, distancia-se da proposta que é a produção de um saber das Ciências Sociais voltado para o Ensino Médio. O livro não torna acessível o saber produzido nas Ciências Sociais para aqueles(as) que estão acessando este conhecimento, muitos(as) deles(as), pela primeira vez. Talvez este seja um dos motivos que tenha levado este manual a ser rejeitado pelos(as) professores(as) do Estado da Paraíba, tendo em vista que muitos dos(as) professores(as) que lecionaram o componente curricular Sociologia, quando da sua reinserção no Ensino Médio, não tinham formação acadêmica na área.

Autores como Thomas Morus (1478-1535), Maquiavel (1469-1527), Newton Bignotto (1957), Karl Mannheim (1893-1947), Leo Kofler (1907-1995), René Rémond (1918-2007), Karl Marx (1818-1883), Engels (1820- 1895) e Fernando Henrique Cardoso (1931) são mobilizados por Costa (2005) para o desenvolvimento das temáticas propostas em seu manual didático.

O segundo livro analisado em nossa pesquisa é o de Nelson Dacio Tomazi (2010). Dividido em sete unidades, com vinte e três capítulos e mais um apêndice contendo os pressupostos, origem e desenvolvimento da Sociologia. Desses, apenas nas unidades quatro e cinco constam temáticas direcionadas para a Ciência Política, conforme percebemos a seguir.

Quadro 2 - Temáticas da Ciência Política presentes no livro *Sociologia: para o Ensino Médio*, organizado por Nelson Dacio Tomazi.

Capítulo	Tema	Temática relacionada a Ciência Política
Und. 4	Poder, Política e Estado	<ul style="list-style-type: none"> • Como surgiu o Estado moderno. • O poder e o Estado. • Poder, política e Estado no Brasil. • A democracia no Brasil.
Und. 5	Direitos, cidadania e movimentos sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Direitos e cidadania. • Os movimentos sociais. • Direitos e cidadania no Brasil. • Os movimentos sociais no Brasil.

Fonte: Elaboração própria.

O manual didático de Tomazi (2010) foi aprovado pelo PNLD, para o exercício trienal de 2012, 2013 e 2014. Na composição do livro, têm-se tabelas, imagens, fotos, desenhos, quadros, anúncios de jornais, charges, propostas de exercícios e sugestões de livros para leitura. Essas recomendações são fundamentais para o desenvolvimento das práticas de ensino e das atividades pedagógicas como recursos didáticos, conforme as Orientações Curriculares Nacionais *para o Ensino Médio* (2006). Ao final de cada capítulo, o autor propõe várias leituras e atividades, além de textos para reflexão e pesquisa. Também se encontra organizado, neste manual didático, um apêndice contando a história, origem e desenvolvimento da Sociologia, bem como seus pressupostos. As temáticas voltadas para a Ciência e a Sociologia Política estão organizadas e acompanhadas por ilustrações que contribuem para uma melhor compreensão e mediação dos conteúdos, tanto por parte dos(as) docentes como dos(as) discentes.

Nelson Dacio Tomazi (2010) propõe na unidade quatro, *Poder, Política e Estado*, temáticas referentes ao surgimento do Estado moderno; o poder, o Estado e a política no Brasil; além da temática da democracia. Na unidade cinco, *Direitos, Cidadania e Movimentos Sociais*, os(as) estudantes têm a oportunidade de se debruçar sobre temáticas tais como: direitos, cidadania e os movimentos sociais no Brasil.

Os autores que Tomazi (2010) mobiliza para desenvolver as temáticas são: John Maynard Keynes (1883-1946), Friedrich von Hayek (1899-1992), Milton Friedman (1912-2006), Octávio Ianni (1926-2004), Nobert Elias (1897-1990), Karl Mannheim (1893-1947), Karl Marx (1818- 1883), Émile Durkheim (1858-1917), Max Weber (1864-1920), Hélio Jaguaribe (1923-2018), Guerreiro Ramos (1915-1982), Francisco Weffort (1937), Rubem Alves (1933-2014), Paulo Nogueira Batista Jr (1955), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), T.H. Marshall (1893-

1981), Renato Janine Ribeiro (1949), Zygmunt Bauman (1925-2017), Durval de Noronha Goyos (1951), Axel Honneth (1949), Branca Moreira Alves (1940), Jacqueline Pintanguy (1960), Florestan Fernandes (1920-1995) e Alencar Isidoro (1978). Os recursos propostos pelo autor para se trabalhar em sala de aula são exercícios de aprimoramento de conteúdo, trabalhos em grupos e realização de pesquisas.

Ensinar Sociologia no Ensino Médio exige-se, por parte do(a) docente, um esforço que possibilite o(a) estudante desenvolver um novo *habitus* linguístico. Esse *habitus* não se constrói do dia para a noite e, nem tampouco, sem o esforço prático de assimilação e reiterada prática voltada para o hábito de ler e escrever. Em poucas palavras: requer ginástica laboral. Deve-se observar, também, que o ensino da Ciência Política e da Sociologia Política, no Ensino Médio, atravessam dificuldades inerentes à maneira como está estruturado o currículo nesta etapa da Educação Básica. A Ciência Política, particularmente, divide-se, ainda, com a Sociologia e a Antropologia no Ensino Médio. Conforme destaca Magalhães (2012, p. 138), "o problema também se agrava com o fato de que a ciência política se efetiva sob a égide "Sociologia", dividindo espaço escasso (geralmente de uma aula semanal) com a Sociologia e a Antropologia".

O terceiro livro didático analisado em nossa pesquisa foi organizado por Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia Galli O'Donnel (2013).

A Ciência Política e a Sociologia Política no Ensino Médio devem problematizar as questões que envolvem o cotidiano e as relações de poder, o Estado e suas diferentes configurações e os dispositivos de dominação no contexto em que o(a) aluno(a) se encontra inserido. Deve problematizar a vida do(a) próprio(a) aluno(a), sua existência real com suas implicações nos diversos campos de disputa, sejam eles, ético-moral, religioso, cultural, econômico, social e/ou político. Reflexões desta natureza permitirão construir sentidos e, ao mesmo tempo, dar sentido ao discurso das Ciências Sociais trabalhadas no Ensino Médio. Isto contribuirá para o despertar do conhecimento.

Quadro 3 - Temáticas da Ciência Política presentes no livro *Tempos modernos, tempos de Sociologia*, organizado por Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia O’Donnell.

Capítulo	Tema	Temática relacionada a Ciência Política
PARTE I – SABERES CRUZADOS		
Cap. 1	A chegada dos “tempos modernos”	<ul style="list-style-type: none"> • Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789.
Cap. 3	Saber sobre o que está distante	<ul style="list-style-type: none"> • A sociedade contra o Estado.
Cap. 4	Saber sobre a astúcia e as manhas da política	<ul style="list-style-type: none"> • Tempos modernos e a nova ordem política. • Poder, obediência e suas veredas. • Democracia e Ciência Política no Brasil. • A política na vida contemporânea.
PARTE II – A SOCIOLOGIA VAI AO CINEMA		
Cap. 10	As muitas faces do poder	<ul style="list-style-type: none"> • Curar e adestrar, vigiar e punir. <ul style="list-style-type: none"> • O poder da resistência. • Os corpos dóceis e o saber interessado.
PARTE III – A SOCIOLOGIA VEM AO BRASIL		
Cap. 16	O Brasil ainda é um país católico?	<ul style="list-style-type: none"> • Em que acreditam os brasileiros? • O que diz o Estado e o que faz a sociedade?
Cap. 19	Participação política, direitos e democracia	<ul style="list-style-type: none"> • A vida escrita de um país <ul style="list-style-type: none"> • De volta à democracia. • Democracia se aprende, cidadania também. • Uma história do voto no Brasil. <ul style="list-style-type: none"> • Cidadãos de que classe? • Comissão da verdade no Brasil.

Fonte: Elaboração própria.

O manual didático foi aprovado pelo PNLD para o triênio de 2015/ 2016/ 2017. Leituras complementares, questões e exercícios voltados para o Enem permeiam o livro. As autoras propõem, ainda, exercícios de recapitulação dos conteúdos estudados, ou seja, produções de sínteses. Conceitos sociológicos são apresentados de maneira bem didática, fazendo o uso de fotografias e charges para ilustrar os capítulos. Assim, os(as) estudantes são convidados a exercitar a imaginação sociológica. Todos os conceitos sociológicos permeados no livro são colocados ao seu final para consulta dos(as) professores(as) e estudantes.

Este manual didático está dividido em três partes. Dos vinte e dois capítulos, seis são destinados a temáticas da Ciência Política. Na *Parte I – Saberes cruzados*; encontram-se vários temas desenvolvidos pelas autoras, como, *A chegada dos tempos modernos*, que, contido em seu primeiro capítulo, oferece através de leitura complementar a possibilidade de se conhecer mais detalhadamente a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de

1789. No capítulo três, *Saber sobre o que está distante*, a temática ofertada para os estudantes é a de compreender a sociedade contra o Estado. *Tempos modernos e a nova ordem política, obediência e suas veredas, democracia e ciência política no Brasil, a política na vida contemporânea*, são temáticas referentes ao tema, *Saber sobre a astúcia e as manhas da política*, propostas no capítulo quatro. Na *Parte II – A Sociologia vai ao cinema*; encontramos no capítulo dez, *As muitas faces do poder*, temáticas voltadas para *curar e adestrar, vigiar e punir, o poder da resistência, os corpos dóceis e o saber interessado*. Já na *Parte III – a Sociologia vem ao Brasil*; no capítulo dezesseis, *O Brasil ainda é um país católico? Em que acreditam os brasileiros? O que diz o Estado e o que faz a sociedade?* são temáticas que se espera que sejam respondidas e compreendidas pelos(as) estudantes em sala de aula. Por fim, no capítulo dezenove, *Participação política, direitos e democracia*, busca-se compreender as temáticas: *sobre a vida escrita de um país, de volta à democracia, democracia se aprende, cidadania também, uma nova história do voto no Brasil. Cidadãos de que classe? E a comissão da verdade no Brasil*. Enfim, neste livro, vários temas comuns da Ciência e da Sociologia Política são propostos para o Ensino Médio.

O que se tem questionado, ultimamente, com a retomada da Sociologia no Ensino Médio, é que tal componente curricular causa um grande estranhamento, gerando impacto quase repulsivo na mente dos(as) alunos(as). Isto faz com que a Sociologia precise de mais tempo para serem mais bem trabalhados os conteúdos por ela abordados. É importante entender que a Sociologia no Ensino Médio contribui para o desenvolvimento de uma nova atitude cognitiva entre os(as) estudantes.

Os(As) autores(as) mobilizados para se pensar as temáticas são: Micheline R. Ishay (1962), Pierre Clastres (1934-1977), Nicolau Maquiavel (1469-1527), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Robert Dalh (1915-2014), Victor Nunes Leal (1914-1985), Ulysses Guimarães (1916-1992), Michel Foucault (1926-1984), Márcio Ferreira (1907-1968), Antonio Flávio Pierucci (1945-2012), Roger Bastide (1898-1974), Paula Monteiro, T.H. Marshall (1893-1981), Elisa Reis (1946), Wanderley Guilherme dos Santos (1935-2019) e Rafael Neves (1982). As leituras complementares, exercícios, tabelas e gráficos são os recursos propostos pelas autoras para se trabalhar em sala de aula.

Devido às intermitências provocadas ao longo do tempo, a disciplina se fragilizou, por não assumir uma tradição curricular no Ensino, Médio, além de muitos professores(as) sem formação atuarem na área. Isto soma-se à ausência de materiais de suporte didático-

pedagógico. O ensino da Ciência Política e da Sociologia Política na escola atravessa uma série de relações que devem ser descortinadas para um melhor entendimento

A recente (re) inserção da sociologia no ensino médio fez ressurgir o debate em torno do ensino das Ciências Sociais. Desde então, quais e como os conteúdos devem ser abordados vem sendo indicações presentes no cotidiano de educadores e pesquisadores. É certo que a falta de tradição no ensino médio, a escassez de material didático e professores não habilitados contribuem para essa fragilização. (BODART E LOPES, 2017, p. 137).

O quarto manual didático analisado foi estruturado por Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim (2016). Sua divisão é composta por doze capítulos. Desses, somente quatro capítulos abordam temas direcionados para a Ciência Política. É o que iremos constatar no quadro abaixo.

Quadro 4 - Temáticas da Ciência Política presentes no livro *Sociologia: volume único: Ensino Médio*, organizado por Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim.

Capítulo	Tema	Temática relacionada a Ciência Política
Cap. 1	As Ciências Sociais nasceram com a Modernidade	<ul style="list-style-type: none"> • A trajetória da Ciência Política.
Cap. 2	Viver em sociedade: desafios e perspectivas das Ciências Sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdade social e dominação. • Dominação e a realidade social brasileira.
Cap. 8	Cidadania, política e Estado	<ul style="list-style-type: none"> • Cidadania é uma conquista. • Políticas públicas: dilemas da cidadania. • Condições da cidadania no Brasil. • Poder e Política: exercício e participação. • Cidadania: entre o público e o privado. • Estado e Sociedade. • Estados e governos.
Cap. 9	Movimento sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Movimentos sociais, classes e pobreza. • Características dos Movimentos Sociais. • Breve histórico dos Movimentos Sociais. • Movimentos Sociais na América Latina. • Movimentos sociais latino-americanos e o Estado neoliberal. • A exclusão social e os movimentos sociais na atualidade.

Fonte: Elaboração própria

Os temas relacionados à Ciência e à Sociologia Política desenvolvidos por Araújo,

Bridi e Motim (2016), neste manual didático, correspondem ao capítulo um, *As Ciências Sociais nasceram com a modernidade*, o(a) estudante terá acesso nesta temática a informações a respeito da trajetória da Ciência Política. Desigualdade social e dominação, dominação e a realidade social brasileira são temáticas acrescentadas no capítulo dois, *Viver em sociedade: desafios e perspectivas das Ciências Sociais*. Já no capítulo oito, *Cidadania, política e Estado*, os(as) estudantes têm acesso a informações sobre a conquistada cidadania, políticas públicas e os dilemas da cidadania, condições da cidadania no Brasil, poder e política no exercício da participação, cidadania no público e no privado e Estados, sociedade e governos. Os recursos propostos para se trabalhar em sala de aula pautam-se em leituras complementares, exercícios, charges, tabelas, gráficos e debates.

Os autores impulsionados pelas autoras para se pensar as temáticas propostas no manual didático foram: Aristóteles (384 a.c-322 a.c), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704), Jean Bodin (1530-1596), Maquiavel (1469-1527), Charles de Montesquieu (1689-1755), Alexis de Tocqueville (1805-1859), Karl Marx (1818-1883), Max Weber (1864-1920), Pedro Demo (1941), Vilfredo Pareto (1848-1923), Gaetano Mosca (1858-1941), Antonio D. Cattani (1955), Francisco Kiehl, Herbert de Sousa (1935-1997), Immanuel Kant (1724-1804), Thomas Humphrey Marshall (1893-1981), Marco Aurélio Santana, Roberto Vêras Oliveira (1961), Maria Auxiliadora Guzzo Decca (1946), Wanderley Guilherme dos Santos (1935- 2019), Zygmunt Bauman (1925-2017), Hannah Arendt (1906-1975), Friedrich Engels (1820-1851), Antonio Gramsci (1891-1937), Louis Althusser (1918-1990), Nicos Poulantzas (1936-1979), Octavio Ianni (1926-2004), Göran Therborn (1941), Edward Thompson (1924-1993), Alain Touraine (1925), Boaventura de Sousa Santos (1940), Ruth Cardoso (1930- 2008), Claus Offe (1940), Glória Gohn (1947), Hilary Silver (1947) e Robert Castel (1933-2013).

As autoras trazem uma sinopse na capa de cada capítulo, descrevendo o que será estudado em cada um, como forma de apresentação. Figuras, fotografias, tabelas, gráficos, quadros, etc, compõem o respectivo livro, que obteve sua aprovação junto ao PNLD, para o triênio de 2018/ 2019/ 2020. A sistematização no final de cada capítulo corresponde à seguinte forma: diálogos interdisciplinares, conceitos-chave, revisar e sistematizar, teste seus conhecimentos e habilidades, descubra mais e, por fim, a bibliografia trabalhada em cada capítulo, contendo as capas dos livros estudados pelas autoras para a elaboração do material. Essas sugestões ajudam o(a) professor(a) a adentrar numa leitura mais aguçada, posteriormente. No final do livro, as autoras destinam oito páginas com questões do Enem e

de vestibular para os(as) estudantes se debruçarem. No que tange às temáticas da Ciência Política nos currículos de Sociologia nas escolas estaduais de Ensino Médio, principalmente, na região Nordeste

A presença da temática “Cidadania” não nos é surpresa, uma vez que nos anos de 1990 tal temática passou a ganhar centralidade nos documentos oficiais destinados a apontar o novo projeto de sociedade proposto pela Educação brasileira. (BODART; LOPES, 2017, p. 142).

Vejamos as informações contidas no quadro:

TEMAS DE CIÊNCIA POLÍTICA	ESTADOS
Cidadania/ Democracia/ Movimentos Sociais	AL
Cidadania/ Democracia/ Esferas de participação política/ Estado/ Movimentos Sociais/ Poder	BA
Cidadania/ Autoritarismo-Autoridade/ Esfera de participação política/ Estado/ Movimentos Sociais/ Poder	CE
Cidadania/ Democracia/ Esfera de participação política/ Estado/ Sociedade-Relações políticas/ Formas – Sistemas de Governo/ Movimentos Sociais/ Poder	PB
Cidadania	PI
Cidadania/ Democracia/ Eleições-Voto/ Esfera de participação política/ Estado/ Formas – Sistemas de Governo/ Movimentos Sociais/ ONG's/ Partidos políticos/ Poder	SE

Fonte: Tabela elaborada por Bodart e Lopes (2017).

No outro quadro elaborado pelos autores supracitados, percebemos que o estado que mais apresenta uma diversidade de temas referente à Ciência Política é o estado de Sergipe, com dez (10) propostas curriculares. Enquanto isso, o estado do Piauí é o que menos propõe, somente uma (1) temática. Os temas comuns à Ciência Política e à Sociologia Política, normalmente, são indicados para serem ministrados nas 2ª e 3ª séries. Conforme podemos constatar a seguir:

Temas de Ciência Política	Frequência por currículo				
	1º ano	2º ano	3º ano	Não identificável	Ensino Médio
Autoridade/ autoritarismo	0	1	0	0	1
Cidadania	1	3	4	1	9
Controle Social	0	0	0	0	0
Contrato Social	0	0	0	0	0
Democracia	1	2	3	0	6
Eleições/ voto	0	0	1	0	1
Esferas de participação política	0	3	2	0	5
Estado	0	3	2	0	5
Sociedade/ Relação Política	0	1	1	0	2
Formas/ sistema de Governo	1	1	2	0	4
Movimentos Sociais	0	4	2	0	6
ONGs	0	0	1	0	1
Partidos Políticos	0	0	1	0	1

Poder	0	3	2	0	5
Regimes Políticos	0	0	0	0	0
Sociedade Civil	0	0	0	0	0
Total	3	21	21	1	46

Nota: O currículo do Pernambuco, Maranhão e Rio Grande do Norte não se encontravam disponíveis na *internet* no período da coleta de dados.

Fonte: Tabela elaborada por Bodart e Lopes (2017).

Os temas de Ciência Política aparecem em todas as séries do Ensino Médio, embora sua presença marque consideravelmente as propostas curriculares do 3º ano, enquanto, no 1º ano, os temas aparecem poucas vezes. Os temas mais indicados pelas propostas curriculares são respectivamente “Cidadania”, “Movimentos Sociais”, “Estado”, “Democracia” e “Poder”. Esses mesmos temas são os mais indicados imprecisamente nos currículos, quanto à série a ser abordada pelo(a) professor(a) de Sociologia. Considerando que a Ciência Política esteja mais presente no 3º ano, os temas “Cidadania”, “Movimentos Sociais” e “Democracia” são os mais indicados. Essa configuração parece indicar que temos, no Ensino Médio, o 3º ano como lócus da Ciência Política no interior do ensino de Sociologia. (BODART; LOPES, 2017, p. 148).

Antes de finalizar esta análise, é importante expressar que um livro passa a ser “inteligível”, segundo Meksenas (1995), quando exerce a capacidade de despertar nos seus leitores uma necessidade de compreender o seu cotidiano, tendo em vista outras perspectivas. Os estudantes do Ensino Médio precisam desenvolver a sua imaginação sociológica, realizar e interpretar os textos explicitados no livro didático e, também, educar o olhar, a fim de processar as informações adquiridas, para que essas se transformem em saberes práticos e plausíveis. Sendo assim, o uso do filme em sala de aula é indispensável. Outrossim, se faz oportuno conhecer como se constitui a lista filmica desses manuais didáticos, o que vem sendo proposto como cinematografia para o Ensino Médio e, se esses, se adequam ou não ao tempo da hora/aula do componente curricular, desde que a Sociologia retornou ao currículo escolar.

3.2 A CINEMATOGRAFIA PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS

Devemos compreender que a arte possui importância fundamental dentro do contexto educacional. Segundo Benjamin, duas funções fundamentais da arte são: 1) Familiarizar a humanidade com certas imagens, antes que sejam dados à consciência os fins em cuja perseguição tais imagens são criadas; e 2) Auxiliar tendências sociais, cuja realização no próprio ser humano seria destrutiva, a se concretizar no mundo das imagens. (Benjamin,

2019, pp. 42-43). Nesse sentido, apresentamos a composição da cinematografia presente nos manuais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio, dos últimos doze anos.

Quadro 5 - Cinematografia presente no livro *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*, organizado por Maria Cristina Castilho Costa. (Triênio PNLD - 2009/ 2010/ 2011).

Filme	Diretor	Duração	Ano	País
Na montanha dos gorilas	Michel Apted	130 min	1988	EUA
Shakespeare apaixonado	John Madden Guiliano Montaldo	123 min	1998	EUA
A inglesa e o duque	Eric Rohmer	128 min	2001	França
O homem aranha II	Sam Raimi	127 min	2004	EUA
Lugar nenhum na África	Caroline Link	141 min	2003	Alemanha
Os deuses devem estar loucos	Jaime Uys	90 min	1981	Botsuana
Tempos modernos	Charles Chaplin	85 min	1936	EUA
Adeus, Lênin!	Wofganger Becker	118 min	2003	Alemanha
Filadélfia	Jonathan Demme	125 min	1993	EUA
Queimada!	Gillo Pontecorvo	112 min	1969	Itália
O último imperador	Bernardo Bertolucci	165 min	1987	EUA/Itália/ Inglaterra
Matrix	Andy e Larry Wachowski	136 min	1999	EUA
A lista de Schindler	Steven Spielberg	195 min	1993	EUA
Muito mais que um crime	Costa-Gavras	120 min	1989	EUA
O quadrilho	Fábio Barreto	120 min	1994	Brasil
Central do Brasil	Walter Salles	113 min	1998	Brasil
Peões	Eduardo Coutinho	85 min	2004	Brasil
Xingu	Washington Novaes	120 min	1985	Brasil
Carlota Joaquina, princesa do Brasil	Carla Camuratti	-	1994	Brasil
Ilha das flores	Jorge Furtado	35 min	1989	Brasil
Ernesto Varela, de Serra Pelada a Nova York	Fernando Meireles e Marcelo Tais	-	1984/85	Brasil
Notícias de uma guerra particular	Walter Salles	-	1999	Brasil
Janelas da alma	João Jardim e Walter Carvalho	73 min	2000	Brasil
Diários de motocicleta	Walter Salles	105 min.	2004	Brasil
Bye Bye Brasil	Carlos Diegues	105 min	1979	Brasil
Socorro nobre	Walter Salles	-	1995	Brasil

Fonte: Elaboração própria.

Neste manual, a proposta do catálogo filmica foi intitulada de “*Aplicação de Conceitos*”. Em sua coletânea didática, Cristina Costa (2005) selecionou 26 filmes para o ensino de Sociologia, sendo 21 deles de longa-metragem, o que, reforçamos aqui, acaba dificultando o aprimoramento de conhecimento por parte dos(as) estudantes, além de não corresponder ao tempo hora/aula em que é ministrado o componente curricular de Sociologia no Ensino Médio. Filmes de longa-metragem dos quais se fragmentam “as melhores partes”, fragmentando, também, o conhecimento dos(as) discentes. É proposto 01 filme de curta-

metragem e 04 que não apresentam duração de tempo, dificultando assim o trabalho do(a) professor(a) em relação ao planejamento de suas aulas. Dos quatro filmes que não apresentam duração de tempo, em uma pesquisa realizada constatamos que, 02 são filmes de longa-metragem e 02 são curtas. A própria Cristina Costa (2005) acredita que o conhecimento sociológico exige uma tomada de consciência e pode levar a um maior comprometimento e responsabilidade para com a sociedade em que se vive. A cinematografia organizada pela autora dialoga com todas as temáticas contidas no livro didático.

É incumbência do ensino de Sociologia, segundo os PCNs (2000), proporcionar aos(as) estudantes do Ensino Médio as condições necessárias para que possam compreender questões como políticas clássicas e contemporâneas, mundiais e nacionais, além do conceito de Estado, as relações entre público e privado, as dinâmicas do poder, o exercício da democracia, a cidadania e os movimentos sociais. Neste sentido, o cinema de curta-metragem configura-se como um recurso pedagógico potencializador para a apresentação, conhecimento e debate de todas essas questões dentro do processo de ensino e aprendizagem.

O que se pretende é que a escola utilize os meios de comunicação, no caso proposto em nosso trabalho, mais especificamente o cinema, de maneira coerente em sala de aula. Os(As) estudantes precisam ser educados(as) a entenderem a importância que o cinema de curta-metragem exerce na escola. sobretudo, por serem mais diversos em estilo, forma e conteúdo, diferentemente da padronização imposta pela hegemonia fílmica proposta nos livros didáticos.

A maior parte da sociedade está extremamente condicionada e conformada a assistir e apreciar a cinematografia norte-americana, em sua grande maioria, nas TVs abertas ou pagas, internet, aparelhos de celulares, etc., como referencial fílmico. Isso possibilitou que, ao longo do tempo, os agentes sociais adquirissem uma consciência linear, conformista, alienada e padronizada (ADORNO, 1986).

Quando se exhibe um filme que foge dessa “padronização narrativa” em sala de aula, muitos(as) estudantes resistem a aceitar essa cinematografia de curta duração, justamente, porque não estão habituados(as) a não linearidade e a duração de tempo propostos nesses filmes. O filme na sala de aula potencializa o desenvolvimento da capacidade cognitiva, criativa e reflexiva dos(as) estudantes.

Quadro 6 - Cinematografia presente no livro *Sociologia: para o Ensino Médio*, organizado por Nelson Dacio Tomazi. (Triênio PNLD 2012/2013/2014).

Filme	Diretor	Duração	Ano	País
Billy Elliot	Stephen Daldry	-	2000	Inglaterra
Dogville	Lars von trier	-	2003	Alemanha/ França/
O homem bicentenário	Chris Columbus	-	1999	EUA
Syriana	Stephen Gaghan	-	2005	EUA
Tempos modernos	Charles Chaplin	-	1936	EUA
Minority report	Steven Spielberg	-	2002	EUA
V de vingança	James Mc-Teigue	-	2005	EUA
Sacco e Vanzetti	Umberto Marino	-	1972	Itália
Spartacus	Stanley Kubrick	-	1960	EUA
Cidadão Kane	Orson Welles	-	1941	EUA
Violação de privacidade	Omar Naim	-	2004	EUA
Quando explode a vingança	Sérgio Leone	-	1971	Itália
Reds	Warren Beatty	-	1981	EUA
Revolução	Hugh Hudson	-	1985	EUA
Eles não usam black-tie	Leon Hirszman	-	1981	Brasil
Central do Brasil	Walter Salles	-	2000	Brasil
Domésticas – o filme	Fernando Meirelles	-	2001	Brasil
Terra em transe	Glauber Rocha	-	1967	Brasil
O que é isso companheiro?	Bruno Barreto	-	1997	Brasil
O velho – a história de Luiz Carlos Prestes	Toni Venturi	-	1997	Brasil

Fonte: Elaboração própria.

O referido livro ficou em exercício no triênio (2012/2013/2014). A parte destinada, especificamente, ao cinema encontra-se ao final de cada capítulo, em uma seção intitulada “*Sugestões de Filmes*”. O autor do manual didático não teve a preocupação de acrescentar um dado relevante na hora de organizar o livro, pois nele não consta a duração de nenhum dos filmes indicados. Dos 20 filmes propostos por Tomazi para se trabalhar em sala de aula no Ensino Médio, 14 são estrangeiros e, somente, 06 são brasileiros. Notamos mais uma vez que a cinematografia estrangeira domina os livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio. Isso ocorre pela grande influência exercida pela indústria do cinema norte-americano em todo o mundo. Dos vinte filmes que não constam duração de tempo, na pesquisa realizada em busca dessas durações constatamos que, todos os filmes são de longa-metragem.

O cinema como um bem cultural, deve constituir-se como uma ferramenta relevante com capacidade de possibilitar aos(as) estudantes uma consciência ativa e disposta a compreender, interpretar e transformar o meio social em que se encontram inseridos(as).

Como um bem de consumo, a utilização do curta-metragem deve ser legítima, fortalecendo o ambiente escolar, para que este seja acessível e democrático a todos(as) os(as) professores(as), estudantes e profissionais da educação como um todo. O uso do cinema na escola deve proporcionar nos(as) agentes sociais a capacidade de mobilização e libertação, possibilitando o desenvolvimento de suas habilidades e capacidades em seu processo emancipatório.

O liberalismo econômico levou a consolidação dos Estados Unidos como o grande produtor mundial de cinema e todos os outros países, majoritariamente, se viram transformados como meros consumidores dessa produção. Mesmo considerando o grande crescimento da produção cinematográfica de vários países asiáticos ou mesmo da América Latina, ou mesmo do Brasil, o quadro permanece de inquestionável hegemonia norte-americana. (DURÃO; ZUIN; VAZ, 2008, p. 98).

Muitos dos filmes estrangeiros sugeridos nos manuais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio são de longa duração, e não contemplam o tempo hora/aula previsto para a realização da aula dentro dos cinquenta minutos. As implicações didático-pedagógicas ocorrentes com o uso desses filmes geradores de “cenas principais do filme”, resulta entre os(as) estudantes na dificuldade de compreensão do todo. Os(As) docentes acabam passando somente as partes principais do filme, ocasionando a fragmentação também do aprendizado. Para tanto, se faz necessária a proposta de se trabalhar nas aulas de Sociologia com filmes de curta-metragem, porque, esses contemplam o tempo hora/aula determinado para a ministração da aula. O curta-metragem possui uma linguagem clara, objetiva e sucinta. Os filmes de curta duração ajudam os(as) estudantes de Sociologia a desenvolverem uma autonomia pautada em significados

a imaginação sociológica é a qualidade intelectual mais necessária, cuja promessa reside na possibilidade de entendimento das realidades últimas relacionadas à realidade social mais ampla, de “abrir caminho para novos começos”, em suma, indicar algumas tarefas à mão e, os meios disponíveis para realizar o trabalho. (MILLS, 1975).

A visão adorniana constituída sobre a indústria cultural está pautada em cinco momentos importantes, apontados por Costa, Palheta, Mendes e Loureiro (2003) como sendo: a visão geral da indústria cultural; a cultura como mercadoria; a mercadoria cultural; a publicidade como elixir e o esclarecimento como mistificação das massas e o processo ideológico. Como já dissemos antes, diferentemente da visão negativista e do caráter

alienador definidos por Adorno (1986), para Benjamin (2019), o cinema possui uma função revolucionária, é justamente a partir da perspectiva dessa função revolucionária que defendemos que o cinema deva ser pensado e utilizado em sala de aula.

Quando se exhibe um filme, principalmente, em sala de aula, deve-se levar em consideração a subjetividade de cada sujeito participante, sejam eles(as) docentes ou discentes. É importante entender que, dentro do processo de interpretação subjetiva, a história de vida de cada um(a) passa por processos de significação e ressignificação no que concerne o ensino e aprendizagem.

Quadro 7 - Cinematografia presente no livro *Tempos modernos, tempos de Sociologia*, organizado por Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia O'Donnell. (Triênio PNLD - 2015/ 2016/ 2017).

Filme	Diretor	Duração	Ano	País
Forrest Gump: o contador de histórias	Robert Zemeckis	142 min.	1994	EUA
O mercador de Veneza	Michael Radford	138 min.	2005	EUA
1492. A conquista do paraíso	Ridley Scott	148 min.	1992	Espanha/ França/ Inglaterra
Oliver Twist	Roman Polanski	130 min.	2005	Várias nacionalidades
Os miseráveis	Billie August	131 min.	1998	EUA
O enigma de Kaspar Houser	Werner Herzog	110 min.	1974	Alemanha
Charlie: A vida e a arte de Charlie Chaplin	Richard Schickel	132 min.	2003	EUA
Tempos modernos	Charlie Chaplin	87 min.	1936	EUA
Casamento grego	Joel Zwick	103 min.	2003	EUA/ Canadá
Amor sem escalas	Jason Reitman	109 min.	2009	EUA
Machuca	Andrés wood	120 min.	2004	Chile
A fuga das galinhas	Peter Lord e Nick Park	84 min.	2000	Reino Unido
Jornada pela liberdade	Michael Apted	117 min.	2006	EUA/ Reino Unido
Daens, um grito de justiça	Stijin Coninx	138 min.	1992	Bélgica/ França/ Holanda
Anjos rebeldes	Katja von Garnier	125 min.	2004	EUA
Em busca da liberdade	Don MC Brearty	90 min.	2004	EUA
Sociedade dos poetas mortos	Peter Weir	129 min.	1989	EUA
Santa Paciência	Josh Appignanesi	105 min.	2010	Reino Unido
Crash – no limite	Paul Haggis	113 min.	2004	EUA
O diabo veste Prada	David Frankel	109 min.	2004	EUA
O grande ditador	Charlie Chaplin	124 min.	1940	EUA
A rede social	David Fincher	121 min.	2010	EUA
Memórias póstumas de Brás Cubas	André Klotzel	101 min.	2001	Brasil
Muita terra para pouco índio?	Bruno Pacheco de Oliveira	24 min.	-	Brasil

Porta a porta – a política em dois tempos	Marcelo Brennand	80 min.	2009	Brasil
Raça humana	Dulce Queiroz	42 min.	2010	Brasil
O dia em que Dorgival encarou o guarda	Jorge Furtado	14 min.	1996	Brasil
A saga do Prêmio Nobel	-	25 min.	-	Brasil
Motoboy: vida louca	Caíto Ortiz	52 min.	2003	Brasil
Aquele cara	Rafael Coutinho	6 min.	2006	Brasil
Condor	Roberto Mader	103 min.	2007	Brasil
Juízo	Maria Augusta Ramos	90 min.	2007	Brasil
A alma do negócio	José Roberto Torero	8 min.	1996	Brasil
Narradores de Javé	Eliane Caffé	100 min.	2003	Brasil
Central do Brasil	Walter Salles	113 min.	1998	Brasil
Olhar estrangeiro	Lúcia Murat	70 min.	2006	Brasil
Pro dia nascer feliz	João Jardim	88 min.	2006	Brasil
Índios no Brasil, quem são eles?	TV Escola	18 min.	-	Brasil
Peões	Eduardo Coutinho	85 min.	2004	Brasil
Domésticas, o filme	Nando Olival e Fernando Meireles	90 min.	2001	Brasil
O poder e a fé	Beto Schultz	18 min.	2004	Brasil
Santo forte	Eduardo Coutinho	80 min.	1999	Brasil
Multiplicadores	Lula Carvalho e Renato Martins	20 min.	2006	Brasil
Morte e vida Severina	Zelito Viana	85 min.	1977	Brasil
Reforma Universitária: o que é que eu tenho a ver com isso?	Felipe Peres Calheiros	-	2006	Brasil
O xadrez das cores	Marco Schiavon	-	2004	Brasil
Tempo de resistência	André Ristum	115 min.	2003	Brasil
Vlado – quase trinta anos depois	João Batista de Andrade	90 min.	2006	Brasil
Falção – Meninos do tráfico	Celso Athayde e M.V. Bill	125 min.	2006	Brasil
Silêncio das inocentes	Ique Gazzola	53 min.	2010	Brasil
Estamira	Marcos Prado	115 min.	2006	Brasil
Dois tempos – família Braz	Dorrit Harazim e Arthur Fontes	74 min.	2011	Brasil
Jeca Tatu	Milton Amaral	95 min.	1959	Brasil
O Auto da Compadecida	Guel Arraes	104 min.	2000	Brasil

Fonte: Elaboração própria.

As sugestões filmicas deste manual vêm denominadas de “*Sessão de Cinema*”, constando ao final de cada capítulo. Em todo o livro didático encontramos 54 filmes, divididos entre 44 longas-metragens e 10 curtas-metragens, todos contendo a informação sobre a duração de tempo, fator este, importante para o trabalho de planejamento das aulas pelo(a) professor(a). A proposta filmica dialoga com todas as temáticas organizadas no livro.

Com a retomada da Sociologia ao Ensino Médio, o cinema curtametragista tem muito a contribuir para a formação do(a) jovem estudante no Ensino Médio. Ao questionar, os(as) discentes acabam desmistificando ideologias, aprimorando, assim, o pensamento crítico e a imaginação sociológica. Exercitar um olhar crítico e reflexivo é uma das importantes

contribuições que a Sociologia deve fornecer e “É justamente nesse movimento de distanciamento do olhar sobre nossa própria realidade e de aproximação sobre realidades outras que desenvolvemos uma compreensão de outro nível e crítica.” (SARANDY, 2001, p. 2).

Na cinematografia organizada pelas autoras, percebemos que o cinema brasileiro prepondera por todo o livro didático, fator importante quando estamos falando constantemente em valorização do cinema nacional. Este é um dos manuais mais bem organizados em termos de sugestões filmicas.

O cinema deve ser pensado como uma ferramenta relevante dentro do processo de ensino e aprendizagem, e no Ensino Médio, especialmente, no que tange a Ciência Política e a Sociologia Política. Pensando em determinadas realidades sociais, devemos considerar que os meios de comunicação de massa, como o cinema, possuem papel relevante dentro desse processo de organização social em que os(as) agentes se encontram introduzidos(as). O cinema requer, segundo Codato (2010), um receptor que o vivencie, que complete sua significação e que lhe forneça sentido. Os filmes em sala de aula não devem ser utilizados, somente, em caráter assistencialista, contemplativo, mecânico ou formalista, deverá ser encarado como instrumento agregador de valores, portanto, sendo utilizado como ferramenta válida e libertadora dentro da educação.

Quadro 8 - Cinematografia presente no livro *Sociologia: volume único: ensino médio*, organizado por Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridie Benilde Lenzi Motim. (Triênio PNLD – 2018/ 2019/ 2020).

Filme	Diretor	Duração	Ano	País
Rocco e seus irmãos	Luchino Visconti	-	1960	Itália
Capitalismo: uma história de amor	Michael Moore	-	2009	EUA
O enigma de Kasparhauser	Werner Herzog	-	1974	Alemanha
Oliver Twist	Roman Polanski	-	2005	Reino Unido
A árvore da vida	Terrence Malick	-	2011	EUA
A família Bélier	Erick Lartigau	-	2014	França/ Bélgica
Kramer Vs. Kramer	Robert Benton	-	1979	EUA
Pai patrão	Paolo Taviani e Vittorio Taviani	-	1977	Itália
Coisa belas e sujas	Stephane Frears	-	2002	Inglaterra
Roger & eu	Michael Moore	-	1989	EUA
Dois dias, uma noite	Jean-Piere Dardenne e Luc Dardenne	-	2014	Bélgica
Revolução em Dagenham	Nigel Cole	-	2010	Reino Unido
O corte	Costa-Gavras	-	2005	Bélgica/ Espanha/ França
Daens	Stijin Coninx	-	1992	Bélgica/ França/

				Holanda
Infâncias roubadas	Gavin Hood	-	2007	Reino Unido/ África do Sul
Sob a luz da América	Roger Christian	-	2004	Índia
A partida	Yojiro Takita	-	2008	Japão
Matrix	Andy e Larry Wachownki	-	1999	EUA
Preenchendo o vazio	Rama Burshtein	-	2012	Israel
A árvore de tamancos	Ermanno Olmi	-	1978	Itália/ França
Domingo sangrento	Paul Greengras	-	2001	Inglaterra
O nome da Rosa	Jean-Jacques Annand	-	1986	Alemanha/ França/ Itália
A corporação	Mark a Chbar e Jenniefer Abbott	-	2003	EUA
Desaparecido, um grande mistério	Costa-Gavras	-	1982	EUA
O grande ditador	Charles Chaplin	-	1940	EUA
Conflito das águas	Iciar Bollain	-	2010	Espanha
A língua das mariposas	José Luíz Cuerda	-	1999	Espanha
Entre os muros da escola	Laurent Cantet	-	2008	França
Gênio indomável	Gus Van Sant	-	1997	EUA
Sociedade dos poetas mortos	Peter Weir	-	1989	EUA
Amigo é pra essas coisas	Pierre Jolivet	-	2005	França
68-Conflito de gerações	Stevan Kovacs	-	1987	EUA
Dersu Uzala	Akira Kurosawa	-	1975	União Soviética/ Japão
Erin Brockovich – Uma mulher de talento	Steven Soderbergh	-	2000	EUA
O futuro da comida	Deborah Koons Garcia	-	2004	EUA
Uma verdade inconveniente	Dawis guggenheim	-	2006	EUA
Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá	Silvio Tendler	-	2007	Brasil
Vista minha pele	Joel Zito Araújo	-	2004	Brasil
Doméstica	Gabriel Mascaro	-	2012	Brasil
Que horas ela volta?	Anna Mui Laert	-	2015	Brasil
Eles não usam black-Tie	Leon Hirszman	-	1981	Brasil
Quilombo	Cacá Diegues	-	1984	Brasil
Serra da desordem	Andrea Tonacci	-	2008	Brasil
O pagador de promessas	Anselmo Duarte	-	1962	Brasil
O ano em que meus pais saíram de férias	Cao Hamburger	-	2006	Brasil
O que é isso companheiro?	Bruno Barreto	-	1997	Brasil/ EUA
México em transe	Bruno Barreto	-	1996	Brasil
Santo e Jesus – metalúrgicos	Cláudio Kalms e Antônio Paulo Ferraz	-	1983	Brasil
As melhores coisas do mundo	Laís Bodanzki	-	2010	Brasil
Anos rebeldes	Denis Carvalho	-	1992	Brasil
Últimas conversas	Eduardo Coutinho	-	2014	Brasil
O sal da terra	Win Wenders e Juliano Salgado	-	2014	Brasil/ França/ Itália
Estamira	Marcos Brado	-	2004	Brasil
Ilha das flores	Jorge Furtado	-	1989	Brasil
O veneno está na mesa	Silvio Tendler	-	2012	Brasil

Fonte: Elaboração própria

Neste livro didático, a parte destinada à cinematografia é denominada “*As Ciências Sociais no Cinema*”, sendo acrescida sempre ao final de cada capítulo. É importante salientar que este manual corresponde ao triênio 2018 a 2020, aprovado pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) com selo comemorativo aos oitenta anos da Política Pública dos Programas do Livro (1937-2017), do Ministério da Educação.

Frisamos que a cinematografia sugerida para as aulas de Sociologia no Ensino Médio totalizam, neste livro didático, 55 filmes, sendo 36 estrangeiros e 19 nacionais. Desta somatória, 01 corresponde a um produto de longa-metragem, 01 é curta-metragem, porém em 36 deles, infelizmente, não consta a informação de duração. Dos cinquenta e cinco filmes propostos sem duração de tempo, na pesquisa realizada constatamos que, 51 são filmes de longa-metragem e 04 são curtas-metragens.

Neste livro didático, percebe-se que houve uma preocupação por parte das autoras em realizar uma atualização do catálogo fílmico, quando o comparamos aos demais manuais analisados.

No que tange aos filmes de longa-metragem sugeridos nos manuais didáticos, em relação ao tempo/aula, essa questão acaba se repetindo em todos os livros que foram analisados no exercício dos últimos doze anos, em que a Sociologia adentrou ao currículo do Ensino Médio.

Outro ponto a se mencionar é o fato de que esse livro “*Sociologia*”, de Araújo, Bridi e Motim (2016), atualmente está sendo aplicado na escola do Congo/PB em que fizemos a nossa pesquisa. Nele, são propostos 55 filmes, destes, 28 são inéditos em relação às listas dos outros livros que pesquisamos e analisamos, enquanto, 13 se repetem nos outros manuais. Os filmes sugeridos para se trabalhar em sala de aula também dialogam com as temáticas propostas no manual didático em questão.

Desde o retorno da disciplina de Sociologia ao currículo do Ensino Médio, muitas produções cinematográficas foram e são produzidas anualmente em nosso país. No entanto, muitas dessas, principalmente, a de curta-metragem acabam não sendo inseridas nos manuais didáticos. Conjecturamos que talvez seja pela falta de informação ou conhecimento dos que estão à frente da elaboração desses manuais. O cinema de curta-metragem, atualmente, vive um momento de profusão em nosso país e no Nordeste brasileiro isso é notadamente produtivo, no entanto, infelizmente, parece-nos que essa cinematografia ainda não se tornou tão acessível e democrática dentro das escolas públicas. O que leva a essa desinformação?

Existem políticas públicas para difusão desse produto nas escolas públicas brasileiras? São perguntas que devemos nos fazer sempre, mas tais questionamentos ficarão para serem respondidos em um outro trabalho.

3.3 O CINEMA DE CURTA-METRAGEM NORDESTINO PARA O ENSINO MÉDIO

Analisar filmes ajuda professores(as) e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós, quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informações. (Duarte, 2002).

Aduziremos aqui os filmes escolhidos para análise. A escolha deu-se, primeiramente, levando em consideração temáticas da Ciência Política e da Sociologia Política. Um outro objetivo da Ciência Política, pontuado por Bodart e Lopes (2017), é ampliar a concepção de política, permitindo uma reflexão sobre as relações de poder e de como este pode se evidenciar, também, nas relações sociais cotidianas e nos vários grupos sociais. É fundamental dentro das Ciências Sociais a contribuição de uma reflexão que tenta identificar práticas políticas mais éticas. Levou-se em consideração durante a escolha dos audiovisuais, além das questões de conteúdos que se aproximassem a essa perspectiva sociológica, também as questões ligadas à estética dos filmes, suas narrativas, seus contextos, sociais, históricos, culturais e políticos. Os filmes selecionados estão representando aqui a produção de diferentes Estados do nordeste brasileiro.

Quadro 9 - Cinematografia de curta-metragem do semiárido nordestino proposta para a 3ª série do Ensino Médio.

Filme	De que trata	Tempo de duração
Quilombo de Queimadas	Curta-metragem que trata do dia a dia de comunidade de remanescentes de Quilombolas no extremo oeste do Ceará e sua luta pela demarcação de terras, e o seu desejo por dias melhores. A comunidade de Queimadas fica situada na Chapada do Buritinho, sertão de Crateús. A luta não é só pelas terras, mas pela garantia de seus direitos, ideologias e a identidade de seu povo. Por uma sociedade que aceite a diferença, por um estado livre do preconceito, seja ele qual for. Em 2008, foram demarcados oito mil hectares de terra como sendo território da comunidade, no entanto, os moradores esperam receber a sua titulação. Sem a titulação, estão impedidos de plantar, o que ocasiona mais ainda a pobreza.	13 min.

	Muitos moradores são impedidos pelas autoridades locais de receberem os benefícios sociais. O documentário tem direção do cearense, Kiko Alves.	
A caixa d'água do Sertão	<p><i>A caixa d'água do Sertão</i>, curta-metragem, do diretor paraibano e ativista cultural, Diassis Pires. O documentário foi lançado 2011 e narra a história do Açude Estevam Marinho, localizado na cidade de Coremas-PB. O sertão nordestino revela seu potencial hídrico neste documentário, apresentado ao Brasil a história da construção da Barragem, através de antigos documentos e relatos de personagens regionais que atuaram na edificação deste grandioso projeto. Considerada na época a maior obra de engenharia brasileira, iniciada por Getúlio Vargas, passando por Eurico Gaspar Dutra e inaugurada por Juscelino Kubitschek. Veja esta história pelos olhos daqueles que se sacrificaram para fazer desta obra um marco, não para a história da Paraíba, mas de todo o Brasil.</p> <p>Os personagens do filme são encabeçados por ex. funcionários do DNOCS e outras personalidades do lugar. Os depoimentos são ilustrados com um rico material iconográfico e imagens do açude de encher os olhos. A Caixa D'água do Sertão é um registro honesto e importante no seu esforço para reter na memória um momento crucial da luta do sertanejo contra a seca e a hostilidade do meio físico. O documentário recompõe um capítulo da grande saga que foi a açudagem no Nordeste, que teve em Epitácio Pessoa e José Américo de Almeida os seus responsáveis históricos, o primeiro como presidente da república, o outro como ministro de Viação e Obras.</p>	32 min.
Rosal da Liberdade	<p>Consiste em relatos sobre as hostilidades dos donos de fazenda contra homens, mulheres e crianças negras submetidos a tratamento humilhante nas senzalas. O curta-metragem lançado em 2011 foi dirigido pela cearense Marilena Lima. Nele, historiadores analisam as circunstâncias e as conveniências que marcaram a abolição da escravidão no Ceará. O curta-metragem registra ainda a última entrevista do professor e fundador do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiro – IPEAFRO - Abdias Nascimento, ícone da luta contra o racismo no Brasil, que faleceu em 2011. Para ele, as mulheres negras ainda exercem um status de escrava dentro da sociedade brasileira. A Fazenda Livramento que pertenceu ao português Manoel Jurumenha foi, a exemplo de milhares de propriedades rurais do século XVIII, um cenário de exploração humana, violência e até assassinatos. O documentário é apresentado através de relato dos guias do Museu Negro Liberto, a perplexidade dos visitantes, a análise de historiadores sobre as hostilidades dos donos de engenhos e a realidade social da população negra daquele tempo até hoje. O filme apresenta também de que maneira se era constituída a política abolicionista no Brasil, o conservadorismo das elites brasileiras e suas leis. Homens, mulheres e crianças negras eram submetidos a tratamento humilhante em jornadas exaustivas de trabalho, geralmente seguidas de noites de castigo na senzala insalubre, no porão da casa grande.</p>	20 min.
O Brado Retumbante	<p>Documentário realizado a partir da montagem de diversas propagandas de diferentes candidatos, veiculadas no horário político obrigatório televisivo, durante a eleição presidencial de 2014. O roteiro, a direção e a montagem são dos sergipanos Marcelo Ikeda e Fábio Rogério. O filme documental estimula o debate sobre os rumos do país, através da reflexão sobre os discursos dos principais candidatos e sobre o papel da imagem na construção desses discursos. O documentário inicia-se com a</p>	

	<p>propaganda da candidata Dilma Rousseff, seguidas de Aécio Neves e Eduardo Campos e Mariana Silva. Trechos de falas “O Brasil está preparado para viver um novo ciclo de desenvolvimento”, “O Brasil precisa de liderança. Liderança para organizar um governo que funcione”, “Montamos um plano de governo ouvindo a sociedade e percebemos eu as pessoas querem um novo caminho”, permeiam o curtametragem. O documentário finaliza com a disputa eleitoral acirrada no segundo turno entre o PT e o PSDB. O filme finaliza em tela preta com o hino nacional cantado em off. O documentário só veio a ser lançado em 2016, sendo exibido e premiado em diversos festivais e mostras de cinema pelo país. Hoje, encontra-se disponível gratuitamente nas redes sociais.</p>	25 min.
Praça de Guerra	<p>Documentário dirigido pelo paraibano Edmilson Gomes, que retrata o surgimento de um grupo de meninos que, munidos de sonhos e ideais de liberdade, compuseram um genuíno ato de resistência, nos anos de 1960 em Catolé do Rocha/Paraíba. Tendo como palco uma pequena cidade localizada no árido sertão paraibano, onde o coronelismo e a dureza de costumes somavam-se ao então regime militar que iniciava no país, esses jovens começaram a praticar atividades consideradas "subversivas" pelo poder vigente à época, tendo como ápice a tentativa de organizar um foco de guerrilha armada na Serra do Capim Açú localizada na zona rural da cidade.</p> <p>Ao serem descobertos, alguns desses jovens foram condenados e presos pelas forças de repressão. No filme, os cinco amigos juntos criaram um foco de guerrilha inspirados nos ideais da Revolução Cubana para derrubar a ditadura militar brasileira. Passados mais de 40 anos, esses velhos amigos se reencontram para contar essa história. A temática histórica junto da irreverência para contar um caso real de rebeldia contra a ditadura e de perseguição política, conquistou plateias e o júri de diversos festivais de cinema Brasil afora.</p>	19 min.
Trajétória do Frevo	<p>Documentário sobre as origens políticas e sociais do frevo, a partir do século XIX, em Pernambuco. O filme tem pesquisa, roteiro e direção Do pernambucano Fernando Spencer e aborda o período do Brasil Império, quando a cidade do Recife era um foco de agitação. Pernambuco havia se tornado um centro de rebeldia. Pregava-se o nacionalismo, a expulsão dos portugueses, exigia-se a República e a libertação dos escravos. As revoluções eram constantes, muitos foram presos e fuzilados. A Revolução Praieira em 1848, foi a última tentativa para solucionar os problemas através dos movimentos armados. Como represaria o governo imperial dividiu o território pernambucano, entregando quase a metade ao Estado da Bahia. A cidade do Recife vivia cheia de valentões a serviços dos influentes. A capoeira em Pernambuco era quase uma instituição. Os capoeiras juntamente com as bandas de músicas, adaptaram as suas coreografias para não serem detidos pela guarda. É a partir desse contexto social e político que surge o frevo.</p>	09 min.
Ato Institucional	<p>Curta-metragem ficcional dirigido pelo paraibano, Helton Paulino. O filme apresenta que, na sexta-feira, 13 de dezembro de 1968, o Conselho de Segurança Nacional da vigente Ditadura Militar Brasileira se reúne para aprovar um documento que mudaria a história do país. 43 anos depois, o ex-supervisor de ações do DOI-CODI, Raul Gomes Penteado, Capitão reformado, em 1979, pelo exército por doença, expõe a sua versão dos fatos a seu filho jornalista. Ao longo dos dias em que realiza a entrevista, o filho vai descobrindo as atrocidades cometidas à sua família pelo seu pai, durante aquele período. O filme mostra cenas do cotidiano solitário</p>	20 min.

	e hostil do capitão, além de falas sobre as torturas cometidas pelos militares, os documentos arquivados e o AI-5.	
Último Pau de Arara	Documentário que apresenta, no ano 1984, o contexto final do governo Figueiredo e início do processo de abertura política no Brasil. Em Fortaleza, três jovens cearenses militantes de esquerda, moradores do conjunto Ceará, resolvem, numa decisão drástica, desviar para Cuba um avião de Fortaleza com destino à Disneylândia. O sonho era viver a realidade socialista descrita por Fernando Morais no livro “A Ilha”. Tinham também a ideia de chegar em Cuba para aprender táticas de guerrilha e fazer a revolução quando retornassem ao Brasil. Apesar da ingenuidade e do despreparo dos militantes, eles conseguiram o que queriam. Moraram em Cuba por 10 anos. Ao final desse período, puderam voltar ao Brasil beneficiados pela lei da anistia. O curta-metragem tem direção dos cearenses Bené Sabóia e Valdo Siqueira. O filme participou de vários festivais e mostras de cinema no Brasil e no exterior, inclusive, sendo bastante premiado.	25 min.
Aquarelas do Brasil	Dirigido e narrado por Jomard Muniz de Britto, o curta-metragem expõe um conjunto de sentimentos pelo Brasil, performado por Vavá Paulino. As primeiras palavras que escutamos no filme anunciam: “O Brasil não é o meu país, é meu abismo”. As imagens mostram ruínas, pedras, prisão, dança e equilíbrio. Outros fragmentos narrativos são colocados, como: “O Brasil não é o meu país, é um veneno. É a miséria que nenhum milagre ocultou. É cinco mil vezes favela. É cinquenta mil terras em trânsito. É o neocapitalismo de São Paulo. Das classes oprimidas, reprimidas, deprimidas, proletarizadas, escancaradas, ofendidas e massacradas. O Brasil não é o meu país, é um buraco cada vez mais embaixo do outro buraco”. A cena final do filme expõe a placa da escultura do artista plástico pernambucano Francisco Brennand: “Coluna de cristal”, metaforizando as fragilidades expressas sobre o Brasil.	09 min.
10 Centavos	Curta-metragem ficcional dirigido pelo baiano Cesar Fernando de Oliveira. Com 19 minutos de duração, o curta recebeu vários prêmios, inclusive foi escolhido para representar o Brasil numa mostra de Cannes, na França, selecionado pelo Short Film Corner – Festival de Cannes, em 2008. O filme mostra o cotidiano de um menino que ganha uns trocados guardando carros no centro histórico de Salvador/BA. O garoto mora na periferia e convive, dentre outras pessoas, com um vendedor de flores que é solidário a ele. Apesar da miséria em que vive o menino, o filme não aponta para nenhum desfecho trágico ou violento. Ao contrário, a violência é cotidiana, naturalizada na desigualdade social presente em vários centros urbanos brasileiros. O garoto porém, não é hostilizado pelas pessoas; adultos aceitam que o personagem cuide de carros e os lave, pelo custo de R\$3,00. Embora haja solidariedade, o filme mostra que ações individuais podem amenizar uma dor momentânea, porém não alteram em nada a triste realidade. A partir do filme, é possível discutir os preconceitos vigentes em relação aos meninos de rua, confundidos com bandidos; bem como debater valores como honestidade, filantropia, exploração do trabalho infantil, menores que se tornam criminosos, entre outros.	19 min.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

O Guia Pedagógico (Apêndice – B) aqui produzido foi pensado, inicialmente, para os(as) professores(as) de Sociologia do Cariri paraibano, o que não impede que possa vir a ser

adotado em outros lugares também, e é intitulado “*Temas Políticos & Cinema*”, destinando-se à 3ª série do Ensino Médio, como comprovação de lócus da Ciência Política e da Sociologia Política nesta etapa da Educação Básica.

Dentre os inúmeros filmes de curtas-metragens independentes do semiárido nordestino, levou-se em consideração na hora da escolha, aqueles que possuíam um diálogo mais pertinente com as temáticas referentes à política. Alguns filmes de curta-metragem de outros Estados nordestinos não puderam ser acrescentados a esta proposta, porque não foram concedidas as licenças dos cineastas e/ou não foram encontrados disponíveis gratuitamente em plataformas digitais. Isso ocorre, muitas vezes, porque ainda estão concorrendo em circuitos de seleção de festivais e mostras de cinema pelo país.

Os filmes aqui sugeridos encontram-se democraticamente acessíveis na internet e, com isso, pretendemos poder contribuir no processo didático-pedagógico da área da Ciência Política contemplada no componente curricular Sociologia.

As questões relacionadas ao fenômeno do poder no Nordeste brasileiro acabam perpassando esses filmes. Destarte, se faz necessário e oportuno exibí-los em sala de aula, aguçando não só a criticidade dos discentes, mas também, colaborando para uma melhor discussão, reflexão e despertar da imaginação sociológica, tão importante e fundamental para a Sociologia presente no Ensino Médio, na atualidade.

4 GUIA PEDAGÓGICO: TEMAS POLÍTICOS E CINEMA PARA A 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Sempre vivenciei com entusiasmo essa relação entre Cinema e Educação. Quando descobri que poderia contar minhas histórias, em 2006, através das imagens em movimento, percebi que o impossível se tornara possível. Tudo é mágico e encantador, quando surge na tela de cinema. Mesmo sem formação acadêmica na área de Cinema, os cursos de extensão oriundos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que chegaram à minha municipalidade, me fizeram despertar ainda mais para este mundo do audiovisual. Aduzo, aqui, dois projetos de extensão da UFPB importantes para a minha formação em Cinema: *ViAção Paraíba e Projeto Cinestésico*. Há doze anos, realizo um dos festivais de cinema mais importantes do Estado da Paraíba, o CineCongo. Como professor, anualmente, desenvolvo um projeto de produção de vídeo com meus(minhas) alunos(as) do Ensino Fundamental, anos iniciais. Toda esta vivência e experiência adquirida ao longo dos anos me fizeram chegar aqui. Destarte, deixo, por minha vez, a minha contribuição para todos(as) os(as) professores(as) de Sociologia.

O material de apoio pedagógico produzido para os(as) professores(as) de Sociologia no Ensino Médio contribuirá para uma unidade curricular da disciplina em todas as escolas estaduais da região caririzeira, possibilitando e fortalecendo o processo de ensino e aprendizagem de todos os(as) discentes.

Se a indústria cultural é responsiva pela mediatização das informações na sociedade, o cinema, como um de seus produtos deve exercer a capacidade de mobilização. Se for utilizado de maneira crítica e planejada em sala de aula, o cinema poderá em muito contribuir para o processo de libertação dos(as) agentes sociais, tornando-os(as) capazes de desenvolverem capacidades e habilidades que levem à sua emancipação.

Reforçamos mais uma vez a relevância, expressa através da Lei 13.006/14, da obrigatoriedade da exibição de cinema nacional por no mínimo duas horas mensais nos ambientes escolares. Sabemos que a grande maioria dos(as) professores(as) e gestores(as) ainda desconhecem esta lei acrescida na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Para sanar esta lacuna dos(as) profissionais da educação, no guia que produzimos, os(as) professores(as) de Sociologia terão a oportunidade de conhecer, compreender e trabalhar de maneira didático-pedagógica e com exemplificação, a linguagem cinematográfica. Contribuindo para que o(a) professor(a) desempenhe um bom trabalho,

conjuntamente, com seus(suas) alunos(as) em sala de aula, mesmo nunca tendo vivenciado experiências audiovisuais. O Guia Pedagógico (Apêndice – B) apresenta o passo-a-passo da linguagem do cinema, planos, enquadramentos, elaboração do roteiro, produção de vídeos, edição, montagem e realização de um festival estudantil, associados às temáticas da Ciência Política.

Outro ponto importante de se destacar neste guia é que ele estará disponível para ser baixado gratuitamente, junto à cinematografia nordestina de curta-metragem que é proposta por nós para se trabalhar na terceira série do Ensino Médio. Todo acervo fílmico encontra-se reunido e disponível de modo gratuito no canal “*Política & Cinema*”, no link de acesso: <https://www.youtube.com/channel/UCGto9Jo02P13MKcul5fZw9g>. Além dos(as) professores(as) que lecionam a disciplina de Sociologia no Ensino Médio do Cariri paraibano, professores(as) de Sociologia (e de outros componentes curriculares, inclusive) de todo o país, também terão acesso a este material.

O guia está estruturado em 10 (dez) lições, algumas destas, divididas em dois ou mais momentos, apresentando questões inerentes à Ciência Política, em conjunto com ações cineclubistas de exibição e debate de filmes do cinema curtametragista produzido no semiárido nordestino com conteúdos articulados às temáticas propostas para se pensar, refletir e despertar a imaginação sociológica dos(as) estudantes, acerca dos temas relacionados ao Estado e os seus derivativos das relações de poder.

Na lição 1, *Cidadania e Democracia no Brasil*, o filme proposto para se trabalhar em sala de aula é o documentário do cearense Kiko Alves, “*Quilombo de Queimadas*”. A leitura partilhada do texto será realizada entre professor(a)/alunos(as). Os cientistas políticos brasileiros que nos inspiraram para a construção da síntese conceitual textual deste capítulo são José Álvaro Moisés e José Murilo de Carvalho.

Na lição 2, *A política da seca no Brasil*, o filme sugerido é do paraibano Francisco de Assis Pires, “*A caixa d’água do Sertão*”. Neste capítulo, a síntese conceitual textual que produzimos para o momento da leitura partilhada é livremente inspirada em um dos estudos do professor da Universidade de Brasília, Marcel Bursztyn.

Na lição 3, *O Movimento Abolicionista Brasileiro*, o curta documentário sugerido é da cearense e jornalista Marilena Lima: “*Rosal da Liberdade*”. Neste capítulo, a síntese conceitual textual produzida para a leitura partilhada é livremente adaptada de um dos estudos da professora de Sociologia da USP, Angela Maria Alonso.

Na lição 4, *Partidos políticos no Brasil*, o documentário de curta- metragem sugerido é

dos sergipanos Marcelo Ikeda e Fábio Rogério: “*O Brado Retumbante*”. O texto da síntese conceitual dedicado ao momento da leitura partilhada para refletir sobre a temática é livremente baseado em uma das obras das cientistas políticas Maria do Socorro Sousa Braga e Adla Youssef Bourdoukan.

Na lição 5, *Um pouco mais sobre a Ditadura Militar*, o audiovisual sugerido para ser exibido em sala de aula é “*Praça de Guerra*”, do paraibano de Catolé do Rocha, Edmilson Gomes. Luciane Perucchi é a autora abordada e que nos inspirou para produzirmos uma livre adaptação de seus escritos em forma de síntese conceitual textual a ser trabalhada no momento da leitura partilhada com os(as) estudantes em sala de aula.

Na lição 6, *A Revolução Praieira contra o Governo Imperial*, a proposta é exibir o curta documental do pernambucano Fernando Spencer, “*Trajatória do Frevo*”, para se adentrar na temática. Neste capítulo, quem nos inspirou com seus estudos para a produção do texto-síntese conceitual foi o professor de história da Universidade Federal de Pernambuco, Marcus Joaquim Maciel de Carvalho.

Na lição 7, *Os Atos Institucionais Brasileiros*, se propõe trabalhar em sala de aula com o curta-metragem ficcional “*Ato Institucional*”, do paraibano Helton Paulino. Nesta lição, a síntese conceitual textual produzida para a realização da leitura partilhada é livremente adaptada de obra do historiador político da UFMG, Rodrigo Patto Sá Motta.

Na lição 8, *Tempos de Anistia e Reparação*, a sugestão filmica é o documentário cearense de Bené Sabóia e Valdo Siqueira, “*Último Pau de Arara*”. A síntese conceitual textual proposta para a leitura partilhada é livremente inspirada em escritos da professora pesquisadora, Danyelle Nilin Gonçalves.

Na lição 9, *Sociedade Civil Brasileira*, o curta pernambucano de Jomard Muniz, “*Aquarelas do Brasil*”, é proposto para a composição da cinematografia. Para a leitura partilhada entre professor(a) e estudantes, quem nos inspirou com seus estudos para a livre produção de nossa síntese conceitual textual foi o cientista político Leonardo Avritzer.

Na lição 10, *A desigualdade brasileira*, o filme ficcional “*10 Centavos*”, do baiano César Fernando, contribui para fundamentar a temática proposta. Na parte da leitura partilhada, a síntese conceitual textual que produzimos foi livremente adaptada de obra do sociólogo Jessé José Freire de Souza.

Assim, acreditamos que, pelo auxílio didático-pedagógico da visualização e debate de filmes de curta duração, contextualizados com as temáticas curriculares da Sociologia, os(a) estudantes da 3ª série do Ensino Médio poderão vir a se tornar agentes

emancipados(as) e protagonistas, uma vez que irão ter maiores chances de adquirir a capacidade de transformar suas consciências. O curta-metragem com suas múltiplas facetas, além de permitir maior reflexão, contribui diretamente para o despertar da imaginação sociológica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria cultural é compreendida como um conjunto de meios de comunicação, tais como o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que constituem esse sistema poderoso, gerando lucros e promovendo sua acessibilidade às massas, exercendo um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também, é legitimada pela demanda desses produtos (COSTA; PALHETA; MENDES; LOUREIRO, 2003, p.2).

Vimos que a finalidade do livro didático como um produto resultante da indústria cultural é a de auxiliar em sala de aula, pedagogicamente, os(as) professores(as) e estudantes no processo de ensino e aprendizagem.

O cinema como bem cultural deve ser utilizado para desenvolver nos(as) estudantes do Ensino Médio capacidades, habilidades e consciência ativa, disposta a compreender, interpretar e transformar o meio social e político em que se encontram inseridos. Como bem de consumo, deve ser fortalecido no ambiente escolar, tornando-se acessível e democrático a todos(as) os(as) professores(as), estudantes e profissionais da educação.

Como percebemos, o recurso audiovisual mais adequado para se trabalhar nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, obviamente, deverá ser os filmes de curta-metragem. O fato de as aulas de Sociologia ocorrerem através de apenas um encontro por semana, com duração de 50 minutos de hora/aula, apresenta a necessidade de se utilizar pedagogicamente uma filmica mais sucinta como a do curta-metragem, possibilitando que tal produto seja trabalhado na íntegra neste tempo de hora/aula imposto pelo currículo, sem que seja necessário cortar as cenas principais do filme para se adequar ao horário da aula semanal.

Salientamos que a linguagem dos curtas potencializa o entendimento dos estudantes. É um tipo de cinema contra hegemônico e independente, que nutre e emancipa os agentes a despertarem sua imaginação sociológica sobre o que está posto, muitas vezes, como sendo a verdade estabelecida. É um cinema questionador que desperta no estudante o seu protagonismo.

Devemos levar em consideração essa primazia que existe no cinema de curta-metragem nordestino. Essa singularidade fílmica contribui fortemente para o despertar da imaginação sociológica dos estudantes no Ensino Médio. Desta maneira, o cinema na escola exerce uma função educacional extremamente relevante para a formação não só visual/estética, mas também política.

Se o inimigo que se combate na indústria cultural é o indivíduo pensante, como afirmava Adorno (1986), o cinema como um dos instrumentos mais importante da indústria cultural, ao ser utilizado na educação, deverá contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem. Isto não elimina, obviamente, os usos que também têm sido feitos hegemonicamente por este instrumento como um reproduzidor das ideologias dos grupos dominantes. No entanto, é possível, dialeticamente, através de processos formativos no cotidiano escolar, fazer uso contra hegemônico do cinema, de maneira que este exerça um caráter educativo, uma função emancipadora e conscientizadora dos processos de dominação e exploração. É isto que se espera ao utilizar o cinema na sala de aula.

Se houve um ganho na homologação da Lei nº. 13.006/14, que normatiza a obrigatoriedade de filmes nacionais nas escolas do país, que também se pense nos processos de formação de docentes de Cinema, bem como na necessidade e importância da produção de materiais (in)formativos para os(as) demais professores(as), tal como apresentamos aqui em nossa dissertação, nesse caso específico, destinado para os(as) docentes de Sociologia.

Portanto, a escola precisa capacitar os(as) professores(as) das diversas áreas de conhecimento através de oficinas, cursos, palestras, etc. No que tange à formação continuada, este Guia Pedagógico, acrescido no Apêndice – B, visa a contribuir para o fortalecimento de temáticas inerentes à Ciência Política e para a formação introdutória sobre a linguagem cinematográfica para os(as) docentes de Sociologia no Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

ADORNO, Theodor W. **“O fetichismo na música e a regressão da audição”**. Trad. de Luiz João Baraúna. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ALMEIDA, Milton Jose de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. – 3. ed. – São Paulo, Cortez, 2004.

ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia: volume único: ensino médio**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

AUMONT, Jacques e MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. 2ª edição, Campinas/SP: Papyrus, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/ Portugal: Edições 70, LDA. 2010.
 BATISTA, Tereza Raquel Gomes. **A pesquisa e o ensino nos livros didáticos de sociologia**. Sumé-PB:[s.n], 2014. Disponível em:
 <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/5765/1/TEREZA%20RAQUEL%20GOMES%20BATISTA%20%20CIÊNCIAS%20SOCIAIS%20CDSA%202014..pdf>>.

Acesso realizado em 01 de janeiro 2021.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica/ organização e prefácio Seligmann – Silva; tradução Gabriel Valladão Silva**. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

BERNARDET, Jean-claude. **O que é cinema**. – São Paulo: Brasiliense, 2004.

BNCC, **Base Nacional Comum Curricular**. Brasil. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>.
 Acesso em 31 de julho. 2019.

BODART, Cristiano das Neves e LOPES, Gleison Maia. **A Ciência Política nas Propostas Curriculares Estaduais de Sociologia para o Ensino Médio**. Cadernos da Associação Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 1, nº. 1, p.131-152, Jan./ Jun. 2017. Disponível em: <<https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/36>>. Acesso realizado em 01 de dezembro 2020.

BOMERY, Helena et al. **Tempos modernos, tempo de sociologia: ensino médio: volume único**. 2. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.

BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. **Lei Nº 13.006**, de 26 de junho de 2014. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2014/Lei/L13006.htm [esquisa](#)>. Acesso realizado em 22 de fevereiro 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Médio**. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso realizado em 02 de dezembro 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Médio**. Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **PCN+, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CARRIÈRE, Jean-claude. **A linguagem secreta do cinema**. Tradução Fernando Albagli, Benjamin Albagli. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133p. (**Orientações curriculares para o ensino médio**; volume 3). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. Acesso realizado em 28 de dezembro 2020.

CODATO, Henrique. **Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis**. Verso e Reverso, vol. XXIV, n. 55, janeiro-abril, 2010. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/44/8>>. Acesso realizado em 28 de dezembro 2020.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. **O conceito de Indústria Cultural e a Comunicação na Sociedade Contemporânea**. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/O-conceito-de-industria-cultural-e-a-comunica%C3%A7%C3%A3o-na-sociedade-contempor%C3%A2nea.pdf>>. Acesso realizado em 22 de dezembro 2020.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1993. – (Coleção primeiros passos; 8). Disponível em: <<https://docplayer.com.br/22777-O-que-e-industria-cultural-teixeira-coelho.html>>. Acesso realizado em 22 de dezembro 2020.

COSTA, Alda Cristina Silva da. PALHETA, Arlene Nazaré Amaral Alves. MENDES, Ana Maria Pires. LOUREIRO, Ari de Sousa. **Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer**. Movendo Ideias, Belém, v.8, n.13, p. 13- 22 jun 2003. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/467/211.pdf?sequence=1> &isAllowed=y >. Acesso realizado em 30 de dezembro 2020.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia: introdução à Ciência da sociedade/** Cristina Costa. – 3. ed. ver. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2005.

DIAS, Cláudio Augusto. **Grupo Focal: Técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas.** Revista Informação e Sociedade: Estudos. v. 10 nº: 2.2000, p. 1-12.

DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural e os meios de comunicação.** – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação.** – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUNIN, Antônio; VAZ, Alexandre Fernandes (orgs). **indústria cultural hoje.** São Paulo: Boitempo, 2008.

HORKHEIMER, Max & Adorno, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

FABRIS, Eli Henn. **Cinema e Educação: um caminho metodológico.** Educação & Realidade. Jan/jun – 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6690/4003>>. Acesso realizado em 23 de dezembro 2020.

FRESQUET, Adriana e MIGLIORIN, Cezar. “Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a Lei 13.006/14”. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Cinema e educação: a lei 13.006 - Reflexões, perspectivas e propostas.** Belo Horizonte: Universo Produção, s.d. (pp. 4-23).

FURTADO, Andréa Garcia. GAGNO, Roberta Scrocaro. **Políticas do livro didático e o mercado editorial.** Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3684_2172.pdf>. Acesso realizado em 02 de janeiro 2021.

GOMES, Cleber Fernando. **Novas concepções de ensino-aprendizagem de Sociologia com recursos do cinema.** 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/296639611_NOVAS_CONCEPCOES_DE_ENSINO-APRENDIZAGEM_DE_SOCIOLOGIA_COM_RECURSOS_DO_CINEMA>. Acesso realizado em 23 de dezembro 2020.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

IKEDA, Marcelo. **Cinecasulofilia.** 1ª Edição, Fortaleza, 2014.

KURIYAMA, Rafael Kenji. LIMA, Alan Rodrigues. PATRIARCA, Gabriel Antonio Cabeça.

Sociologia e Cinema: o filme como instrumento didático. 2014. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/3237/PIBID1%2c2332-2336.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 23 de dezembro 2020.

MAGALHÃES, Alexandre Soares. **Para além dos conceitos:** pensando práticas e métodos de ensino e Ciência Política no Ensino Médio. 8º Encontro da ABCP, Gramado, 2012. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/02/para-alem-dos-conceitos-pensando-praticas-e-metodos-ensino_0.pdf>. Acesso realizado em 15 de dezembro 2020.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. [Tradução de Rubens Enderle] – São Paulo: Boitempo, 2013.

MEKSENAS, Paulo. **Contextos do livro didático e comunicação.** PERSPECTIVA. Florianópolis, UFSC/ CED, NUP, n. 24 p. 129-154, 1995. Disponível em: <[contextos do livro didatico.pdf](#)>. Acesso realizado em 05 de janeiro 2021.

MIGLIORIN, Cezar. PIPANO, Isaac. **Cinema de brincar.** Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

MILLS, Charles Wright. **A promessa.** In: A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1965, p. 9-32. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/MILLS%20C.%20Wright.%20A%20imaginacao%20sociologica%20-%20cap%20I.pdf>>. Acesso realizado em: 19 de dezembro 2020.

MORAES, Ricardo Leite de. **O cinema como material didático no ensino de sociologia:** alfabetização visual e crítica da estética realista-naturalista. Revista Eletrônica; LENPES-PIBID de Ciências Sociais – UEL. Edição n. 1, vol 1, jan-jun. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/9%20Edicao/ARTIGO_BRUNO.pdf>. Acesso realizado em 23 de dezembro 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/jZh4sttTXLWN5KJMWXJNQzt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso realizado em 28 de dezembro 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** 5. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. **Reflexões acerca do sentido da sociologia no Ensino Médio.** Revista Espaço Acadêmico, Ano I, Nº 05, outubro: 2001. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/481/05sofia.pdf?sequence=1>> Acesso realizado em 01 de dezembro 2020.

SILVA, Ilieizi Fiorelli. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal – RN, v.8, n.2, p. 403-427, jul./ dez. 2007.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**/ Nelson Dacio Tomazi. – 2. Ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

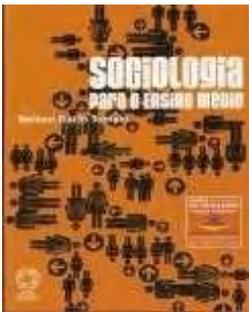
YASHINISHI, Bruno José. **O uso de filmes em aulas de Sociologia**. Revista Perspectiva Sociológica, nº,25, 1º sem. 2000, p. 27-35. Disponível < <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/2697/1697>>. Acesso realizado em 23 de dezembro 2020.

APÊNDICE - A
LISTA DOS LIVROS DE SOCIOLOGIA ANALISADOS

LIVROS DE SOCIOLOGIA ANALISADOS



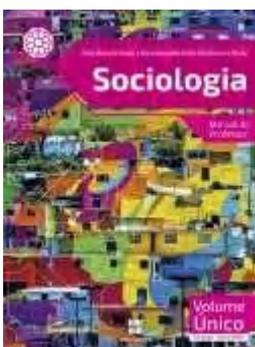
COSTA, Maria Cristina Castilho. *Sociologia: Introdução a ciência da Sociedade*. São Paulo: Moderna, 2005, 416 páginas.



TOMAZI, Nelson Dácio. *Sociologia para o Ensino Médio*. São Paulo: Saraiva, 2010, 256 páginas.



BOMERI, Helena *et al.* *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, de Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia Galli O' Donnell (São Paulo: Editora do Brasil, 2013, 383 páginas).



ARAÚJO, Silvia Maria de. *Sociologia: Volume único: ensino médio*/ Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi, Benilde Lenzi Motim. – 2. ed. – São Paulo: Scipione, 2016

APÊNDICE – B
GUIA PEDAGÓGICO: TEMAS POLÍTICOS E CINEMA

GUIA PEDAGÓGICO



3ª SÉRIE
ENSINO
MÉDIO

Temas Políticos & Cinema

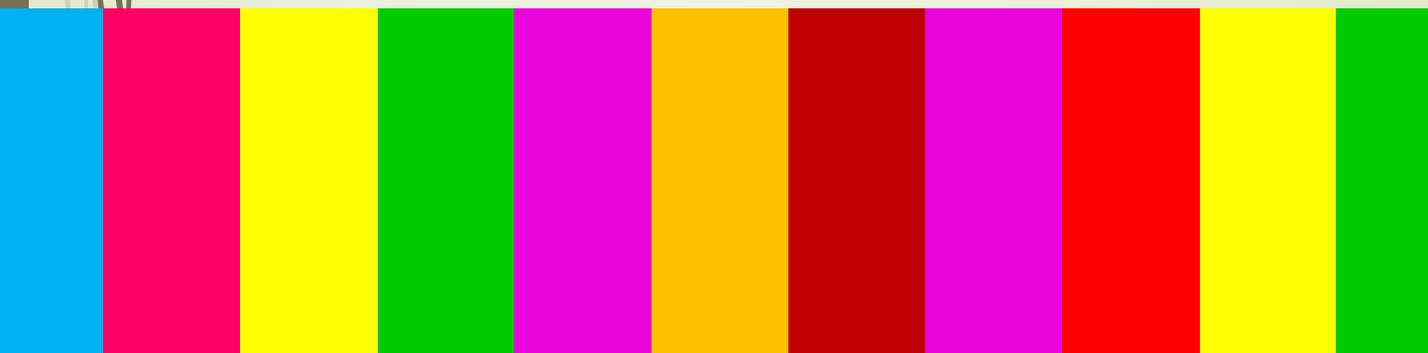
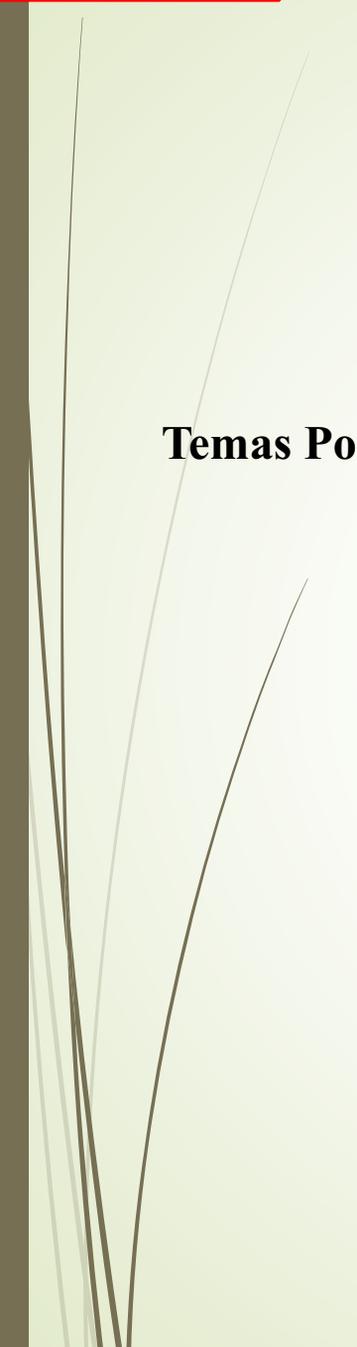
JOSÉ DIONES NUNES DOS SANTOS

JOSÉ DIONES NUNES DOS SANTOS



**GUIA PEDAGÓGICO:
Temas Políticos & Cinema para a 3^a série do Ensino Médio**

2021



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

04

LIÇÃO
1

CIDADANIA E DEMOCRACIA NO BRASIL

06

Curta-metragem: “Quilombo de Queimadas” (CE).....09

LIÇÃO
2

A POLITICA DA SECA NO BRASIL

16

Curta-metragem: “A caixa d’água do Sertão” (PB).....19

LIÇÃO
3

O MOVIMENTO ABOLICIONISTA BRASILEIRO

26

Curta-metragem: “Rosal da Liberdade” (CE).....29

LIÇÃO
4

PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL

36

Curta-metragem: “O Brado Retumbante” (SE).....39

LIÇÃO
5

UM POUCO MAIS SOBRE A DITADURA MILITAR

46

Curta-metragem: “Praça de Guerra” (PB).....49

LIÇÃO
6

A REVOLUÇÃO PRAIEIRA CONTRA O GOVERNO IMPERIAL

55

Curta-metragem: “Trajetórias do Frevo” (PE).....58

LIÇÃO
7

OS ATOS INSTITUCIONAIS BRASILEIROS

64

Curta-metragem: “Ato Institucional” (PB).....67

LIÇÃO
8

TEMPOS DE ANISTIA E REPARAÇÃO

75

Curta-metragem: “Último Pau de Arara” (CE).....78

LIÇÃO
9

SOCIEDADE CIVIL BRASILEIRA

87

Curta-metragem: “Aquarelas do Brasil” (PE).....90

LIÇÃO
10

A DESIGUALDADE BRASILEIRA

97

Curta-metragem: “10 Centavos” (BA).....100

APRESENTAÇÃO

Caro(a) Educador(a),

Primeiramente, quero manifestar meu prazer de poder contribuir para o trabalho didático-pedagógico dos(as) docentes de Sociologia no Ensino Médio, ao realizar a produção deste Guia Pedagógico.

O Guia Pedagógico “*Temas Políticos & Cinema*” foi elaborado para se trabalhar com temáticas inerentes à área da Política, na 3ª série do Ensino Médio utilizando-se do cinema de curta-metragem nordestino para fundamentar e ampliar o conhecimento e a imaginação sociológica, além, de contribuir para o processo de ensino e a aprendizagem dos estudantes no Ensino Médio.

Desenvolver capacidades e habilidades relacionadas à aquisição de conhecimentos associados à vida política dos estudantes, como cidadãos brasileiros, é um fator decisivo para que eles possam atuar com mais autonomia dentro da sociedade. Aduzo que o mundo atual exige práticas educacionais inovadoras. Obviamente, com o surgimento das novas formas de sociabilidade, desencadeadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), isso se tornou mais perceptível, principalmente, nestes últimos anos com a chegada do Corona vírus, causando a pandemia que assola todo o mundo e, claro, os(as) professores(as) têm se (re)inventado, e vêm resistindo e existindo, cotidianamente, na busca de novas estratégias para o exercício de sua cátedra.

Este Guia Pedagógico contém:

Temáticas – Foram selecionadas dentre as da área de conhecimento da Ciência Política, tais como: cidadania, democracia, partidos políticos, ditadura militar, atos institucionais, entre outras. Todas as temáticas sugeridas estão alinhadas com as habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para o ensino de Sociologia. Cada temática proposta vem seguida dos seus objetivos a serem alcançados.

Procedimentos metodológicos – A metodologia proposta pressupõe o trabalho escolar dividido em momentos específicos para a realização das atividades. Indicando, ainda, quais os recursos que serão utilizados nas aulas, além, do processo que será adotado para a avaliação dos estudantes.

Conteúdo pedagógico – A identificação de cada conteúdo dá-se através de um ícone, que expressa a natureza do que está sendo proposto, como se destaca a seguir.

Bom trabalho!



Este ícone refere-se à parte dedicada ao cinema, na qual podemos encontrar a apresentação do filme de curta-metragem que será utilizado em sala de aula, contendo informações sobre o nome do diretor ou diretores, estado nordestino onde foi realizado o audiovisual, ano da produção, duração, categoria, sinopse e o link da obra para ser assistida ou baixada na plataforma do YouTube.



Ícone indicativo das informações relacionadas à vida do(s) diretor(es) do filme e suas produções.



Neste ícone, o(a) professor(a) terá acesso à história do cinema, e às características de sua linguagem técnica, dentre elas: planos e enquadramentos, processo de roteirização, produção de audiovisuais, utilizando temáticas da Sociologia Política, montagem e edição para, por fim, promover a realização de uma mostra de cinema na escola com os filmes produzidos pelos próprios estudantes da 3ª série do Ensino Médio.



Ícone que indica a realização de leitura pelos(as) estudantes mediada pelo(a) professor(a) em sala de aula, para se conhecer mais sobre o tema proposto. Os textos contidos no guia são de cientistas políticos e estudiosos brasileiros.



Este ícone remete à apresentação da biografia e dos principais trabalhos desenvolvidos pelos autores na área de política e afins.



Com este ícone indicam-se as atividades propostas que visam a possibilitar e a ampliar os conhecimentos dos estudantes, por meio de pesquisas em diversas fontes, como jornais, revistas, dicionários, internet, entrevistas com pessoas e livros.



Este ícone surge, ao final de cada capítulo, para informar as obras e sites utilizados como referência para o desenvolvimento do Guia Pedagógico para a 3ª série do Ensino Médio.

Enfim, este Guia Pedagógico foi elaborado no intuito de colaborar com o trabalho do(a) docente de Sociologia no Ensino Médio, sendo assim, estará disponível, gratuitamente, para ser baixado, juntamente com todos os filmes nordestinos de curta-metragem aqui propostos, documentários e ficções, através de um canal específico criado na plataforma do YouTube.

<https://www.youtube.com/channel/UCGto9Jo02P13MKcul5fZw9g>

CIDADANIA E DEMOCRACIA NO BRASIL

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS102); (EM13CHS106); (EM13CHS202); (EM13CHS204); (EM13CHS205);
(EM13CHS402); (EM13CHS403); (EM13CHS501); (EM13CHS502); (EM13CHS503);
(EM13CHS602); (EM13CHS603); (EM13CHS605)



OBJETIVOS

- Proporcionar e ampliar a compreensão sobre cidadania e democracia no Brasil;
- Instigar o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes, acerca dos problemas existentes no Brasil, relacionados aos direitos civis, políticos e sociais;
- Conhecer e Perceber a importância da Constituição Federal para a seguridade dos respectivos direitos dos cidadãos;
- Conhecer a origem do cinema.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- 1) Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, perguntando aos estudantes o que eles entendem sobre cidadania, anotando-se no quadro branco as palavras expressadas por eles.
- 2) Solicitar aos estudantes que realizem uma leitura compartilhada da síntese conceitual sobre a temática, “Cidadania e Democracia no Brasil”. Em seguida, deverá ser lido pelo (a) professor (a) a ficha técnica do filme que será exibido. É importante também apresentar quem são os teóricos brasileiros que estudam essa temática.
- 3) Exibir o curta-metragem documental “Quilombo de Queimadas” (2011), de Kiko Alves, que trata do dia-a-dia da comunidade de remanescentes de Quilombolas, da sua luta pela demarcação de terras, e do seu desejo por dias melhores. Destacar que a luta não é só pelas terras, mas pela garantia de seus direitos, ideologias e a identidade de seu povo.
- 4) Entregar para os estudantes a ficha com a atividade “Para Casa”.



SEGUNDO MOMENTO

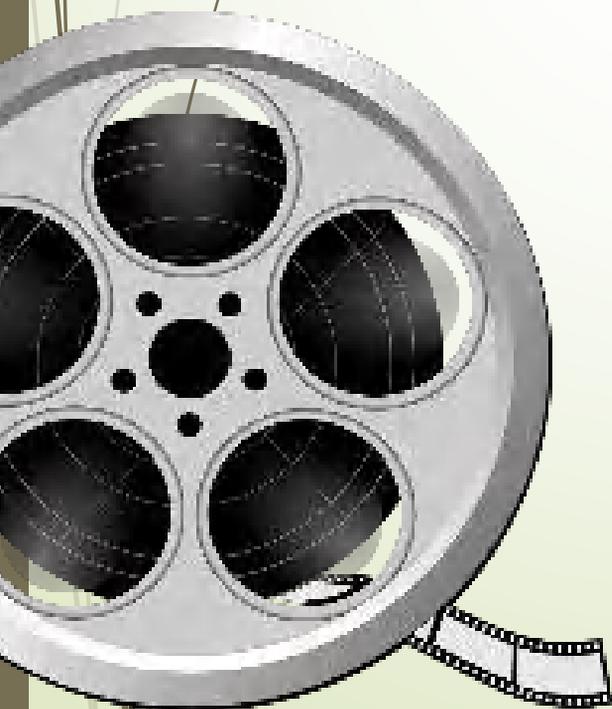
- 1) Organizar uma roda de conversas, provocando um debate entre os estudantes, relacionado à temática filmica exibida na aula anterior, e quais foram as suas impressões.
- 2) Os estudantes irão apresentar as informações coletadas durante a pesquisa realizada na atividade “Para Casa”.
- 3) Solicitar dos estudantes uma atividade em sala de aula. Serão formados oito grupos. Cada grupo irá elaborar e apresentar um cartaz referente à Constituição Federal de 1988, atualizada, no tocante ao “**Título VIII – Da Ordem Social**”.
- 4) Distribuir canetas, pincéis, revistas, tesouras, cola e cartolinas para os grupos elaborarem os cartazes. Deve-se determinar um tempo para a confecção e apresentação dos cartazes em sala de aula. No final, os cartazes podem ser expostos na sala ou no corredor da escola, para que todos tenham acesso ao material produzido.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, cartolina, pincel, revistas, cola, tesouras.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: Quilombo de Queimadas

DIREÇÃO: Kiko Alves

ESTADO: Ceará

ANO: 2011

DURAÇÃO: 13 min.

CATEGORIA: Documentário



SINOPSE: *Quilombo de Queimadas*, trata do dia-a-dia da comunidade de remanescentes de Quilombolas no extremo oeste do Ceará e sua luta pela demarcação de terras, e o seu desejo por dias melhores. A comunidade de Queimadas fica situada na Chapada do Buritinho, sertão de Crateús. A luta não é só pelas terras, mas pela garantia de seus direitos, ideologias e a identidade de seu povo. Por uma sociedade que aceite a diferença, por um estado livre do preconceito seja ele qual for. Em 2008, foram demarcados oito mil hectares de terra como sendo território da comunidade, no entanto, os moradores ainda esperam receber a sua titulação. Sem a titulação, estão impedidos de plantar, o que ocasiona mais ainda a pobreza. Muitos moradores são impedidos pelas autoridades locais de receberem os benefícios sociais.

BAIXAR FILME:

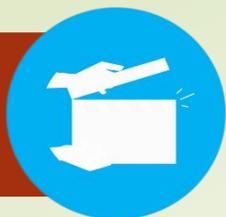
https://www.youtube.com/watch?v=a2mPj23s2Vk&feature=emb_title



Sobre o Cineasta

Francisco das Chagas Miranda Alves (Kiko Alves), é graduado em Jornalismo pela Faculdade Estácio de Sá, cursou Filosofia na Universidade Estadual do Ceará, é especialista em Antropologia Visual, atua desde 2003 em gestão de projetos sociais voltados para criação e implantação de um pensamento audiovisual no terceiro setor, é sócio fundador do projeto Alpendre Casa de Arte Pesquisa e Produção e de sua extensão No Ar Alpendre Casa de Cultura e Cidadania e também é sócio fundador do LAI Laboratório Antropologia e Imagem da Universidade Federal do Ceará. É sócio presidente da produtora de filmes independente, MUCAMBO – Laboratório Audiovisual de Experimentações Estéticas.





Por dentro da Linguagem Cinematográfica

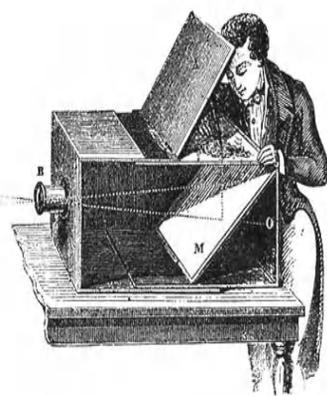
A Origem do Cinema: Parte I

Ao longo de séculos, inventos, ideias e dispositivos foram desenvolvidos e convergidos para delinear os princípios que criariam tecnicamente o cinema. Luz e sombra, reflexão e refração, os estudos da óptica e cinética, aliados à fisiologia do olho humano, constituíram os elementos formadores para a técnica cinematográfica.



TEATRO DE SOMBRAS - Tem início por volta do ano de 5.000 a.C., na China, sendo uma arte muito antiga de contar histórias e entreter com luz e sombra. A prática consiste na projeção de sombras, em paredes ou telas de linho, de figuras humanas, animais ou recortes de objetos e cenários. Sua temática, contada por um narrador, geralmente envolvia guerreiros, princesas e dragões.

CÂMARA ESCURA - Primeira “tecnologia cinematográfica” desenvolvida (primeiramente por Leonardo Da Vinci no século XV, e depois por Giambattista Della Porta no século XVI). Esse aparato consistia em uma caixa fechada com um pequeno orifício coberto por uma lente que permitia a entrada de luz. Assim, a imagem dos objetos exteriores é projetada no interior da caixa (de forma invertida). Trata-se da primeira grande descoberta da fotografia, uma vez que o princípio da propagação retilínea da luz permite que os raios luminosos que atingem o objeto e passam pelo orifício da câmara sejam projetados em um anteparo fotossensível na parede da caixa paralela ao orifício, fixando sua imagem.



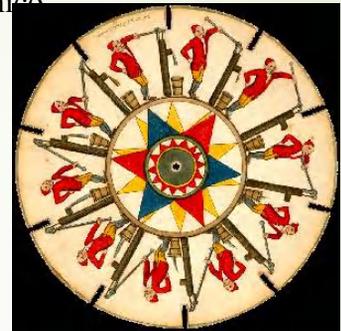


Por dentro da Linguagem Cinematográfica



LANTERNA MÁGICA - No século XVII, Foi criada pelo alemão Athanasius Kirchner, no século XVII. O aparelho é composto por uma caixa cilíndrica iluminada por dentro com uma vela que projeta imagens desenhadas em uma lâmina de vidro. É o primeiro aparelho destinado a projeções coletivas, em ambientes onde um narrador, algumas vezes com acompanhamento musical, se encarregava de contar histórias. A lanterna mágica se tornou uma grande atração em feiras urbanas, e também foi muito utilizada no ambiente acadêmico.

FENACISTOSCÓPIO - Em 1832, Joseph-Antoine Plateau criou o **Fenacístoscópio**, o instrumento apresentava várias figuras de um mesmo objeto em posições diferentes desenhadas em um disco, de forma que, ao girá-lo, essas imagens passavam a formar a ilusão do movimento.



FOTOGRAFIA - Lançada comercialmente em 1839, portanto na mesma década que o fenacístoscópio, a fotografia esperou quase 50 anos para emprestar suas propriedades para o cinema. Inicialmente, eram necessárias horas de exposição do material sensível para fotografar algo, o que tornava o intercâmbio técnico da fotografia para o cinema quase impossível, enquanto a primeira não desenvolvesse processos mais ágeis de captação de imagens.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

Inicialmente, devemos entender que a concepção de Democracia que se tem hoje no Brasil vem desde o fim da ditadura militar ocorrida em 1985. Foram os políticos, intelectuais, sindicalistas, dirigentes de associações, e a sociedade civil organizada os responsáveis pela incorporação da terminologia Cidadania no vocabulário da luta política. Ela acabou se disseminando ao longo dos anos entre os indivíduos. Apesar do término ditatorial os cidadãos brasileiros continuaram enfrentando os mesmos problemas, no tocante ao desemprego, à violência urbana, habitação, analfabetismo e à má qualidade na educação, saúde e saneamento. As desigualdades sócio-econômicas ainda hoje continuam pujantes e acabam assolando todos os cidadãos, mesmo tendo havido uma pequena margem de melhoria, infelizmente, ainda caminhamos a passos lentos para sanar nossos problemas. Os cidadãos estão cansados, ao mesmo tempo que desacreditados e extremamente desconfiados dos mecanismos e dos agentes garantidores do sistema democrático. As eleições, os partidos políticos e o próprio Congresso, para uma parcela da sociedade, já não representa mais nada, devido aos constantes escândalos protagonizados pelos nossos representantes e espetacularizados pelos meios midiáticos.

Para o cientista político brasileiro José Álvaro Moisés (2004), a confiança afeta a qualidade da democracia. Já a desconfiança generalizada, sinaliza a percepção negativa dos cidadãos quanto à capacidade das instituições públicas de operar como meios de realizar seus interesses e preferências. Dois tipos de confiança são extremamente importantes para as relações sociais, é o que nos aponta Moisés (2010). Primeiro, a confiança social é responsável pela segurança dos procedimentos e pelas crenças. A segunda, pauta-se no fato de que a confiança política carrega consigo uma ideia de que a democracia nasceu de princípios liberais, ou seja, a ideia de que quem tem poder não é uma pessoa confiável e será preciso utilizar mecanismos para coibir suas vindouras ações abusivas. É importante percebermos que o simples fato de votarmos não nos garante uma exitosa governança de políticos preocupados com os problemas emergentes da população. Boa parcela da população brasileira não conhece quais são seus direitos e deveres. Quantos brasileiros já leram a Constituição Federal? São questões como esta que devemos fazer sempre. Ter noção de quais são nossos direitos e deveres assegurados pela Lei, é fundamental. Ao longo da história, a cidadania acabou sofrendo vários desdobramentos, ocasionando assim, em direitos civis, sociais e políticos. É importante entender que os Direitos Civis estão ligados, intrinsecamente, à vida, à liberdade, à igualdade e à propriedade. No que tange aos Direitos Políticos, são referentes à participação do cidadão no governo da sociedade. A participação do cidadão ocorre simplesmente pelo direito/dever do voto. Por fim, devemos compreender que os Direitos Sociais são os que realmente garantem e efetivam a participação coletiva. Essa participação está vinculada concernentemente à educação, ao trabalho, à moradia, ao transporte, ao fato de se ganhar um salário digno, de se desfrutar da promoção da saúde e de se ter uma aposentadoria justa.

Portanto, todos esses direitos aqui abordados os torna agentes capazes de perceber, analisar, refletir e transformar as desigualdades que foram e são gestadas diariamente pelo capitalismo. O que todos precisam e certamente almejam é um Estado preocupado em proporcionar um mínimo que seja de bem-estar e dignidade para todos os cidadãos.

(Texto livremente inspirado em “**Democracia e Confiança**: por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas?”, de José Álvaro Moisés Carvalho, 2010; e “**Cidadania no Brasil**: o longo caminho”, de José Murilo de Carvalho, 2004)

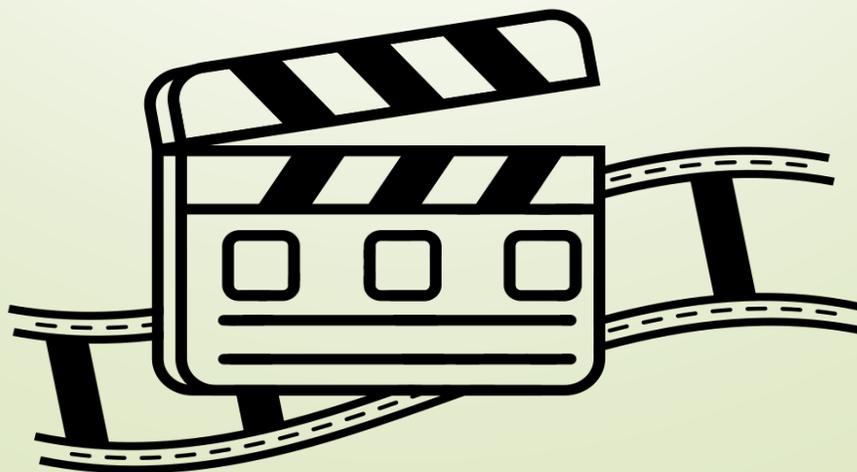


Sobre os Autores

José Álvaro Moisés é formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1970), é Mestre em Política e Governo pela University of Essex (1972) e Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1978). Foi Secretário Nacional de Audiovisual (1999-2002) - ambos do Ministério da Cultura, Coordenador do Curso de Gestão de Políticas Públicas da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH, da USP (2004-2006), presidente do CEDEC (1987-1991) e Coordenador Científico do Núcleo de Pesquisa de Relações Internacionais e Política Comparada da USP (1992-1993). Atualmente é Professor Titular do Departamento de Ciência Política/USP e Membro do Comitê Executivo da Associação Internacional de Ciência Política - IPSA e um dos Chairs do Research Committee sobre Qualidade da Democracia da IPSA.



José Murilo de Carvalho possui graduação em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (1965), Mestrado em Ciência Política - Stanford University (1969) e Doutorado em Ciência Política - Stanford University (1975), pós-doutorado em História da América Latina na University of London (1977). É professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador emérito do CNPq, membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Letras. Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2014) e pela Universidade de Coimbra (2015).



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

- 1) Em seu município existe alguma política pública de habitação realizada pela prefeitura, pelo governo estadual ou federal?
- 2) Existe, em seu município, alguma ocupação ou assentamento? Se sim, quais e quantos? E onde exatamente estão situados?
- 3) Na sua cidade, existe alguma associação comunitária? Se sim, converse, pole menos, com um desses líderes para saber quais são as causas pelas quais os membros dessa dada organização lutam.



REFERÊNCIAS

- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos; 9).
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, BNCC: Ensino Médio. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf>. Acesso realizado em: 02 de setembro 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988**, compilado até a Emenda Constitucional nº 105/2019. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88_EC105_livro.pdf>. Acesso realizado em: 01 de setembro 2020.
- CARVALHO, José Murilo de. **Biografia**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/4769295/jose-murilo-de-carvalho>>. Acesso realizado em: 01 de setembro 2020.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004.
- MOISÉS, José Álvaro. **Biografia**. Disponível em: <<http://nupps.usp.br/index.php/jose-alvaro-moises>>. Acesso realizado em: 01 de setembro 2020.
- MOISÉS, José Álvaro. **Democracia e Confiança: Por que os Cidadãos Desconfiam das Instituições Públicas?**/ José Álvaro Moisés (Organizador). – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- SCKAFF, Dênia de Fátima Cruz. **Biografia**. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4751602J3>>. Acesso realizado em: 01 de setembro 2020.
- THEBAS, Isabella. **A Origem do Cinema**. Disponível em: <<https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema#:~:text=No%20entanto%2C%20foi%20a%20inven%27o%20de%20cinema>>. Acesso realizado em: 28 de fevereiro 2021.

A POLÍTICA DA SECA NO BRASIL

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS202); (EM13CHS302); (EM13CHS304); (EM13CHS306);
(EM13CHS401); (EM13CHS402); (EM13CHS503)



Disponível em: <<https://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2017-01/pesquisadores-preveem-agravamento-da-seca-no-nordeste-entre-fevereiro-e-abril>>

OBJETIVOS

- Proporcionar a compreensão dos problemas da seca e seu regionalismo de dominação;
- Instigar a visão e o pensamento crítico dos estudantes, acerca dos problemas da seca no sertão nordestino;
- Perceber a contradição das ações do DNOCS para a região do Nordeste;
- Refletir quais foram as medidas tomadas para resolução do problema da seca, e quem são os seus verdadeiros beneficiários;
- Conhecer a origem do cinema.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “A política da seca no Brasil”. Logo após, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem documental “A caixa d’água do Sertão” (2011), de Diassis Pires, que relata o processo de açudagem no sertão nordestino, especificadamente, a construção do quinto maior reservatório de água do Brasil, o Açude Estevam Marinho, no município de Coremas (PB).
- Após a exibição, será entregue para os estudantes a ficha “Para Casa”, com a atividade proposta.



SEGUNDO MOMENTO

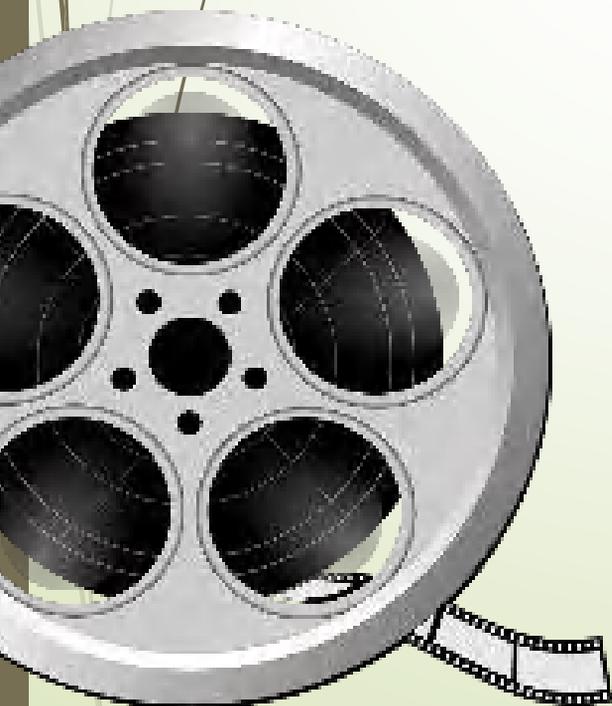
- Deverão ser apresentadas aos estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual.
- Após isso, o(a) Professor(a) deverá organizar uma roda de conversas, concernente à problemática da seca, sempre estimulando os estudantes a falarem suas impressões acerca da temática apresentada no audiovisual e sobre a relação que fora estabelecida na região Nordeste, entre os coronéis e o Estado Central.
- Por fim, os textos trazidos pelos estudantes deverão ser lidos em sala de aula.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: A caixa d'água do Sertão

DIREÇÃO: Diassis Pires

ESTADO: Paraíba

ANO: 2011

DURAÇÃO: 32 min.

CATEGORIA: Documentário



SINOPSE: A Caixa d'água do Sertão, conta a história do Açude Estevam Marinho, no município de Coremas/PB. O sertão nordestino revela seu potencial hídrico neste documentário que apresenta ao Brasil a história da construção da Barragem Estevam Marinho, através de documentos antigos e relatos de personagens que atuaram na edificação deste grandioso projeto. Considerada na época a maior obra de engenharia brasileira, criada por Getúlio Vargas, passando por Eurico Gaspar Dutra e inaugurada por Juscelino Kubitschek. Veja esta história pelos olhos daqueles que se sacrificaram para fazer desta obra um marco, não para a história da Paraíba, mas de todo o Brasil.

BAIXAR FILME:

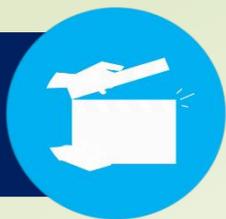
<https://www.youtube.com/watch?v=BpKRA8w6H8E>



Sobre o Cineasta

Francisco de Assis Pires é natural de Coremas-PB, militante cultural, e membro fundador da Curimã Arte e Cultura, ONG cultural da cidade de Coremas. No audiovisual, estreia em 2003, produzindo o curta "Morto", resultado de uma oficina cinematográfica realizada com o irmão e amigos. A partir daí, se apaixonou ainda mais pelo segmento e passa a participar de várias oficinas de cinema, como a promovida pelo ViAção Paraíba com o renomado diretor Torquato Joel, e a oficina de direção de fotografia e uso prático de câmera, ministrada pelo consagrado fotógrafo João Carlos Beltrão. Atualmente, realiza vários curtas e oficinas de produção audiovisual pelo sertão paraibano.





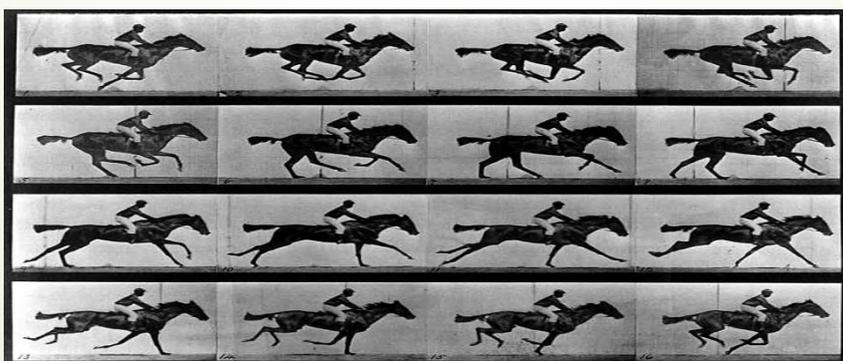
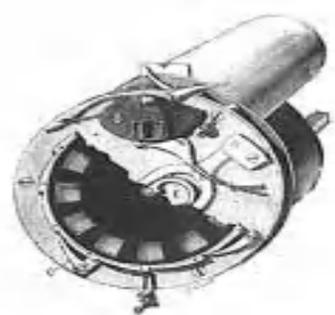
Por dentro da Linguagem Cinematográfica

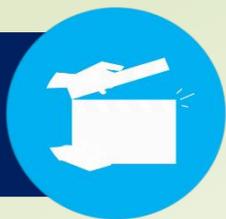
A Origem do Cinema: Parte II



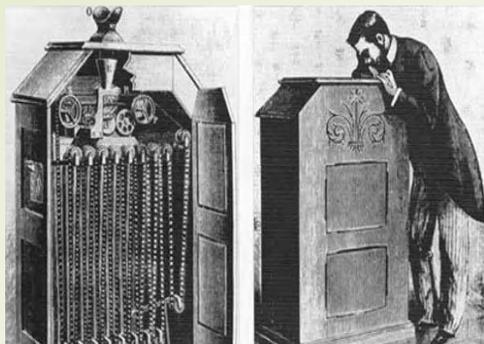
PRAXINOSCÓPIO - Construído em 1877 pelo francês Charles Émile Reynaud, consistia em num aparelho de formato circular no qual imagens se sucediam e criavam a sensação de que estavam se movendo. Inicialmente o uso da máquina era reservado ao ambiente doméstico, mas em 1888 Reynaud conseguiu aumentar seu tamanho tornando possível projetar desenhos para plateias maiores, performances essas que ficaram conhecidas como “teatro ótico”.

FUZIL FOTOGRÁFICO - O Fuzil Fotográfico por sua vez foi desenvolvido em 1878, pelo francês Étienne-Jules Marey. O instrumento consistia em um tambor forrado por dentro com uma chapa fotográfica circular. Ele era capaz de produzir 12 frames consecutivos por segundo, sendo que todos os frames ficavam registrados na mesma imagem. Seus estudos foram baseados na experiência de Edward Muybridge, que decompunha o movimento do galope de um cavalo.



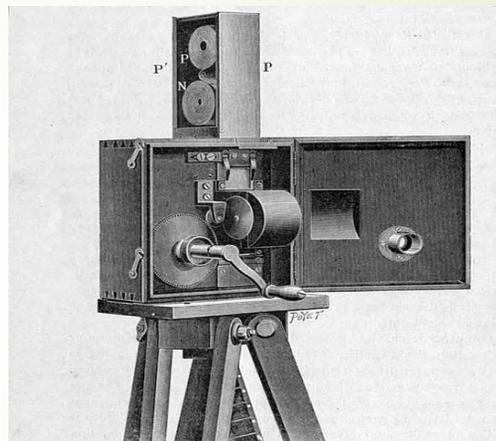


Por dentro da Linguagem Cinematográfica



CINETOSCÓPIO - Em 1890, o norte-americano Thomas Alva Edison, que já havia inventado o *filme perfurado* e uma *película de celulóide* capaz de fixar as imagens e projetá-las através de lentes, produz e exhibe uma série de filmes curtos no que seria o primeiro estúdio de cinema, o *Black Maria*, em West Orange. Esses pequenos filmes não eram projetados em uma tela grande, mas sim no interior de uma máquina, um instrumento individual.

CINEMATÓGRAFO – Criado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, no ano de 1895, o aparelho desenvolvido por eles, era movido à manivela e utilizava negativos perfurados. Como era leve, o instrumento facilitava filmagens externas e, ao longo dos anos os irmãos usaram a câmera para fazer mais de mil curtas-metragens, a maioria dos quais retratava cenas da vida cotidiana. Desta maneira, o invento dos irmãos franceses superou os concorrentes e transformou-se no aparelho preferido daqueles que desejavam registrar imagens em movimento. É a partir desse instrumento que surge o cinema. A sua primeira exibição, **“La Sortie de l’usine Lumière à Lyon”** (A saída da Fábrica Lumière em Lyon) aconteceu no dia 22 de março de 1895, no Grand Café Paris, para uma pequena plateia, mas foi um grande passo para um novo rumo na indústria do entretenimento.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

Quando nos referimos ao Nordeste, evidentemente, nos vem logo em mente o contexto estigmatizado da seca. Essa problemática há mais de um século tem sido alvo de políticas do Estado brasileiro. Coube ao Estado a incumbência de criar uma agência de combate a esse problema no polígono das secas. É a partir desse encaminhamento que surge o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), como política oficializada dedicada, primordialmente, à construção de açudes. Não cabia somente essa função ao Departamento, pois também era imbuído de promover o desenvolvimento e a conservação de florestas e irrigação.

Infelizmente, a função do DNOCS limitou-se à mera construção de barragens, o que acabou ocasionando benefícios aos grandes e médios proprietários. Enquanto isso, os pequenos agricultores desfrutavam de pouquíssimos benefícios, ou quase, nada. Quando os açudes eram construídos, geralmente acabavam beneficiando os grandes proprietários de terras. O resultado disso é, óbvio, um grande acúmulo de terras, além da concentração do poder local perante o Estado.

O Programa de açudagem implantado pelo DNOCS acabou trazendo uma mudança radical no panorama social por onde se firmava, o que acaba promovendo o surgimento de indústrias agroalimentares, acompanhadas de um expansivo crescimento demográfico. O próprio DNOCS era responsável por fazer os imóveis e as instalações para os seus colonos, que possuíam, necessariamente, apenas a posse da terra e, muitos, acabaram sendo forçados a realizar restrições na qualidade de vida, para gerar, assim, algum acúmulo de capital.

Para se tornar um colono nos perímetros irrigados, era necessário atender alguns requisitos: ser maior de idade; casado; dedicar-se totalmente ao trabalho; ter conhecimento sobre agricultura e ser alfabetizado, dentre tantos outros critérios que eram exigidos.

Portanto, as grandes obras hidráulicas do DNOCS corroboraram e fortaleceram os laços de compromisso clientelistas com os coronéis que subjugavam e exploravam a população desprovida de recursos materiais. Essa relação mútua acabou se consagrando com o que denomina Marcel Burzstin (2008), como “*indústria da seca*”, ou seja, a reciprocidade política constituída estava estruturada no poder local, demandado pelo coronel e sua relação intrínseca com o Estado, detentor do poder central.

(Texto livremente adaptado a partir de “**O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste**”, de Marcel Burzstin, 2008).



Sobre o Autor

Marcel Bursztyn é Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1973), com Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976). Doutorado em Développement Economique et Social - Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne (1982) e doutorado em Economie - Université de Picardie-França (1988). Tem pós-doutorado em Políticas Públicas na Univ. de Paris XIII e na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales - Paris (1989-1991). É professor titular da Universidade de Brasília, junto ao Centro de Desenvolvimento Sustentável. Membro do Comitê de Ética para a Pesquisa Agrícola do INRA e CIRAD, França (2008-2015).



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Em dupla, realize uma pesquisa em seu município na prefeitura e/ou na companhia de água e esgotos para saber se existiu ou existe alguma política pública de açudagem, barragens ou poços artesianos que vise a beneficiar a população. Anote e organize todas as informações coletadas para serem apresentadas na sala de aula.



REFERÊNCIAS

A caixa d'água do sertão. Direção de Diassis Pires. Produção de Taciliano Silva e Tina Pires. Coremas/PB: + Cultura Micro Projetos, 2011. Doc. (32 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BpKRA8w6H8E>>. Acesso realizado em: 24 de agosto 2020.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 9).

BURZSTIN, Marcel. (2008). **O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste.** 3 ed. Rio de Janeiro: Garamond; Fortaleza: BNB. (Cap. 05: "A seca e seus beneficiários"; p. 99-147). Disponível em: <<https://www.garamond.com.br/produto/363.pdf>>. Acesso realizado em: 25 de agosto de 2020.

BURZSTIN, Marcel. **Biografia.** Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4787582H1>>. Acesso realizado em: 03 de setembro 2020.

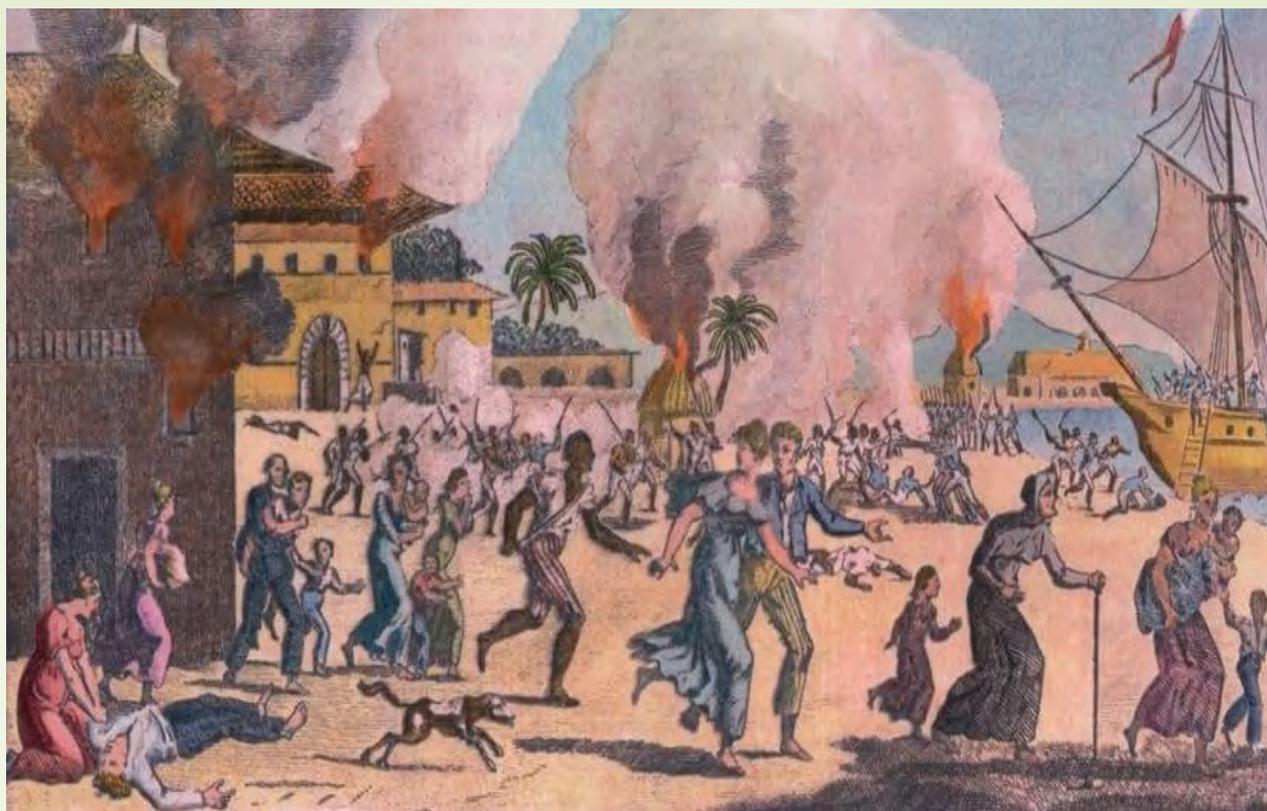
PIRES, Francisco de Assis. **Biografia.** <<http://acaixadaguadosertao.blogspot.com/>>. Acesso realizado em: 03 de setembro 2020.

THEBAS, Isabella. **A Origem do Cinema.** Disponível em: <<https://institutedecinema.com.br/mais/conteudo/a-origem-do-cinema#:~:text=No%20entanto%2C%20foi%20a%20inven%27%27%20o%20termo%20cinema>>. Acesso realizado em: 28 de fevereiro 2021.

O MOVIMENTO ABOLICIONISTA BRASILEIRO

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS501); (EM13CHS502); (EM13CHS601); (EM13CHS605)



Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/historia/movimento-abolicionista-popular-e-a-escravidao.htm>>

OBJETIVOS

- Fazer com que os estudantes compreendam como se deu o movimento abolicionista no Brasil;
- Despertar o pensamento crítico dos estudantes sobre a temática abordada;
- Perceber quem foram os responsáveis pelo movimento abolicionista;
- Compreender quais estratégias de mobilização foram adotadas pelo movimento abolicionista;
- Conhecer os planos cinematográficos.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “O movimento abolicionista brasileiro”. Logo após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem documental “Rosal da liberdade” (2011), de Marilena Lima, que aborda as hostilidades dos donos de fazenda contra homens, mulheres e crianças negras submetidos a tratamento humilhante nas senzalas. Historiadores analisam as circunstâncias e as conveniências que marcaram a abolição da escravatura no Estado do Ceará.
- Será entregue a ficha “Para Casa”, na qual os estudantes irão registrar o resultado da pesquisa feita a partir da atividade nela proposta.



SEGUNDO MOMENTO

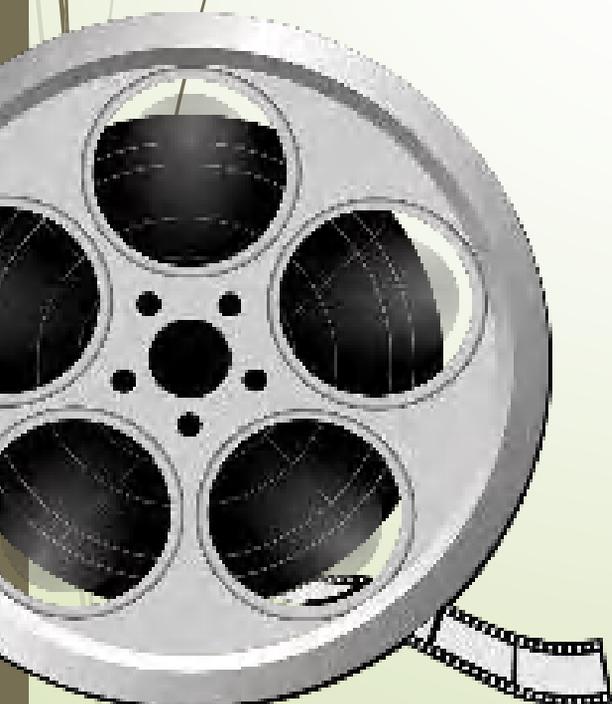
- Deverá ser apresentado para os estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida e debatida.
- Em seguida, o(a) Professor(a) organizará uma roda de conversas, provocando nos estudantes as impressões que tiveram acerca da temática apresentada no filme.
- Por fim, sobre a pesquisa realizada e trazida pelos estudantes, serão realizadas as leituras em sala de aula.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: Rosal da liberdade

DIREÇÃO: Marilena Lima

ESTADO: Ceará

ANO: 2011

DURAÇÃO: 20 min.

CATEGORIA: Documentário



SINOPSE: O documentário traz relatos sobre as hostilidades dos donos de fazenda contra homens, mulheres e crianças negras submetidos a tratamento humilhante nas senzalas. Historiadores analisam as circunstâncias e as conveniências que marcaram a abolição da escravatura no Ceará. "Rosal da Liberdade" registra ainda a última entrevista de Abdias Nascimento, ícone da luta contra o racismo no Brasil, falecido em 2011.

BAIXAR FILME:

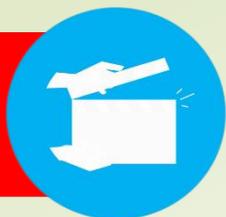
<https://www.youtube.com/watch?v=SpB53IBZ7qM>



Sobre a Cineasta

Marilena Lima é jornalista pós graduada em Assessoria de Comunicação. Graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade de Fortaleza e pós-graduada em Gestão Cultural - Universidade Estadual Vale do Acaraú. Diretora da M Pro Filmes e realizadora independente de audiovisual.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Planos no Cinema: Parte I

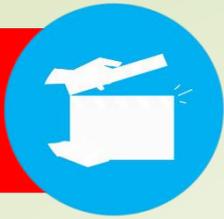
Os planos representam uma espécie de “gramática das imagens”. São funcionais, também, para se estabelecer uma comunicação sobre o que se quer em termos de imagem. Essa convenção é elaborada em relação ao corpo humano na tela. De acordo com a medida do corpo na tela, os planos desenvolvem uma função dramática para a narrativa. O primeiro cineasta a nomear e padronizar estes enquadramentos foi o norte-americano David Griffith, considerado por algumas escolas de cinema o pai da linguagem cinematográfica.

Os planos são classificados em: Grande Plano Geral (GPG), Plano Geral (PG), Plano Conjunto (PC), Plano Americano (PA), Plano Médio (PM), Primeiro Plano (PP), Primeiríssimo Plano (PPP), e Plano Detalhe (PD).



David Griffith em set de filmagem, “An Unseen Enemy”, de 1912.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA



Grande Plano Geral (GPG) – Sua principal característica vem de sua função: passar ao espectador referência geográfica do local onde está acontecendo a ação. Alguns exemplos são: imagens de uma praia, montanha ou deserto, captadas em longas distâncias.

Plano Geral (PG) – Este plano é bem aberto. Geralmente, seu objetivo é apresentar o ambiente/local em que a história está acontecendo e principais fatos. Pode mostrar o personagem principal e também outros personagens interagindo com esse cenário.



Plano Conjunto (PC) – Como o próprio nome diz, esse enquadramento é feito com mais de uma pessoa na cena. É ideal para entrevistas ou conversas que serão filmadas, por exemplo. É parecido com o Plano Americano, porque geralmente irá enquadrar também dos joelhos pra cima.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

Para entender melhor o abolicionismo no Brasil como movimento social, será preciso compreender que foram construídas redes de mobilização, coordenadas por ativistas e associações, além da própria propaganda de massa. Esses foram realmente os grandes responsáveis por adotar estratégias de mobilização em nível nacional. É justamente por essa dinâmica de mobilização que se caracteriza e se fortalece o movimento social abolicionista no Brasil.

o movimento abolicionista agregou intelectuais, poetas, romancistas, políticos e, obviamente, muitos negros e pardos que foram libertados. O Brasil sofria grandes pressões externas devido a mudança econômica no cenário internacional que deixara de ser escravocrata. Essa situação desconfortável era vivenciada no país, por ainda não ter abolido a escravidão, mantendo-se assim, como a última das nações escravistas no dito do mundo civilizado. Para a socióloga brasileira, Angela Maria Alonso (2014),

A emergência de um movimento pela abolição no Brasil, ocorreu bem antes do que dizia Nabuco, a partir de 1868, quando três processos foram emergentes e oportunos para o protesto antiescravista. Um correspondeu ao ambiente internacional; o segundo, ao processo de crise política doméstica e, o outro, a uma reforma modernizadora abraçada pelo Partido Conservador que se encontrava na chefia do Executivo, como resposta à crise. (ALONSO, 2014, p. 127)

O que se configurou neste cenário foram as estruturas das redes sociais de ativismo, que compreendia questões pessoais, profissionais e políticas. Destarte, para compreender o movimento abolicionista e seus antagonistas e o andamento do processo político da Abolição, importa entender que este processo “dividiu águas” na história do Brasil, e também, importa observar como, pela natureza de seu aprimoramento, tal processo resplandece ainda nas formas contemporâneas da desigualdade sócio-econômica. Isso porque, quando ocorreu a abolição, muitos escravos foram deixados à própria sorte, ocasionando, problemas sociais para esta parcela da sociedade e que até hoje estão presentes no cenário brasileiro.

Portanto, é relevante entender que o movimento abolicionista brasileiro utilizou a imprensa e a discussão em várias esferas sociais para conseguir atingir seus objetivos. Na década de 1880, os abolicionistas apoiavam as fugas e as revoltas dos escravos e isso, tornou-se cada vez mais comum no país. Por fim, em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, chega ao fim a escravidão no Brasil e, assim, se abrem as portas para a implantação da República, mais precisamente, em 1889.

(Texto livremente inspirado em “**O abolicionismo como movimento social**”, de Angela Maria Alonso”, 2014.)



Sobre a Autora

Angela Maria Alonso é Professora Titular do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), que presidiu entre 2015 e 2019, e pesquisadora 1C do CNPq. É Doutora em Sociologia pela USP, com Pós-Doutorado na Yale University. Publicou os livros “**Ideias em Movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**”, (2001); “**Joaquim Nabuco: os salões e as ruas**”, (2007), ambos vertidos para o francês; “**Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro**”, (1868-1888) (2015); “**Conflitos: fotografia e violência política no Brasil**”, (1889-1964) (co-organizadora com Heloísa Espada, 2017) e “**The Last Abolition: the Brazilian abolitionist movement, 1868-1888**”, (Cambridge University Press, no prelo) Recebeu os prêmios CNPq/Anpocs (2001), John S. Guggenheim Foundation (2009), Prêmio Jabuti de Ciências Humanas (2015), Prêmio Academia Brasileira de Letras de Melhor Livro do Ano (2015). Suas pesquisas e publicações se concentram na investigação das relações entre cultura e ação política e dos movimentos políticos e intelectuais.



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Pesquise na internet por quem foi sancionada a Lei N° 2.040, de 28 de setembro de 1871 (Lei do Ventre Livre), e descreva os seus respectivos Artigos 1º, 6º e 10º.



REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela Maria. **Biografia.** Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4728832P1>>. Acesso realizado em: 25 de janeiro 2021.

ALONSO, Angela Maria. **O abolicionismo como movimento social.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/nec/n100/0101-3300-nec-100-00115.pdf>>. Acesso realizado em: 25 de janeiro 2021.

ANDRADE, Matheus. **REC- uma iniciação à filmagem.** João Pessoa: Ideia, 2013.

Art' em linha. **Enquadramento.** Disponível em: <<https://andriacapito.wordpress.com/meios-%20estaticos/cinema/planos/enquadramento/>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

LIMA, Marilena. **Biografia.** Disponível em: <<https://mapacultural.fortaleza.ce.gov.br/agente/10092/>>. Acesso realizado em: 25 de janeiro 2021.

PISANI, Marília Mello. **A linguagem cinematográfica de planos e movimentos.** Produção de vídeo. Disponível em: <<https://www.apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/A-Linguagem-cinematografica-de-planos-e-movimentos-.pdf>>. Acesso realizado em 15 de fevereiro 2021.

ROSAL da liberdade. Direção de Marilena Lima. 2011. Doc. (20 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SpB53IBZ7qM>>. Acesso realizado em: 25 de janeiro 2021.

VÍDEOPÉDIA. **Planos cinematográficos: saiba o que são e os principais tipos!** Disponível em: <<https://videopedia.com.br/geral/planos-cinematograficos/>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS202); (EM13CHS403); (EM13CHS501); (EM13CHS502); (EM13CHS602);
(EM13CHS303); (EM13CHS305)



Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/o-tse/escola-judiciaria-eleitoral/publicacoes/revistas-da-eje/artigos/revista-eletronica-eje-n.-4-ano-4/propaganda-politica-suas-especies>>

OBJETIVOS

- Compreender as origem do financiamento público no Brasil;
- Perceber como se configuram os partidos políticos no sistema nacional;
- Refletir sobre como se constituem a propaganda eleitoral gratuita pelos meios de comunicação de massa;
- Conhecer os planos cinematográficos.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “Partidos políticos no Brasil”. Após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem documental “O Brado Retumbante” (2016), de Marcelo Ikeda e Fábio Rogério, realizado a partir da montagem de diversas propagandas televisivas extraídas do horário político obrigatório para a eleição presidencial de 2014. O referido documentário provoca o debate sobre os rumos do país através da reflexão que promove ao reunir os discursos dos principais candidatos e sobre o papel da imagem na construção desses discursos.
- Será entregue para os estudantes a ficha “Para Casa”, com a atividade proposta.



SEGUNDO MOMENTO

- Deverá ser apresentado para os estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida.
- Em seguida, o(a) Professor(a) deverá organizar uma roda de conversas pontuando as principais questões dos discursos políticos apresentados durante as propagandas eleitorais reunidas no documentário.
- Na ficha de atividade “Para Casa”, os estudantes irão realizar uma pesquisa na Câmara de Vereadores e/ou Prefeitura de sua cidade para descobrir quais são os partidos políticos que existem em seu município e os principais problemas de sua cidade.
- Depois da pesquisa, os estudantes serão divididos em dois ou mais grupos, dependendo da quantidade de partidos existentes em seu município, e deverão, em sala de aula, construir propostas políticas para resolver os problemas da cidade. As melhores propostas deverão serem enviadas como sugestão ao vereadores do município.

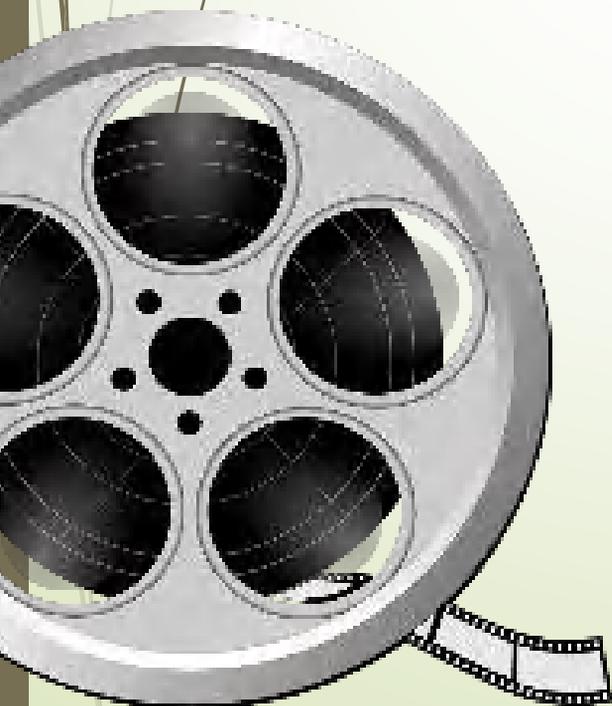
TERCEIRO MOMENTO

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(a) alunos(as) nas atividades e ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: O Brado Retumbante

DIREÇÃO: Marcelo Ikeda e Fábio Rogério

ESTADO: Sergipe

ANO: 2016

DURAÇÃO: 25 min.

CATEGORIA: Documentário



O Brado Retumbante

um filme de Fábio Rogério e Marcelo Ikeda

SINOPSE: A partir de uma montagem da propaganda política obrigatória para a eleição presidencial de 2014, o filme debate os rumos políticos do país através da reflexão que promove sobre os discursos dos principais candidatos e sobre o papel da imagem na construção desses discursos.

BAIXAR FILME:

<https://www.youtube.com/watch?v=zzQWHdRQFko&feature=youtu.be>



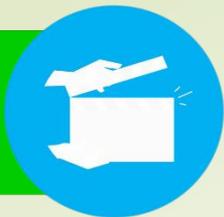
Sobre os Cineastas



Marcelo Gil Ikeda, sergipano, é Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) e Mestre pelo PPGCOM da Universidade Federal Fluminense (UFF). Trabalhou na Agência Nacional do Cinema (ANCINE) entre 2002 e 2010, ocupando diversas funções. Desenvolve também pesquisa sobre o cinema contemporâneo independente brasileiro, publicando, em 2011, o livro “**Cinema de garagem:** um inventário afetivo sobre o jovem cinema brasileiro do século XXI”, em coautoria com Dellani Lima. É professor efetivo do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Ceará (UFC).

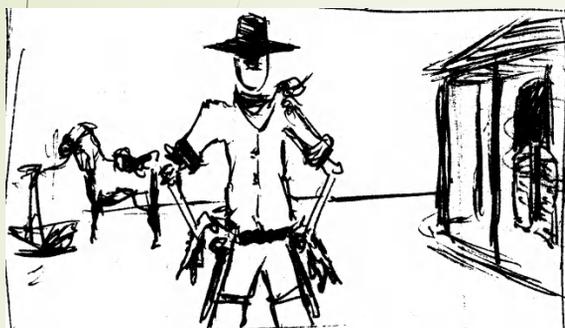
Fábio Rogério Rezende de Jesus, sergipano, possui graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe e é realizador audiovisual, assinando a direção e produção de vários curtas-metragens. É assistente administrativo da Universidade Federal de São Carlos e tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cinema.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Planos no Cinema: Parte II



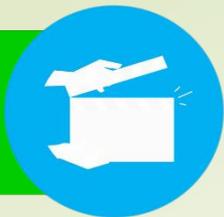
Plano Americano (PA) – Tem esse nome por ter ficado mais popular em filmes antigos de faroeste, em que era muito usado. Os atores são enquadrados do joelho para cima e a ideia é focar ainda mais o personagem, principalmente mãos e cabeça, em detrimento do cenário.

Plano Médio (PM) – Ainda mais fechado que o Plano Americano e com respiros, no Plano Médio os atores serão enquadrados da cintura para cima. Normalmente, a ideia é dar ênfase ao que os atores estão falando.



Primeiro Plano (PP) - Já o Primeiro Plano vai fechar ainda mais no rosto dos atores e personagens. Tem o objetivo de reforçar as expressões das personagens, tais como as de raiva, medo ou alegria, que contribuem para o desenvolvimento da história.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA



Primeiríssimo Plano (PPP) – Este plano ocupa quase todo o campo visual da tela do cinema, o rosto faz com que o espectador dirija toda a sua atenção para o sentimento da personagem, por isso, é também conhecido como plano emotivo. Geralmente, tem duração de 1 a 3 segundos.

Plano Detalhe (PD) – Plano fechado em um objeto específico, como um copo, um livro, uma caneta ou alguma parte do corpo da personagem que são marcantes para o desenrolar das cenas, como, olhos, mãos, boca, etc.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

Quando falamos em partidos políticos no Brasil, logo nos deparamos com a questão do financiamento público. É importante situarmos que a origem do financiamento público de partidos políticos e de campanhas políticas data do início do século XX, sendo o Uruguai o primeiro país a adotá-lo, em 1928. Mais tarde, precisamente, na segunda metade do século XX, expandiu-se para os países europeus e da América Latina. Aqui no Brasil, o financiamento público existe desde 1965, na forma de fundo partidário, sendo esse, um Fundo Especial de Assistência aos Partido Políticos.

Em 1965, com a instalação do novo regime político, os partidos foram extintos em decorrência do decreto do AI-2, de 27 de outubro de 1965. Já a criação de partidos políticos só veio a ocorrer com o AC-4 (20/11/1965), que exigia crucialmente o apoio de 1/3 dos senadores e 1/3 dos deputados. A partir disso, emerge o sistema bipartidário compulsório com as formações partidárias da Arena e do MDB, agregando os parlamentares oriundos dos extintos partidos pertencentes ao antigo regime.

A Lei 6.767 de dezembro de 1979 reformaria a Lei Orgânica dos Partidos Políticos, possibilitando assim a criação de outros partidos. A partir deste momento, surge a emergência de um novo sistema partidário conformado pelo PMDB, PSD, PT, PDT, PTB e PP. Este sistema foi ampliado depois da Emenda Constitucional de 1985, que estabeleceu a liberdade total de organização partidária (com a criação dos PCs, PSB, etc.)

Os partidos que configuram o sistema partidário nacional têm que coordenar, tendo em vista a sua própria sobrevivência no jogo político, estratégias de competição para o município, o estado e a União. Para as cientistas políticas Braga e Bourdoukan (2010), esses partidos possuem incentivos públicos diretos, como por exemplo, o horário eleitoral gratuito (HGPE) e o fundo partidário com cotas cada vez mais excessivas depois de 1996.

Portanto, quando estamos falando de financiamento político, esta expressão, está ligada diretamente ao financiamento de campanhas eleitorais, de partidos políticos e candidatos durante o período eleitoral. Contudo, devemos compreender que esses recursos para o financiamento público vêm dos próprios partidos ou de contribuições de fontes públicas e/ou privadas.

(Texto livremente inspirado em “**Partidos políticos no Brasil: Organização partidária, competição eleitoral e financiamento público**”, de Maria do Socorro Sousa Braga e Adla Youssef Bourdoukan, 2010.)



Sobre as Autoras

Maria do Socorro Sousa Braga possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1992), Mestrado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1997) e Doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2003). Atualmente é Professora Associada 3 da Universidade Federal de São Carlos. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Ciência Política, atuando principalmente nos seguintes temas: partido político, partidos políticos, organização partidária, eleições e eleições presidenciais.



Adla Youssef Bourdoukan é Doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2009), Mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2004) e graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2002). Desde 2013, trabalha como Analista em Ciência e Tecnologia no INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, na área de Planejamento em Ciência, Tecnologia e Inovação.



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Pesquise, na Câmara de Vereadores e/ou Prefeitura de sua cidade, quais os partidos políticos existentes em seu município. Quantos filiados existem em cada partido? Há quantos anos tais partidos existem na cidade? Como é realizado o financiamento público desses partidos (Fundos Partidários)?



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Matheus. **REC- uma iniciação à filmagem**. João Pessoa: Ideia, 2013.

Art' em linha. **Enquadramento**. Disponível em: <<https://andriacapito.wordpress.com/meios-%20estaticos/cinema/planos/enquadramento/>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

BOURDOUKAN, Adla Youssef. **Biografia**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/5515964/adla-youssef-bourdoukan>>. Acesso realizado em: 26 e janeiro de 2021.

BRAGA, Maria do Socorro Sousa. **Biografia**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/3930453/maria-do-socorro-sousa-braga>>. Acesso realizado em: 26 de janeiro 2021.

BRAGA, Maria do Socorro Sousa. BOURDOUKAN, Adla Youssef. **Partidos políticos no Brasil: Organização partidária, competição eleitoral e financiamento público, 2010**. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2290/1858>>. Acesso realizado em: 26 de janeiro 2021.

IKEDA, Marcelo Gil. **Biografia**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/3944555/marcelo-gil-ikeda>>. Acesso realizado em: 26 de janeiro 2021.

JESUS, Fábio Rogério Rezende de. **Biografia**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/5212031/fabio-rogerio-rezende-de-jesus>>. Acesso realizado em: 26 de janeiro 2021.

O Brado Retumbante. Direção de Marcelo Ikeda e Fábio Rogério. Sergipe (SE), 2016. Doc. (25 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zzQWHdRQFko&feature=youtu.be>>. Acesso realizado em: 26 de janeiro 2021.

PISANI, Marília Mello. **A linguagem cinematográfica de planos e movimentos**. Produção de vídeo. Disponível em: <<https://www.apdmce.com.br/wp-content/uploads/2020/01/A-Linguagem-cinematografica-de-planos-e-movimentos-.pdf>>. Acesso realizado em 15 de fevereiro 2021.

UM POUCO MAIS SOBRE A DITADURA MILITAR

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS106); (EM13CHS501); (EM13CHS502); (EM13CHS503); (EM13CHS602);
(EM13CHS603); (EM13CHS605)



Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/da-educacao-livre-milagre-economico-10-mitos-sobre-a-ditadura-brasileira.phtml>>

OBJETIVOS

- Conhecer melhor o período da ditadura militar no Brasil;
- Perceber quais foram as ameaças causadas à cidadania brasileira pela ditadura militar;
- Refletir sobre os regimes autoritários e totalitários estabelecidos;
- Conhecer os movimentos de câmeras.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “Um pouco mais sobre a Ditadura Militar”. Após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem documental “Praça de Guerra” (2015), de Edmilson Gomes que relata o surgimento, nos anos de 1960, em Catolé do Rocha, Paraíba, de um grupo de meninos que, munindo-se de sonhos e ideais de liberdade, compuseram um genuíno ato de resistência. Esses jovens começaram a praticar atividades consideradas "subversivas" pelo poder vigente à época e, ao serem descobertos, alguns desses jovens foram condenados e presos pelas forças de repressão.
- Será entregue a ficha “Para Casa”, aos estudantes para que pesquisem na internet músicas que relatem o período da Ditadura Militar no Brasil.



SEGUNDO MOMENTO

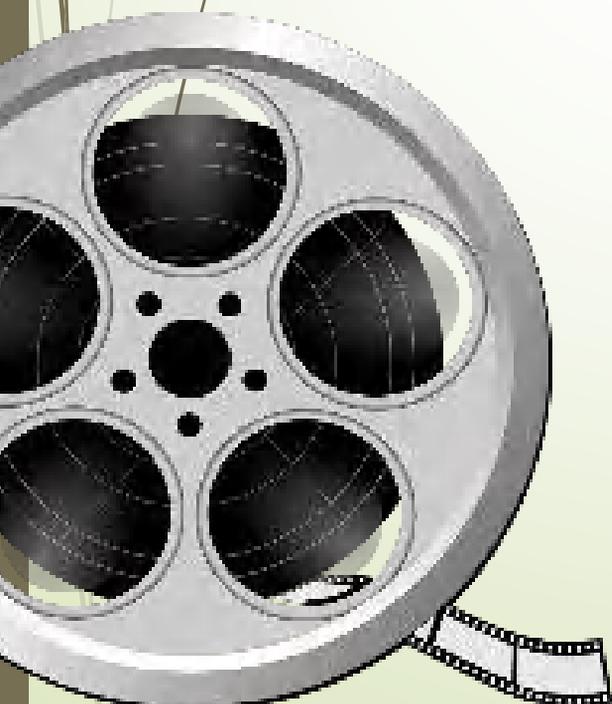
- Deverão ser apresentadas aos estudantes(às) as imagens (impressas ou em datashow) e a síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e a do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida.
- Logo após, o(a) Professor(a) deverá organizar uma roda de conversas, debatendo com os(as) estudantes o filme exibido, estimulando-os para que expressem as acerca de suas impressões sobre a temática apresentada no audiovisual.
- Por fim, as listas de músicas trazidas pelos estudantes deverão ser apresentadas e ficarão expostas em um local na sala de aula ou pátio.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica



FILME: Praça de Guerra

DIREÇÃO: Edmilson Gomes

ESTADO: Paraíba

ANO: 2015

DURAÇÃO: 19 min.

CATEGORIA: Documentário

SINOPSE: Nos anos de 1960, surgiu em Catolé do Rocha um grupo de meninos que munindo-se de sonhos e ideais de liberdade compuseram um genuíno ato de resistência. Tendo como palco uma pequena cidade localizada no árido sertão paraibano, onde o coronelismo e a dureza de costumes somavam-se ao então regime militar que iniciava no país, esses jovens começaram a praticar atividades consideradas "subversivas" pelo poder vigente à época, tendo como ápice a tentativa de organizar um foco de guerrilha armada na Serra do Capim Açú localizada na zona rural da cidade. Ao serem descobertos, alguns desses jovens foram condenados e presos pelas forças de repressão. No filme, personagens dessa história descrevem algumas situações vivenciadas naquele período.

BAIXAR FILME:

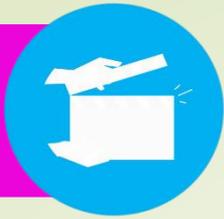
<https://www.youtube.com/watch?v=d7wc8Pz9ehA>



Sobre o Cineasta

Edmilson Gomes da Silva Junior, paraibano da cidade de Catolé do Rocha, é mestrando em Ciências Sociais (UFPB), e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq, de 2014 a 2018, tendo nos últimos dois anos desenvolvido pesquisa sobre as interfaces entre experiência negra e canção popular brasileira na obra do cantor e compositor Gilberto Gil. Tem experiência na produção de mostras de cinema com foco em Direitos Humanos e Ditaduras Cívico-Militares na América Latina. Participou como monitor em projetos de extensão na área de cinema, como o Projeto ViAção Paraíba (2016); JABRE -Laboratório Paraibano para Jovens Roteiristas(2017) e Cinema Estética e Relações Interculturais no Cinema Francófono (2018). Seus interesses discentes atuais têm se voltado para o cinema paraibano.





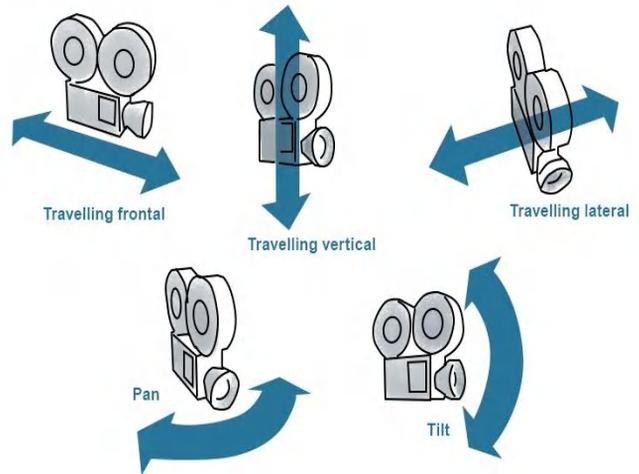
Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Movimentos de Câmera

As primeiras experiências de filmagem foram realizadas no final do século XIX, e não durou muito para se descobrir que não apenas os personagens se movimentavam diante da câmera, mas que a câmera também podia se movimentar na cena. Os movimentos das câmeras são classificados em dois níveis: físico e óptico.

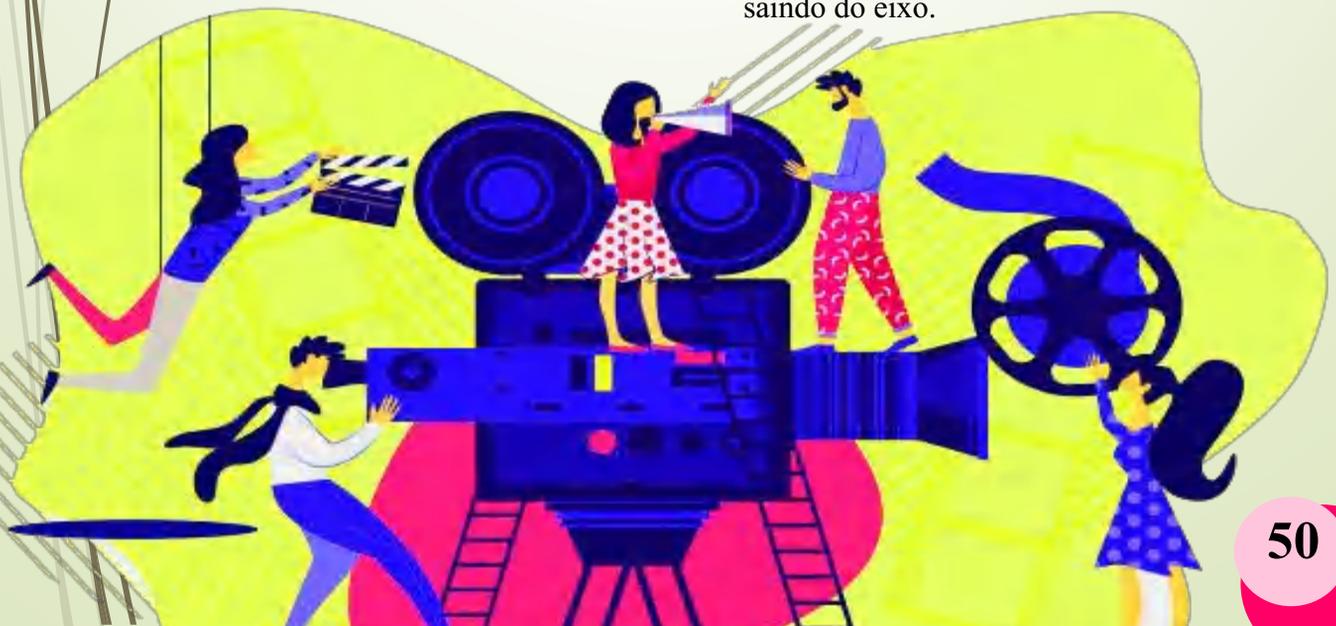
TRAVELLING - Conhecido pelo “carrinho” da maquinaria, usado nos sets de filmagem preso nos trilhos, fazendo com que a câmera realize, de fato, uma “viagem” pela cena. Imagens feitas de dentro do carro, de uma lancha ou de um helicóptero se enquadram num tipo de travelling.

ZOOM – o Zoom é um efeito de movimento. Trata-se do movimento da distância focal da lente, o qual tem a capacidade de aproximar ou afastar o campo visual da câmera. Seus comandos são determinados por Zoom In, no caso da aproximação, e Zoom Out, para o distanciamento da imagem.



PANORÂMICA (PAN) – A câmera se movimenta afixada sobre um mesmo eixo. O movimento da panorâmica pode ser realizado de dois modos (horizontal e vertical) e em quatro direções (direita, esquerda, para cima e para baixo).

DOLLY – O movimento Dolly se refere ao movimento total da câmera, com o pedestal se movendo, em direção ao personagem focalizado na cena ou o afastamento dele, saindo do eixo.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

Atualmente, o nosso país vivencia uma movimentação pró-ditadura por parte de grupos ligados ao presidente Jair Bolsonaro. O que vivenciamos são inúmeras manifestações favoráveis à intervenção militar. É importante perceber e refletir sobre quem de fato são esses sujeitos que clamam o retorno do regime ditatorial. Será que realmente conhecem o ocorrido nesse período na história do Brasil? E se esse regime voltasse, quais seriam as consequências? Questões como essas devem ser discutidas cotidianamente.

O movimento político militar de 64 significou um golpe contra as reformas sociais. Muitas greves estouraram nos primeiros meses desse ano. O Presidente João Goulart ficou completamente indefeso diante das pressões promovidas por parte da burguesia. Os grupos que assumiram o governo, a partir do golpe de Estado reprimiram, controlaram e marginalizaram quem se apresentava contra os interesses da elite dominante, esses indivíduos eram taxados de subversivos. Os civis obtiveram cargos estratégicos no governo.

A reforma educacional da ditadura militar determinou as disciplinas obrigatórias da grade curricular da educação básica, daquele período, sendo as disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política Brasileira (OSPB) voltadas para difusão de valores e os interesses da classe burguesa nas escolas. É fundamental lembrarmos que como existimos dentro de uma sociedade dividida em duas principais classes sociais antagônicas (burguesia e trabalhadores), ao pensarmos sobre educação é preciso antes pensar em educação de classes. A educação no capitalismo passa a ser uma das ferramentas para a classe burguesa que exerce o domínio sobre a sociedade, usufruindo assim de ideias construídas e impostas para a manutenção de seu poder. (PERUCCHI, 2009, p. 13).

A sociedade civil ficou sob vigilância, os sindicatos eram constantemente controlados, além dos meios de comunicação censurados e os seus profissionais, perseguidos, esse era o cenário constituído. Os brasileiros que buscavam construir outro tipo de regime político foram perseguidos, torturados ou mortos. O regime autoritário estabelecido restringiu o direito da população ao exercício da política, ou seja, a própria cidadania foi posta em xeque, diante das restrições no tocante aos direitos civis, políticos e sociais.

No ano de 1984, o Brasil, através dos movimentos sociais organizados, obteve um marco histórico, pois a expressão da força do povo contra a opressão desencadeada pelo Estado autoritário e a violência dos seus agentes torturadores, ganhava força nas manifestações pela *Diretas Já*, isso significou o grito de liberdade das massas por justiça social.

(Texto livremente adaptado de “Saberes sociológicos nas escolas de nível médio sob a ditadura militar: os livros didáticos de OSPB”, de Luciene Perucchi, 2009.)



Sobre a Autora

Luciane Perucchi é formada no curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Mestre em Ciências da Educação na linha Ensino e Formação de Educadores pela Universidade Federal de Santa Catarina. Formação em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Tem experiência nas seguintes áreas: Educação, Educação a Distância, Sociologia no Ensino Médio, condições de trabalho do professor de Sociologia, Sociologia da Educação. Cursa Especialização em nível de Pós-Graduação em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica.



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Pesquise na internet músicas que abordem temáticas referentes ao período da Ditadura Militar no Brasil. Descreva alguns dos artistas perseguidos naquela época.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Matheus. **REC- uma iniciação à filmagem**. João Pessoa: Ideia, 2013.

Art' em linha. **Enquadramento**. Disponível em: <<https://andriacapito.wordpress.com/meios-%20estaticos/cinema/planos/enquadramento/>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

JUNIOR, Edmilson Gomes da Silva. **Biografia**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/4119072/edmilson-gomes-da-silva-junior#!>>. Acesso realizado em: 15 de janeiro 2021.

PERUCCHI, Luciane. **Biografia**. Disponível Em: <<https://www.escavador.com/sobre/4104995/luciane-perucchi>>. Acesso realizado em: 15 de janeiro 2021.

PERUCCHI, Luciene. **Saberes sociológicos nas escolas de nível médio sob a ditadura militar: os livros didáticos de OSPB**. Dissertação [2009] Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92825/269705.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso realizado em: 15 de janeiro 2021.

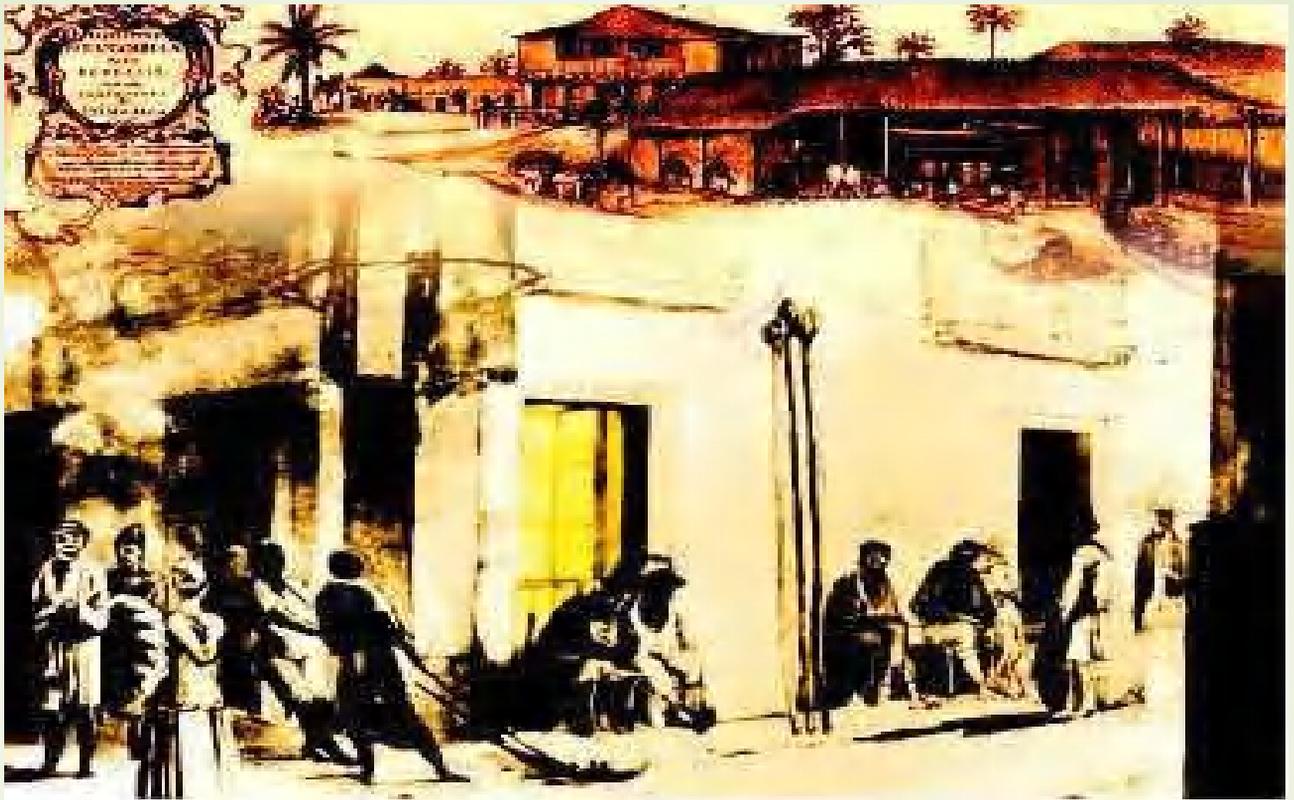
Praça de Guerra. Direção de Edmilson Gomes. Catolé do Rocha/PB, 2015. Doc. (19 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d7wc8Pz9ehA>>. Acesso realizado em: 15 de janeiro 2021.

Primeiro filme. Disponível em: <<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/corte-montagem-pontuacao-%20continuidade/>>. Acesso realizado em 27 de fevereiro 2021.

A REVOLUÇÃO PRAIEIRA CONTRA O GOVERNO IMPERIAL

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS202); (EM13CHS401); (EM13CHS402); (EM13CHS403); (EM13CHS503); (EM13CHS503)



Disponível em:< <http://facesdobr.blogspot.com/2012/11/rebeliao-praieira.html>>

OBJETIVOS

- Compreender o contexto que fez emergir o movimento do Partido Praieiro, no Estado de Pernambuco;
- Perceber a força e a representação assumida pelo movimento;
- Refletir sobre quem eram os representantes do movimento e quais eram seus objetivos de luta;
- Conhecer os gêneros básicos do cinema.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “ A Revolução Praieira contra o Governo Imperial”. Após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem documental “Trajetória do Frevo”(1988), de Fernando Spencer, que relata o período do Brasil Império, quando a cidade do Recife era um foco de agitação. Pernambuco havia se tornado um centro de rebeldia. Pregava-se o nacionalismo, a expulsão dos portugueses, exigia-se a República e a libertação dos escravos
- Será entregue aos(às) estudantes a ficha “*Para Casa*”.



SEGUNDO MOMENTO

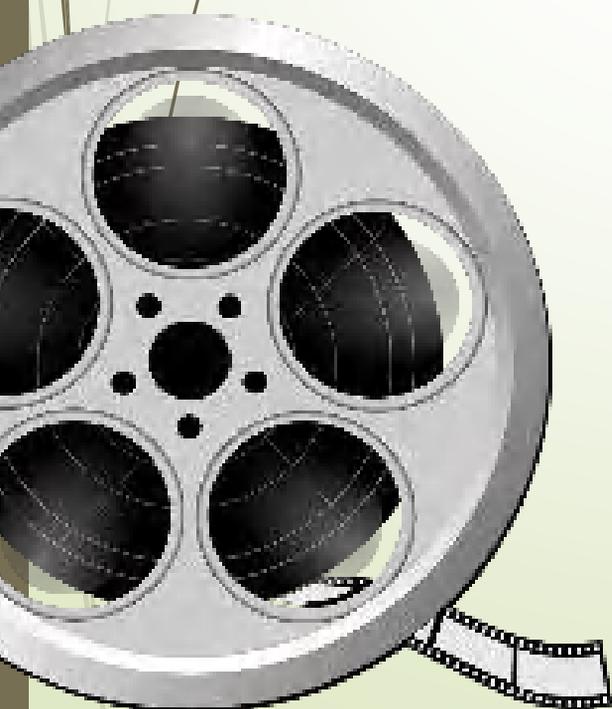
- Deverá ser apresentado para os estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida.
- Em seguida, o(a) Professor(a) deverá organizar uma roda de conversas, estimulando os(as) estudantes a expressarem suas impressões acerca da temática apresentada no documentário.
- Por fim, os textos trazidos pelos(as) estudantes deverão ser apresentados em sala de aula.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: Trajetória do Frevo

DIREÇÃO: Fernando Spencer

ESTADO: Pernambuco

ANO: 1988

DURAÇÃO: 09 min.

CATEGORIA: Documentário



SINOPSE: O filme aborda o período do Brasil Império, quando a cidade do Recife era um foco de agitação. Pernambuco havia se tornado um centro de rebeldia. Pregava-se o nacionalismo, a expulsão dos portugueses, exigia-se a República e a libertação dos escravos. As revoluções eram constantes, muitos foram presos e fuzilados. A Revolução Praieira em 1848, foi a última tentativa para solucionar os problemas através dos movimentos armados. Como represália o governo imperial dividiu o território pernambucano, entregando quase a metade dele ao Estado da Bahia. Os capoeiras, juntamente com as bandas de músicas, adaptaram as suas coreografias para não serem detidos pela guarda. É a partir desse contexto social e político que surge o frevo.

BAIXAR FILME:

https://www.youtube.com/watch?v=QBDD_agJm5Q



Sobre o Cineasta

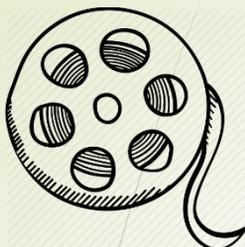
Fernando José Spencer Hartmann nasceu no Recife, em 17 de janeiro de 1927, num sobrado da Rua Augusta, hoje o Bairro de São José. Filho de Niconedes Brasil Hartmann e Maria Serafina Spencer Lopes Neto. Considerado como o realizador mais antigo da história do cinema em Pernambuco e um dos pioneiros do estilo Super Oito de fazer cinema, Spencer começou sua carreira de cineasta em 1969. O cineasta das três bitolas (Super 8, 16 mm e 35 mm), como era também conhecido, faleceu aos 87 anos, vítima de câncer de pulmão, no dia 17 de março de 2014.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Gêneros Básicos



DOCUMENTÁRIO – Grosso modo, filme informativo e/ou didático feito sobre pessoa (s), animais, acontecimentos; geralmente buscando fidelidade aos fatos (...)

FICÇÃO – Arte da imaginação. Liberdade para criar, mesmo quando baseada em fatos reais.



EXPERIMENTAL/SENSORIAL – Geralmente caracterizado pela ausência de narrativa linear e uso e técnicas variadas de abstração (Ex: fora de foco, pintura ou raspagem direta sobre a película, montagem extremamente rápida, o uso de som não diegético ou mesmo a ausência de som, etc.)

VIDEOARTE – Semelhante ao experimental, busca despertar sentimentos no espectador.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

A Revolução Praieira começou no início da década de 1840, quando surgiu em Pernambuco uma dissidência do Partido Liberal, mais conhecida pelo apelido de “Partido Praieiro”. Esse grupo era representante de todo o povo de Pernambuco. Ao assumir o poder local, o governo praieiro começou a substituir os delegados e subdelegados de polícia na província, assim, as bases locais ganharam mais força e representação.

A Insurreição Praieira começou quando uma tropa foi tentar desarmar o coronel praieiro Manoel Pereira de Moraes, senhor do engenho Inhamam, em novembro de 1848. A raiz praieira foi esta disputa pelo poder local, principalmente pelos cargos na polícia civil, e secundariamente na Assembleia Provincial, nas Câmaras, na Justiça de Paz e na Guarda Municipal. (CARVALHO, 2003, p. 212)

Os participantes da Insurreição eram cidadãos respeitáveis que lutavam para salvar suas vidas e propriedades contra seus inimigos vinculados à oligarquia Cavalcante-Rego Barros. Os chamados rebeldes lutavam e defendiam os direitos legais e constitucionais que haviam sido transgredidos. A revolução também foi conhecida pela Guerra do Moraes, devido o seu líder ter sido Manoel Pereira de Moraes que foi um grande senhor de engenhos e que, também, segundo a tradição oral dos habitantes da Zona da Mata seca, localizada ao norte do Recife, ele teria se envolvido com a Confederação do Equador.

Para Carvalho (2003), a Guerra do Moraes foi certamente o tipo de conflito travado pela maior parte da população rural pernambucana envolvida na luta. O seu cerne era a disputa dos senhores-de-engenho pelos cargos na Polícia Civil e Justiça de Paz, que davam uma roupagem institucional ao poder político local. Os soldados dessa guerra eram os dependentes dos potentados rurais. As reivindicações manifestadas por Borges da Fonseca, dentre outras, eram: o voto livre e universal de todos os brasileiros; o comércio a retalho somente para os cidadãos brasileiros; extinção da lei do juro convencional; e a extinção do sistema de recrutamento. As relações clientelistas eram pautadas em muitas contradições. No perímetro urbano recifense, os praieiros tinham uma reivindicação concreta para atrair a lealdade do povo, utilizando-se de argumentos para a nacionalização do comércio. A nacionalização do comércio a retalho era uma proposta reacionária. O movimento ganhou mais força, por conta da associação dos artistas mecânicos que possuíam uma forte mobilização perante a massa urbana em favor da nacionalização do comércio a retalho.

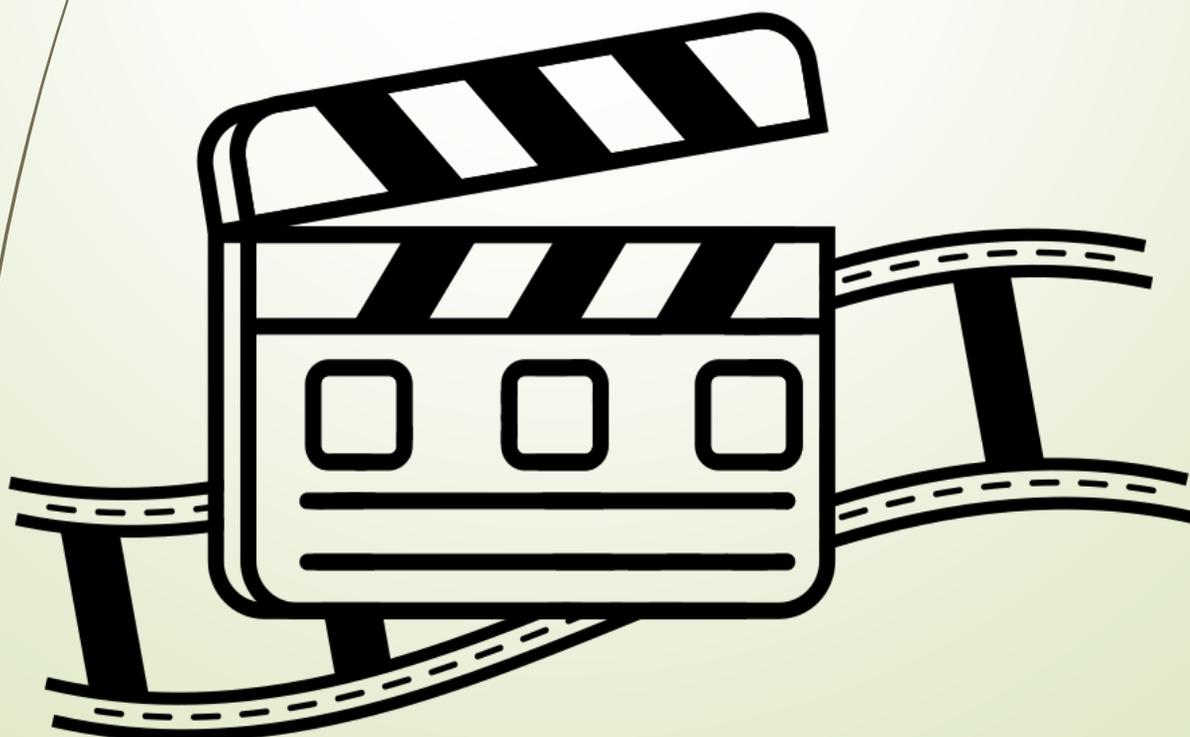
As tropas imperiais foram alvejadas por tiros quando o exército praieiro tentou tomar o Recife. O chefe de polícia da província que derrotou a Praieira, depois da morte de Nunes Machado, Borges da Fonseca, assumiu o comando em 1848. As deserções foram muitas e praticamente impossíveis de se conter. Carvalho (2003) O general Coelho, comandante das armas que esmagou a Praieira, relutava em entregar armas aos guardas nacionais, temendo as frequentes deserções com o equipamento. A pena sofrida pelos desertores da Guarda Nacional legalista era o recrutamento, já para os praieiros era a morte.

(Texto livremente adaptado de “Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849”, de Marcus J. M. de Carvalho, 2009.)



Sobre o Autor

Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, Professor Titular de História da Universidade Federal de Pernambuco. Ph.D em História pela University of Illinois at Urbana-Champaign (1989). Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1986), Master of Arts em História - University of Illinois (1985) e Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (UFPE, 1980), com Pós-Doutorado na École de Hautes Études en Sciences Sociales. Ensina cadeiras de História do Brasil, História das Américas, História da Escravidão e História da África, atuando principalmente nos seguintes temas: escravidão e tráfico de escravos, e a História Social do chamado "Ciclo das Insurreições Liberais do Nordeste".



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Realize uma pesquisa no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), para descobrir quantos partidos políticos existem registrados no Brasil. Quais são suas siglas, nomes e números de legendas?



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Biografia.** Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/7152784/marcus-joaquim-maciel-de-carvalho>>. Acesso realizado em: 29 de março 2021.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849.** [2003]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16526.pdf>>. Acesso realizado em: 29 de março 2021.

HARTMANN, Fernando José Spencer. **Biografia.** Disponível em: <<https://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/71/>>. Acesso realizado em: 27 de março 2021.

Primeiro filme. **Gêneros básicos do cinema.** Disponível em: <<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/corte-montagem-pontuacao-continuidade/>>. Acesso realizado em 27 fevereiro 2021.

Trajatória do Frevo. Direção: Fernando Spencer. (Doc. 09 min. 1988). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QBDD_agJm5Q>. Acesso realizado em: 27 de março 2021.

OS ATOS INSTITUCIONAIS BRASILEIROS

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS202); (EM13CHS402); (EM13CHS501); (EM13CHS502);
(EM13CHS503); (EM13CHS602); (EM13CHS603)

1. CONGRESSO EM RECESSO POR TEMPO INDETERMINADO
2. HABEAS-CORPUS SUSPENSO PARA DELITOS POLÍTICOS
3. PODER PARA CASSAR, DEMITIR, APOSENTAR E REMOVER

ATO-5: OBJETIVO É MANTER REVOLUÇÃO

Ordem-do-dia na Escola Naval: - Aqui aprendemos lições do bem servir à Pátria



© Presidente Costa e Silva passa em revista as Guardas-Mascaradas do Corpo de Armação. (Leia na quarta página)

O Ministro Costa e Silva, da Justiça, anunciou as últimas horas de antes a Alta Institucional n.º 5, baixada pelo Presidente da República, assinada por todo o Ministério após reunião do Conselho de Segurança Nacional. São os seguintes os principais destaques contidos no documento, cujo objetivo anunciado é salvar a Revolução de Março de 64:

1. São mantidas as Constituições Federal e estaduais;
2. Abaixo de ato complementar, o Presidente da República tem o poder de decretar o recesso do Congresso, que só poderá a funcionar quando con-

Ultima Hora
Ano XVIII — Rio de Janeiro, Sábado, 24/12/1968 — N.º 5.689 — R\$120,00

**REI NÃO FOI DEPOSTO:
PELÉ VAI À FORRA COM
VICE-CAMPEÃO MUNDIAL**

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/31/entenda-o-que-foi-o-ai-5-ato-ditatorial-defendido-por-eduardo-Bolsonaro>

OBJETIVOS

- Perceber como eram realizadas as escolhas para Presidente do Brasil;
- Compreender quais foram os períodos de transição do regime militar para a democracia liberal;
- Refletir sobre quais eram as medidas adotadas pelo Presidente sobre o Ato Institucional n.º 5;
- Conhecer os tipos de câmeras, alguns equipamentos e a equipe tradicional do cinema.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “Os Atos Institucionais Brasileiro”. Após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem ficcional “Ato Institucional”(2012), de Helton Paulino. O filme mostra cenas do cotidiano solitário e hostil de um capitão do exército, além de promover falas sobre as torturas cometidas pelos militares, os documentos arquivados e o AI-5.
- Será entregue a ficha “Para Casa” aos estudantes para desenvolver a atividade proposta.



- Deverão ser apresentadas aos estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida.
- Após, o Professor deverá organizar uma roda de conversas, provocando os estudantes sobre suas impressões acerca da temática apresentada no audiovisual.
- Por fim, os textos trazidos pelos estudantes deverão ser lidos em sala de aula.

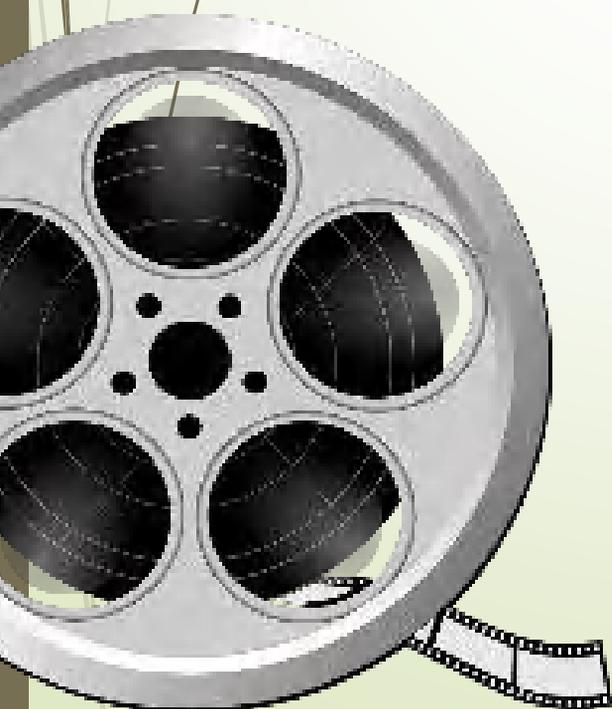
SEGUNDO MOMENTO

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: Ato Institucional

DIREÇÃO: Helton Paulino

ESTADO: Paraíba

ANO: 2012

DURAÇÃO: 20 min.

CATEGORIA: Drama



SINOPSE: Em uma sexta-feira 13, em dezembro de 1968, o Conselho de Segurança Nacional da então vigente Ditadura Militar Brasileira se reúne para aprovar um documento que mudaria a história do país. 43 anos depois, um Capitão reformado do Exército e Ex-supervisor de Ações do DOI-CODI, expõe sua versão dos fatos. O filme mostra cenas do cotidiano solitário e hostil do referido capitão, além de falas sobre as torturas cometidas pelos militares, sobre os documentos arquivados e o AI-5.

BAIXAR FILME:

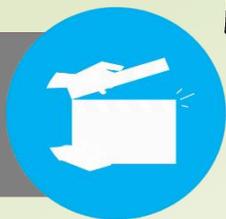
https://www.youtube.com/watch?v=ipu-ot1_CSU



Sobre o Cineasta

Helton Paulino nasceu em Campina Grande/PB. Formado em Arte e Mídia/UFCG e em Direito/UEPB. O seu curta-metragem “Terra Erma”, dirigido por Paulino e produzido por Ronaldo Nerys, arrematou o Prêmio Energisa de Estímulo ao Audiovisual Paraibano, durante o 4º Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa – Cineport, em 2009. O curta também faturou os prêmios de Melhor Som e Melhor Fotografia no COMUNICURTAS de 2008; Melhor Edição pelo Júri Oficial do IV FestAruanda, Troféu Rodrigo Rocha de Melhor Ficção Paraibana e Troféu ZOOM de Melhor Curta do Festival. Helton ainda possui outros trabalhos premiados.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Tipos de Câmera

O princípio das câmeras de cinema, desde sua invenção até hoje, permanece o mesmo, com diferenças apenas na comodidade e praticidade no uso e manuseio dos equipamentos. Isso significa dizer que uma câmera fabricada há 50 ou 60 anos, ainda é capaz de produzir, se em bom estado de conservação mecânica e ótica, imagens de qualidade sem que se possa diferenciar o resultado de uma câmera fabricada há alguns meses. É importante frisar que o mesmo não acontece com a tecnologia de vídeo, que a cada geração aumenta a definição e qualidade da imagem, colocando as câmeras mais antigas em estado de obsolescência. Existem muitos tipos de câmeras, e que variam segundo qualidades e facilidades tecnológicas, devendo o fotógrafo conhecer os principais modelos para poder escolher a câmera mais adequada, durante a pré-produção de um filme. Os critérios para escolha da melhor câmera variam de acordo com a necessidade e o orçamento, mas, em relação ao produto final, é preciso ter em mente que as câmeras se dividem basicamente em função do tamanho da bitola. Existem 3 bitolas de película ainda em uso no Brasil: Super-8 (raro), 16mm e 35mm.



Compacta



Camcorders



Action Cam

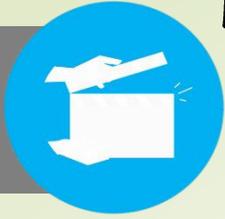


Smartphone



DSLR ou mirrorless





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Alguns equipamentos



VARA DE BOOM



CLAQUETE



SOFTBOX



TRIPÉ



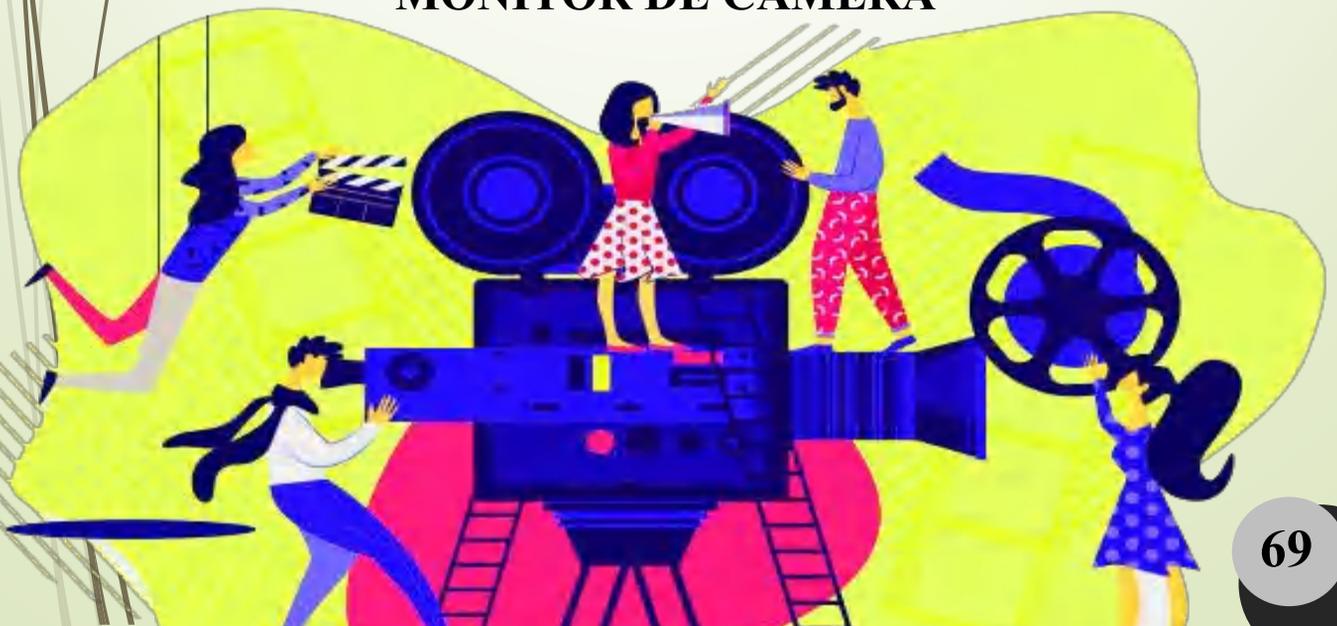
REBATEDOR



GRUA



MONITOR DE CÂMERA



Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA

Equipe tradicional



DIRETOR – Concebe o aspecto criativo de todo o projeto. Diretor é quem assina a obra audiovisual.

ASSITENTE DE DIREÇÃO – Assessora o diretor e faz a ligação entre ele e os demais da equipe.

DIRETOR DE ELENCO – Trabalha junto aos atores o universo dos personagens e suas ações.

PRODUTOR – Consegue os recursos financeiros e logísticos para a execução da obra.

DIRETOR DE FOTOGRAFIA – É o responsável por toda a construção da imagem do filme. O diretor de fotografia estabelece como a câmera enquadra as cenas, qual equipamento será usado (lentes, tripés, steady-cam...) e qual a luz de cada plano.

DIRETOR DE SOM – Responsável pela captação sonora do filme.

DIRETOR DE ARTE – Cria ou adapta o cenário do filme.

FIGURINISTA – Cria as roupas e acessórios utilizados pelo elenco.

MONTADOR/EDITOR – Monta as sequências e cenas do filme de acordo com a narrativa utilizada pelo diretor.

STILL – Responsável pelas fotografias de registro da produção das cenas.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

Para darmos início, aduzimos que os atos institucionais possuíam função de decretos, sendo instrumentos utilizados pelos militares para assegurarem a legitimidade do uso de violências e ilegalidades realizadas durante o período da Ditadura Militar. Isso ocorreu devido a própria instituição militar possuir poder de constituição. Ao todo foram publicados dezessete atos institucionais. Tendo o Ato Institucional nº 5, editado em 13 de dezembro de 1968, ficando vigente até o início de 1979. Um dos marcos que caracterizou o AI-5 foi a violência repressiva, isso se torna visível através dos inúmeros registros de mortos, desaparecidos e torturados.

No período ditatorial militar, os presidentes eram eleitos de maneira indireta para assumirem o poder. Os militares sempre foram escolhidos para os cargos, tais como: Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967); Arthur da Costa e Silva (1967-1969); Emilio Garrastazu Médici (1969-1974); Ernesto Geisel (1974-1979) e; João Batista Figueiredo (1979-1985).

O AI-5 foi também motivado por frustrações militares de natureza corporativa, como baixos soldos e carência de investimentos e de equipamentos nas Forças Armadas. Além de trazer uma perspectiva original sobre a opinião dos golpistas de 1968: um dos motivos para a escalada autoritária era revigorar o governo Costa e Silva e ânimo dos “revolucionários”, fortalecendo-os para que os objetivos de 1964 fossem alcançados (MOTTA, 2018, pp. 206-207).

As propostas definidas pelo AI-5 conferiam ao Presidente da República poderes para fechar provisoriamente o Congresso; cassar os mandatos, suspender direitos políticos, além de demitir ou aposentar servidores públicos, e surpreender a garantia de habeas corpus aos acusados de crime contra a segurança nacional e de infrações contra a ordem econômica e social e a economia popular. O AI-5 acabou gerando muito medo e ansiedade, principalmente, entre pesquisadores acadêmicos e intelectuais, porque, sua função primordial não era o fator econômico, já que pautava-se mais nos interesses políticos do governo Costa e Silva.

(Texto livremente adaptado de “**Sobre as origens e motivações do Ato Institucional 5**”, de Rodrigo Patto Sá Motta).

Indicações de leituras:



Forças Armadas e Política no Brasil, de José Murilo de Carvalho (2005). Esta reunião de ensaios ressurgiu acrescida de um texto inédito: uma reflexão sobre as transformações das forças militares nos últimos trinta anos. O autor analisa o percurso do Exército politizado desde o Império, passando pela Primeira República, Estado Novo e ditadura militar. Hoje, os sinais da interferência dos militares na política estão por toda parte. E após o resultado das eleições de 2018, essa reflexão se torna mais urgente do que nunca.



Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988, por Daniel Aarão Reis, historiador e professor da Universidade Federal Fluminense. O livro apresenta como a ditadura se instalou, evoluiu, alcançou o apogeu e chegou ao fim. A obra, uma versão ampliada e atualizada de Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedades, publicada em 2000, trata, também, da relação entre a sociedade civil e militares.



Sobre o Autor

Rodrigo Patto Sá Motta possui graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), é mestre em História pela mesma instituição (1993) e doutor em História pela Universidade de São Paulo (2000). Realizou estudos de pós-doutorado e atuou como professor-pesquisador visitante na Universidade de Maryland (2006-2007), como professor visitante na Universidad de Santiago de Chile (2009), na Universidad Nacional de Colombia (2015), no IHEAL da Universidade de Paris III (Cátedra Simón Bolívar, 2016), na Universidad Nacional de Rosario (2017), na Universidad Nacional de General Sarmiento (2018) e na Universidad Nacional de San Martín (2019). Atualmente é professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador 1D do CNPq. Atua principalmente no campo da História Política, pesquisando tanto temas da vertente clássica (partidos, instituições) como abordagens que dialogam com a “nova história” (representações, iconografia, cultura política). Suas pesquisas recentes concentram-se em questões relacionadas ao golpe de 1964 e ao regime militar, envolvendo temas como repressão política (DOPS, ASI), anticomunismo, política universitária, memória e atuação da esquerda. As suas publicações mais relevantes são os livros: **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil** (SP: Perspectiva, 2002 – editado em espanhol pela editora universitária argentina UNGS em 2019), **Jango e o golpe de 1964 na caricatura** (RJ: Zahar, 2006) e **As universidades e o regime militar** (RJ: Zahar, 2014). Foi presidente da Associação Nacional de História (ANPUH), no período 2013-2015.



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Faça uma pesquisa na internet para saber quantos Atos Institucionais existiram durante o Regime Militar. Recorte e cole abaixo do texto uma foto de matéria de jornal da época que trate de algum assunto relacionado à política no Brasil.



REFERÊNCIAS

Ato Institucional. Direção: Helton Paulino. 2012. Drama. (20 min.) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ipu-ot1_CSU>. Acesso realizado em: 23 de janeiro 2021.

BLOG, Hotmart. **Melhores câmeras para gravar vídeos.** Disponível em: <https://blog.hotmart.com/pt-br/melhores-cameras-para-gravar-videos/>. Acesso realizado em: 26 de fevereiro 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Biografia.** Disponível em: <<https://www.fafich.ufmg.br/lhttp/tp-team/rodrigo-motta/>>. Acesso realizado em: 23 de janeiro 2021.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Sobre as origens e motivações do ATO Institucional 5.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/jZh4sttTXLWN5KJMWXJNQzt/abstract/?lang=pt>>. Acesso realizado em: 23 de janeiro 2021.

PAULINO, Helton. **Biografia.** Disponível em: <<https://filmow.com/helton-paulino-a190954/>>. Acesso realizado em: 23 de janeiro 2021.

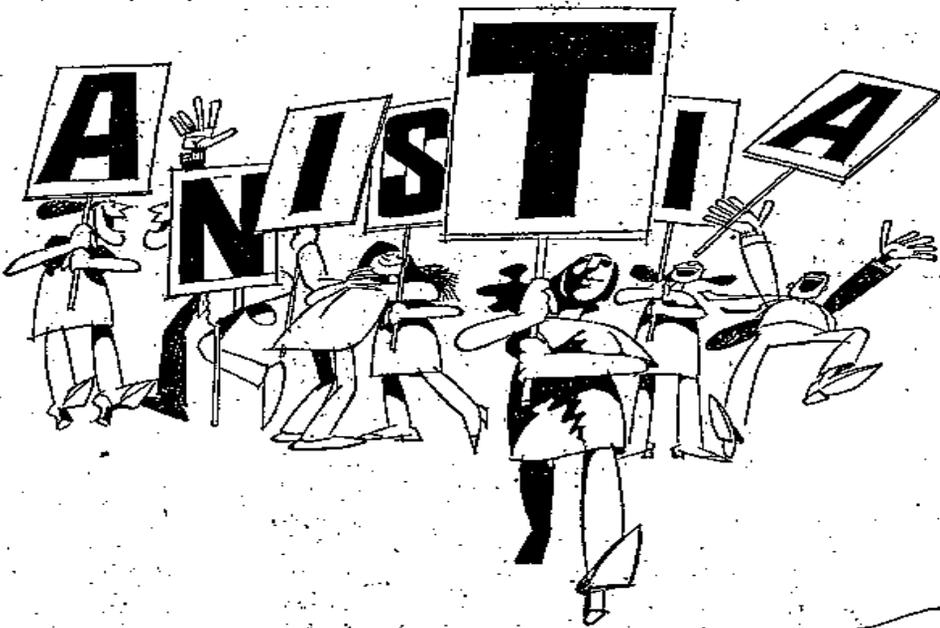
SALLES, Felipe. **A câmera cinematográfica.** Disponível em: <https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cinema%20V%EDdeo%20e%20TV/Pesquisa/a_camera_fotografica.pdf>. Acesso realizado em: 25 de fevereiro 2021.

TEMPOS DE ANISTIA E REPARAÇÃO

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS202); (EM13CHS402); (EM13CHS503); (EM13CHS403); (EM13CHS502); (EM13CHS503); (EM13CHS602); (EM13CHS603)

Ziraldo



Disponível em: <<https://hugostudart.com.br/2018/01/20/a-memoria-o-perdao-e-o-esquecimento-ou-a-dor-de-sentir-a-presenca-da-ausencia/>>

OBJETIVOS

- Proporcionar a compreensão sobre a Lei da Anistia;
- Perceber os tipos de perseguições adotadas na época e quais lutas foram travadas;
- Refletir sobre as medidas de reparação adotadas;
- Conhecer o passo-a-passo de como elaborar um roteiro de cinema.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “Tempos de Anistia e Reparação”. Após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem documental “Último Pau de Arara”(2011), de Bené Sabóia e Valdo Siqueira, que relata fatos ocorridos no ano de 1984, final do governo Figueiredo e início do processo de abertura política no Brasil. Em Fortaleza, três jovens cearenses, militantes de esquerda, moradores do conjunto Ceará, resolvem numa decisão drástica, desviar para Cuba um avião que partia de Fortaleza com destino à Disneylândia.
- Será entregue a ficha “Para Casa” aos (às) estudantes para desenvolvimento da atividade proposta.



SEGUNDO MOMENTO

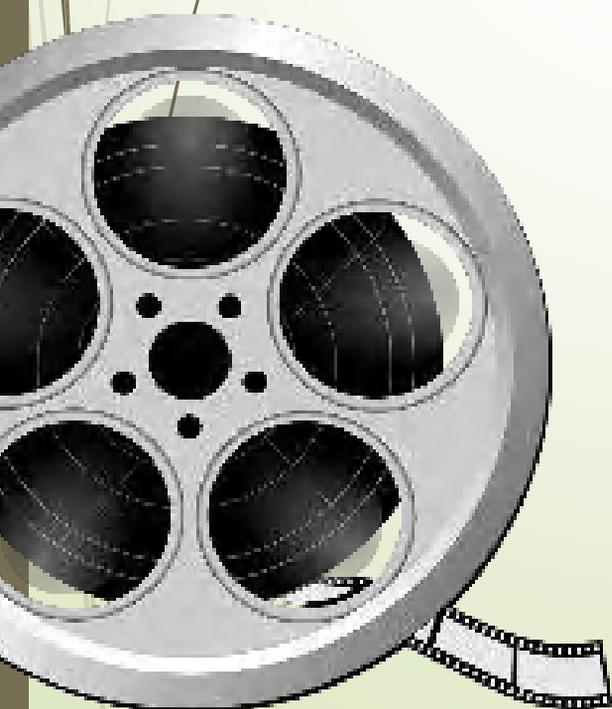
- Deverá ser apresentado aos(às) estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida.
- Em seguida, o(a) Professor(a) deverá organizar uma roda de conversas, concernente à problemática.
- Por fim, os textos trazidos pelos(as) estudantes deverão ser lidos em sala de aula.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: Último Pau de Arara

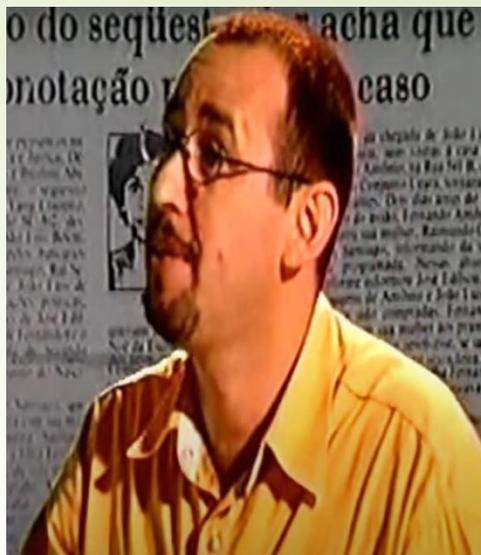
DIREÇÃO: Bené Sabóia e Valdo Siqueira

ESTADO: Ceará

ANO: 2001

DURAÇÃO: 25 min.

CATEGORIA: Documentário



SINOPSE: O ano é 1984, final do governo Figueiredo e início do processo de abertura política no Brasil. Em Fortaleza, três jovens cearenses, militantes de esquerda, moradores do conjunto Ceará, resolvem, numa decisão drástica, desviar para Cuba um avião de Fortaleza com destino à Disneylândia. O sonho era viver a realidade socialista descrita por Fernando Morais no livro “A Ilha”. Tinham também a ideia de chegar em Cuba para aprender táticas de guerrilha e fazer a revolução quando retornassem ao Brasil. Apesar da ingenuidade e do despreparo dos militantes, eles conseguiram o que queriam. Moraram em Cuba por 10 anos. Ao final desse período puderam voltar ao Brasil beneficiados pela Lei da Anistia.

BAIXAR FILME:

https://www.youtube.com/watch?v=25RBBEJQU-E&feature=emb_title



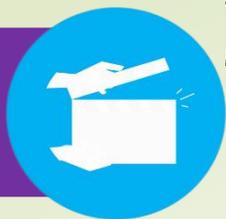
Sobre os Cineastas

Benedito Cesar Pereira de Saboia, possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (1995), graduação em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2007). Especialização em Produtos e Serviços Culturais (2002). Atualmente é professor especialista no Colégio Estadual Liceu do Ceará.



Edvaldo Siqueira Albuquerque é Doutor em Sociologia (UFC). Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), membro da Associação Brasileira de Cinematografia (ABC).





Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA

Como fazer um Roteiro

Transformar uma ideia em filme pode parecer uma tarefa complicada. E, de fato, um filme hoje pode ser feito de diversas formas, desde superproduções com orçamentos milionários e muitos efeitos especiais, até animações caseiras, ou curtas feitos com celular. Mas uma coisa é certa, todo filme - seja qual for o tamanho de sua produção - precisa de um ponto de partida, ou seja, um **ROTEIRO**.

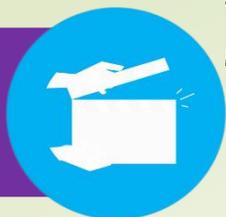


Um dos maiores problemas que um roteirista pode encontrar é a dificuldade de transpor suas ideias para o papel. As técnicas podem variar de acordo com a preferência do autor, mas de um modo geral são muito similares, dividindo-se em uma série de etapas, desde a concepção da ideia até o roteiro final. O uso de cada etapa permite que o roteirista, mesmo que seja iniciante, consiga escrever textos dos mais variados tamanhos. A técnica abordada aqui se divide em sete etapas: **IDEIA, STORY LINE, SINOPSE, PERFIL DE PERSONAGENS, ARGUMENTO, ESTRUTURA, E ROTEIRO**.

IDEIA

Ter uma ideia é o princípio de qualquer roteiro, não chega a ser uma etapa propriamente dita, mas é o início do processo. As ideias não surgem simplesmente do nada, existe sempre uma fonte de inspiração. Segundo o roteirista Lewis Herman, as ideias podem ser originadas de seis fontes. São elas: **Ideia selecionada** – a partir de alguma lembrança ou experiência pessoal; **Ideia verbalizada** – surge de alguma conversa ou história que ouvimos; **Ideia lida** – surge a partir de algo que lemos; **Ideia transformada** – surge de uma obra de ficção como: livro, revista, filme peça de teatro, etc; **Ideia proposta** – quando alguém propõe uma ideia a você; e **Ideia procurada** – quando você deseja escrever sobre um determinado tema.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA

STORY LINE

É uma “linha da história”. O story line é um resumo da história a ser transformada em roteiro, possui no máximo cinco linhas e contém apenas o conflito principal da história. Três pontos-chave devem conter no story line: Qual é o conflito? Qual o resultado do conflito? Como o conflito se resolve? O Story line deve ser escrito de forma clara, direta e curta; ter economia de adjetivos e uso dos verbos no presente, ter a apresentação, desenvolvimento e solução do conflito principal.

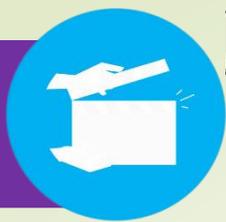
SINOPSE

A sinopse é mais extensa que a story line, pode ir de dez a quinze linhas e apresenta informações sobre os personagens principais e sobre o local onde se passa a história. O uso de adjetivos deve ser cauteloso.

PERFIL DE PERSONAGENS

Nesta etapa, os adjetivos têm preferência sobre os verbos. O perfil é um conjunto de informações físicas e psicológicas dos personagens, podendo estar incluída a história ou antecedentes desta. O modelo para a construção do perfil de personagens consiste em se informar as seguintes questões: aparência física, saúde, forma de vestir, postura física, o que gosta e o que não gosta, preconceitos, manias e defeitos, problema externo ou interno, nível educacional, detalhes do ambiente, etc.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA

ARGUMENTO

Consiste na história contada em sua íntegra, tendo como base a sinopse. Aqui, pode se descrever melhor os ambientes onde a história se passa e se colocar as personagens secundárias. Além disso, pode se desenvolver o “**plot**” (conflito essencial, trama principal) e os “**subplots**” (conflitos secundários). Em obras convencionais, deve-se ter o cuidado de sempre se resolver o conflito principal e os conflitos secundários, até o fim da história.

ESTRUTURA

A elaboração da estrutura é relativamente simples. A) Trata-se uma pequena linha vertical. B) No lado esquerdo, coloca-se o número da cena. C) No lado direito, põe-se o local onde a cena se passa, uma referência sobre a luz ambiente (exterior ou interior) e sobre o horário (noite ou dia). D) Abaixo deste cabeçalho, coloca-se o que ocorre na cena (somente o que for importante).

EXEMPLO:

Trecho do roteiro do filme *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, Katia Lund, de 2002). O Filme foi roteirizado por Bráulio Mantovani e passou por 12 tratamentos até ficar pronto.

11 EXT. RIO - DIA 11
Barbantinho está nadando no rio. Busca-Pé observa da margem.
Barbantinho tira a cabeça da água e fala do rio mesmo:
BARBANTINHO
Tu acha que eu vou conseguir ser salva-
vidas que nem meu pai?
BUSCA-PÉ
Sei lá...
BARBANTINHO
É... Ser salva-vidas é mais difícil que ser
peixeiro que nem o seu pai.
Busca-Pé fica um pouco bravo.
BUSCA-PÉ
Quem disse que eu quero ser peixeiro?
Peixeiro fede.
BARBANTINHO
E tu quer ser o quê?
Busca-Pé abre a mão e olha para o dinheiro que Marreco lhe
entregou antes.
BUSCA-PÉ
Sei lá... Trabalhar de bandido que nem meu
irmão, eu não quero. Nem de polícia. Tenho
medo de tomar tiro...





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

ROTEIRO

O roteiro é dividido em cenas e contém: a descrição dos ambientes e da ação, o nome dos ambientes e dos personagens, os diálogos e indicações para a personagem, e, por último, a indicação de efeitos para a transição de cenas. O formato de roteiro mais utilizado atualmente é o “master scenes”. Cada informação tem seu lugar específico.

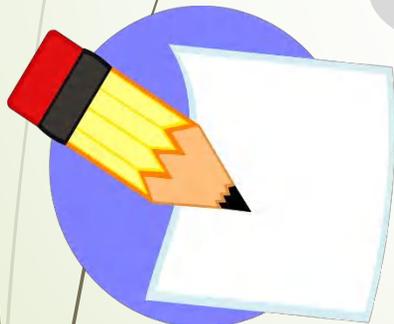
Segue-se o modelo para se escrever uma cena neste formato:

Cena XX (ambiente/ locação) (luz ambiente)
(Descrição do ambiente)
(Descrição da ação)
(Nome do personagem)
(Rubrica)
(Fala)
(Descrição da ação)
(Efeito de transição)



A seguir, um modelo e cena com os espaços preenchidos.

Cena 01	Casa de Marcelo – Sala	int./dia
A sala é pequena e tem poucos móveis. Um sofá velho e uma mesinha de centro.		
Marcelo está sentado no sofá, lendo uma revista. A porta se abre e Brenna entre. Marcelo joga a revista em cima da mesa.		
BRENA Você quer falar comigo?		
MARCELO (Tímido) É que eu, eu.		
BRENA (Irritada) Eu o que? Marcelo!?		
Marcelo pega a revista, a abre e abaixa a cabeça.		
BRENA Você é um palerma, Marcelo!		
Brenna sai irritada e bate a porta com força. Marcelo joga a revista no chão.		
CORTE PARA:		



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

Em 28 de agosto de 1979, foi promulgada no Brasil a Lei da Anistia. Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. (<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6683.htm>). Embora não exista um número oficial, calculasse que, no Brasil, cerca de 60 mil pessoas foram perseguidas durante os 21 anos em que durou o regime militar (1964-1985). As perseguições variavam entre prisões, torturas, desaparecimentos, mortes, cassações de direitos políticos e civis, demissões, aposentadorias compulsórias, banimentos e pena de morte (Decreto-lei 898/1969), expulsões de faculdades e colégios, ameaças de prisão que levaram à clandestinidade e ao exílio (GONÇALVES, 2007, p. 2).

É importante salientar que existem dois processos em curso em âmbito federal, pelos quais estão sendo indenizados pelo governo federal como forma de “reparação” histórica, os cidadãos que ficaram com sequelas ou que perderam familiares, em decorrência de perseguições sofridas, torturas psicológicas e físicas, através do processo de “reparação”. Muitos já estão sendo indenizados em diferentes estados da federação. Os atos de reparação envolvem diferentes instâncias, para além dos diferentes atingidos. Conforme pontua Gonçalves (2007), as famílias, os medias, entidades da sociedade civil, poderes públicos e jurídicos entram no jogo das disputas e na construção de suas versões sobre os fatos ocorridos no passado.

Na verdade, foram criadas comissões incumbidas para periciar e julgar os diversos casos que começam a ganhar notoriedade nacional, a partir das provas coletadas, tais como: documentais, orais ou até mesmo atestados médicos, esses, possuem um caráter legitimador sobre às histórias relatadas.

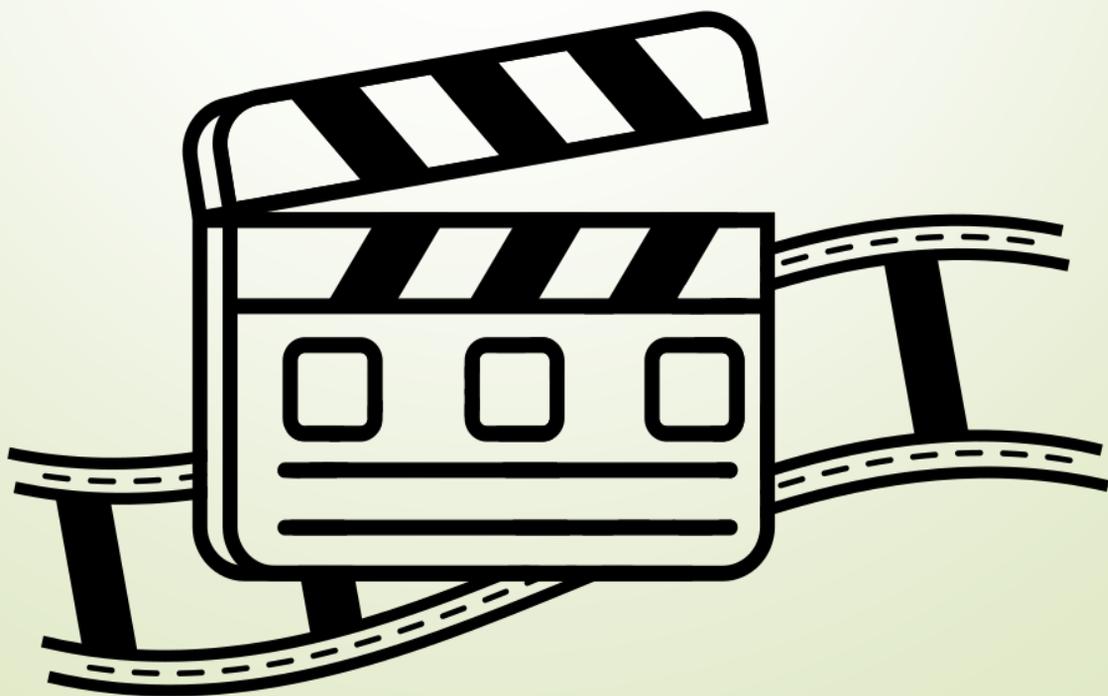
Para Gonçalves (2007), muitos momentos foram expressos através da luta pela anistia política que reconhecesse os direitos políticos e de expressão; a reivindicação ao trabalho; a publicidade dos fatos; o reconhecimento dos erros do Estado e pela indenização financeira e reparação simbólica, ou seja, a busca pelo estabelecimento da justiça e da verdade dos fatos. Portanto, dentro desse percurso histórico, muitas lutas foram travadas e, agora, as provas coletadas ajudam-nos a compreender esse passado nefasto vivenciado em nosso país.

(Texto livremente adaptado de “**O Preço do Passado: Anistia e Reparação de Perseguidos Políticos no Brasil.**”, de Danyelle Nilin Gonçalves).



Sobre a Autora

Danyelle Nilin Gonçalves possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (1999), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2001) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2006). Atualmente é membro de laboratório de pesquisa da Universidade Federal do Ceará, professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, membro da Comissão de Ensino de Sociologia da Sociedade Brasileira de Sociologia, membro Coordenação pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e vice-chefe do Departamento Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará. Em 2020, participou da equipe de pesquisadores do projeto Virando o Jogo - Juventude e Superação: Intervindo e Monitorando para Construir Competências Familiares e Habilidades Socioemocionais, desenvolvido pela UFC e a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), para pesquisar, avaliar e intervir no programa Virando o Jogo da Secretaria de Proteção Social, Justiça, Mulheres e Direitos Humanos (SPS) do Governo do Estado do Ceará. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, anistia, Sociologia, juventude, ditadura militar e campanhas eleitorais.



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Faça uma pesquisa na internet sobre o período de anistia no Brasil, salve três imagens diferentes, imprima-as e as leve para a escola para montarado uma exposição fotográfica em sala de aula ou no pátio da escola.



REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Edvaldo Siqueira. **Biografia.** Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/7349968/edvaldo-siqueira-albuquerque>>. Acesso realizado em: 10 de março 2021.

DICIO. **Dicionário Online de Português.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso realizado em: 05 de março 2021.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Biografia.** Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4761988Z5>>. Acesso realizado em: 10 de março 2021.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. **O Preço do Passado: Anistia e Reparação de Perseguidos Políticos no Brasil.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 29 maio-01 jun. 2007. Recife (PE), Anais... SBS: Recife (PE): SBS, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52391/1/2007_eve_dngoncalves.PDF>. Acesso realizado em: 10 de março 2021.

LOPES, Álvaro. **Como escrever um roteiro inovador?.** Disponível em: <<https://bibliomundi.com/blog/como-escrever-um-roteiro-inovador/>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

SABOIA, Benedito Cesar Pereira de. **Biografia.** Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/8843611/benedito-cesar-pereira-de-saboia>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

THEBAS, Isabella. **Como Fazer um Roteiro de Cinema.** Disponível em: <<https://www.institutodecinema.com.br/mais/conteudo/como-fazer-um-roteiro-de-cinema>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

Último Pau de Arara. 2001. Doc. (25 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=25RBBEJQU-E>>. Acesso realizado em: 18 de fevereiro 2021.

SOCIEDADE CIVIL BRASILEIRA

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS202); (EM13CHS206); (EM13CHS401); (EM13CHS402); (EM13CHS403); (EM13CHS404); (EM13CHS501); (EM13CHS503); (EM13CHS601); (EM13CHS603); (EM13CHS604)



Disponível em: <<https://fia.com.br/blog/organizacao-da-sociedade-civil/>>

OBJETIVOS

- Compreender as características da sociedade civil brasileira;
- Perceber quais grupos constituem a sociedade civil;
- Refletir sobre a importância da relação entre Estado e sociedade civil no Brasil, tendo como referência o Movimento dos Sem-Terra (MST);
- Elaborar um roteiro e produzir vídeos, com temas sobre Estado e os derivados das relações de poder.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “Sociedade Civil Brasileira”. Após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem documental “Aquarelas do Brasil” (2005), de Jomard Muniz de Britto. O filme relata os sentimentos pelo Brasil.
- Será entregue a ficha “Para Casa” aos(às) estudantes para realização da atividade proposta.



SEGUNDO MOMENTO

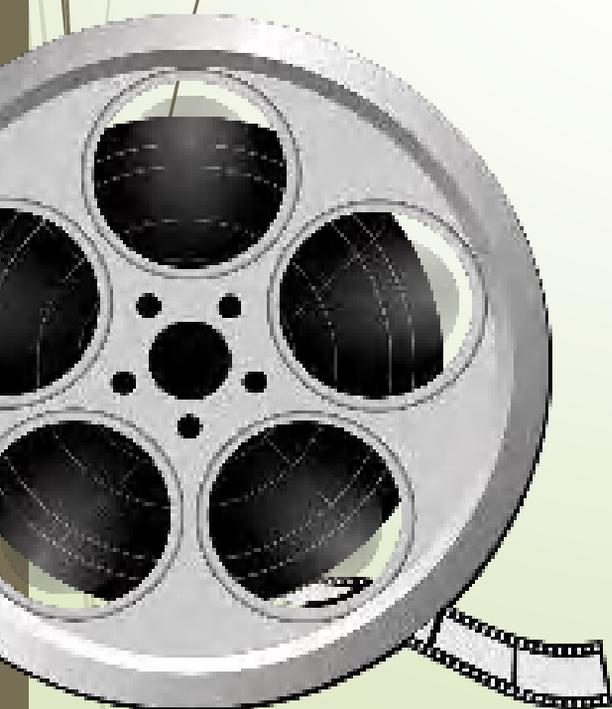
- Deverá ser apresentado aos(às) estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida.
- Em seguida, o(a) Professor(a) deverá organizar uma roda de conversas, provocando os(as) estudantes sobre suas impressões acerca do audiovisual apresentado em sala de aula.
- Por fim, os textos trazidos pelos(as) estudantes deverão ser lidos em sala de aula.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha ‘Para Casa’.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: Aquarelas do Brasil

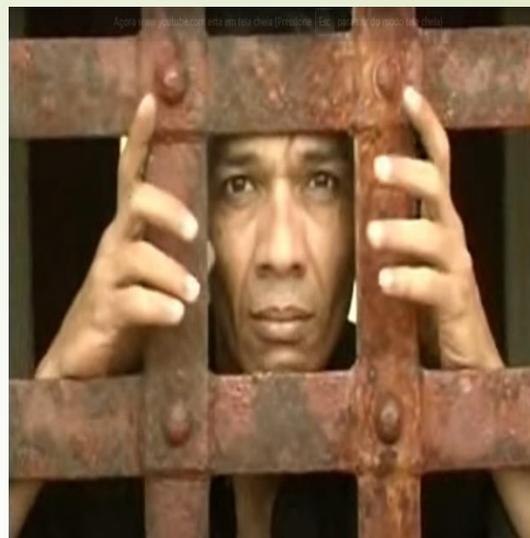
DIREÇÃO: Jomard Muniz de Britto

ESTADO: Pernambuco

ANO: 2005

DURAÇÃO: 09 min.

CATEGORIA: Documentário



SINOPSE: O curta-metragem relata os sentimentos pelo Brasil, performados por Vavá Paulino. As primeiras palavras que escutamos no filme relatam: “O Brasil não é o meu país, é meu abismo”. As imagens mostram ruínas, pedras, prisão, dança e equilíbrio. Outros fragmentos narrativos são colocados, como: “O Brasil não é o meu país, é um veneno. É a miséria que nenhum milagre ocultou. É cinco mil vezes favela. É cinquenta mil terras em trânsito. É o neocapitalismo de São Paulo”.

BAIXAR FILME:

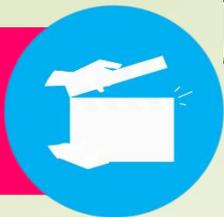
<https://www.youtube.com/watch?v=lqs7CaYjf1E>



Sobre o Cineasta

Jomard Muniz de Britto nasceu na Rua Imperial, Bairro de São José, em 1937. Jomard é cineasta, professor e escritor pernambucano. Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade do Recife (atual UFPE), iniciou sua carreira profissional como professor de Filosofia em cursos secundários. Integrou a equipe inicial do Sistema Paulo Freire de Educação de Adultos, tendo sido aposentado pelo regime de 1964. Manteve-se na UFPB até o AI-5. Agitador cultural, escritor, realizador de filmes em super-8 e de performances várias, participa intensamente da movimentação tropicalista no Nordeste, nos anos 1970.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA

Produzindo nosso roteiro

- A turma será dividida por grupos (cada grupo com quatro estudantes).
- Seguindo o modelo de roteiro apresentado, os estudantes irão escrever um roteiro para filme documentário.
- Neste tipo de roteiro, inicialmente, os estudantes deverão escolher o tema proposto e montar um questionário de pesquisa.
- A pesquisa servirá para ajudar na hora do processo de elaboração do roteiro.

Segue alguns temas sobre Estado e os derivativos das relações de poder:

Nepotismo - Prática de atribuição de cargos políticos ou funções públicas a membros da própria família.

Patrimonialismo - Tipo de organização política em que não há distinção entre bens públicos e privados, entre o que pertence à iniciativa privada (particular) e o que é propriedade do Estado.

Clientelismo - Ação ou fato de um político ou partido político procurar ampliar seu eleitorado utilizando processos mais ou menos demagógicos e favoritistas.

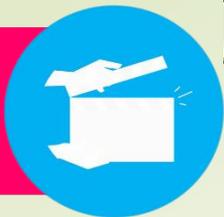
Empreguismo - Tendência de oferecer empregos à larga.

Assistencialismo - Sistema ou prática de ação social que organiza e oferece assistência às comunidades desfavorecidas e excluídas de uma sociedade, auxiliando e apoiando momentaneamente seus membros, ao invés de combater as causas que os deixaram em estado de carência ou de pobreza.

Patronagem - Auxílio financeiro ou moral dado por uma pessoa ou instituição.

Familismo - Tudo aquilo que se refere à organização da família.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRÁFICA

Outros temas sugeridos:

Ditadura militar; História dos partidos políticos no Estado e/ou município; Mulheres, negros e/ou indígenas na política local; Movimentos sociais (sexuais, étnicos, religiosos, pacifistas, estudantis, sem-terra, favelados, operários, etc).

É importante frisar, que os roteiros serão elaborados em sala de aula, abordando o contexto político local, regional ou estadual, onde os estudantes estão situados. Desta maneira, compreenderão melhor como isso reflete na operacionalização da política no Brasil.

Depois que todos os roteiros estiverem prontos, é hora de filmar.

Produção dos vídeos (Filmagem)

- Os estudantes irão produzir seus vídeos, utilizando aparelho de celular para captar som e imagem.
- Os grupos permanecem os mesmos da elaboração do roteiro.
- O(A) professor(a) fica responsável de criar um calendário de filmagens junto aos(às) estudantes.
- Após a realização de todas as filmagens, é hora de editar os vídeos.



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

A sociedade civil organizada no Brasil emergiu de inúmeros processos decorrentes da não aceitação imposta pelo autoritarismo no país. A maneira como os pobres se organizaram para lutar em busca de melhores serviços públicos é o que dá origem à sociedade civil brasileira organizada, principalmente, na década de 1970. Outros fatores relevantes estão ligados, também, como o processo de modernização econômica ocorrido, que acabou gerando mudanças no planejamento urbano, voltando-se para questões inerentes à saúde e à educação, bem como para questões mais tecnocráticas.

A principal característica da sociedade civil brasileira organizada foi a reivindicação de autonomia em relação ao Estado e aos partidos políticos. Durante a redemocratização, a reivindicação e autonomia possuía dois significados principais: 1) Autonomia organizacional em relação ao Estado; e 2) Autonomia como tentativa de propor formas de administração de políticas sem a participação do Estado (AVRITZER, 2012, p. 389).

Já nos anos 1980, a sociedade civil brasileira organizada estava preocupada com a autonomia, a democratização das políticas públicas e o estabelecimento de formas de controle público sobre o Estado. No tocante à preocupação da sociedade civil com o estabelecimento de uma participação pública mais ampla, relacionada às políticas públicas para diversos setores da sociedade, só veio a acontecer nos anos 1990.

Para o cientista político Avritzar (2012), a sociedade civil brasileira é formada por um grupo de associações fortemente ligados ao Estado na implementação de políticas públicas. Este grupo tem ligações profundas com uma nova tradição de esquerda que surgiu durante o processo de redemocratização no Brasil. No tocante às políticas públicas, se elas devem ser ou não aplicadas, cabe ao governo o seu direcionamento. Este conjunto de ações serve para solucionar os problemas encontrados na sociedade.

Pontua-se que existe notadamente uma interdependência entre o Estado e a sociedade civil. Prova disso é que nenhum movimento expressa tão bem essa dupla face da interação entre o Estado e a sociedade civil como o Movimento dos Sem-Terra (MST), na sua relação de aproximação e distanciamento do Estado.

(Texto livremente inspirado de “Sociedade civil e Estado no Brasil: da autonomia à interdependência política.”, de Leonardo Avritzer.)



Sobre o Autor

Leonardo Avritzer é membro do Comitê Científico do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983), mestre em Ciência Política também pela UFMG (1987), e doutor em Sociologia Política na New School for Social Research (1993). Concluiu pós-doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology (1998-1999 e 2003). Atualmente, é professor titular da Departamento de Ciência Política da UFMG. Foi representante de área da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2005-2011), professor visitante da USP (2004), da Tulane University (2008) e da Universidade de Coimbra (2009). Foi diretor da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (1997-1998) e presidente da Associação Brasileira de Ciência Política (2012-2014). É membro do Conselho Consultivo da International Political Science Association (IPSA). É autor dos seguintes livros: *Democracy and the public space in Latin America* (2002), *A moralidade da democracia* (1996) – prêmio Melhor Livro do Ano (ANPOCS), *Participatory Institutions in Democratic Brazil* (2009), *Los Desafios de la Participación en América Latina* (2014).



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Considerando a sociedade civil organizada e sua relação com o Estado, faça uma pesquisa na internet para saber um pouco mais sobre o que é o MST. Quais os principais objetivos deste movimento e quais são as suas formas de atuação?



REFERÊNCIAS

Aquarelas do Brasil. Direção de Jomard Muniz de Britto. (Doc/Fic. 9 min. 2006). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lqs7CaYjf1E>>. Acesso realizado em: 15 de março 2021.

AVRITZER, Leonardo. **Biografia.** Disponível em: <<https://www.ufmg.br/ieat/2018/08/leonardo-avritzer/>>. Acesso realizado em: 20 de abril 2021.

AVRITZER, Leonardo. **Sociedade civil e Estado no Brasil: da autonomia à interdependência política.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/op/v18n2/a06v18n2.pdf>>. Acesso realizado em: 12 de abril 2021.

BRITTO, Jomard Muniz de. **Biografia.** Disponível em: <<http://cinematecapernambucana.com.br/diretores/jomard-muniz-de-britto/>>. Acesso realizado em: 15 de março 2021

DICIO. **Dicionário Online de Português.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso realizado em: 05 de março 2021.

LOPES, Álvaro. **Como escrever um roteiro inovador?.** Disponível em: <<https://bibliomundi.com/blog/como-escrever-um-roteiro-inovador/>>. Acesso realizado em: 20 de fevereiro 2021.

THEBAS, Isabella. **Como Fazer um Roteiro de Cinema.** Disponível em: <<https://www.institutodecinema.com.br/mais/conteudo/como-fazer-um-roteiro-de-cinema>>. Acesso realizado em 20 de fevereiro 2021.

A DESIGUALDADE BRASILEIRA

Habilidades da BNCC a serem contempladas:

(EM13CHS101); (EM13CHS106); (EM13CHS201); (EM13CHS202);
(EM13CHS401); (EM13CHS402); (EM13CHS403); (EM13CHS404);
(EM13CHS502); (EM13CHS503); (EM13CHS605)



Disponível em: <https://www.fup.org.br/ultimas-noticias/item/23748-desigualdade-no-brasil-e-a-maior-em-sete-anos-e-vai-aumentar>

OBJETIVOS

- Compreender a desigualdade no Brasil em suas múltiplas facetas;
- Entender quais são os agentes que sofrem diretamente com essa exclusão;
- Refletir sobre os tipos de políticas que devem ser adotadas pelo Estado brasileiro para combater o processo de desigualdade;
- Conhecer os programas de edição e montagem e montar uma Mostra de Cinema Estudantil.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

- Inicialmente, a aula será ministrada de forma expositiva-dialogada, com a leitura de uma síntese conceitual sobre a temática “A desigualdade brasileira”. Após isso, deverá ser lida a ficha técnica do filme que será exibido em sala de aula.
- Em seguida, exibe-se o curta-metragem ficcional “10 Centavos”(2007), de César Fernando de Oliveira, que relata o cotidiano de um menino que ganha uns trocados guardando carros no centro histórico de Salvador/BA. O garoto mora na periferia e convive, entre outras pessoas, com um vendedor de flores que é solidário a ele.
- Será entregue a ficha “Para Casa” aos(às) estudantes para desenvolverem a atividade proposta.



SEGUNDO MOMENTO

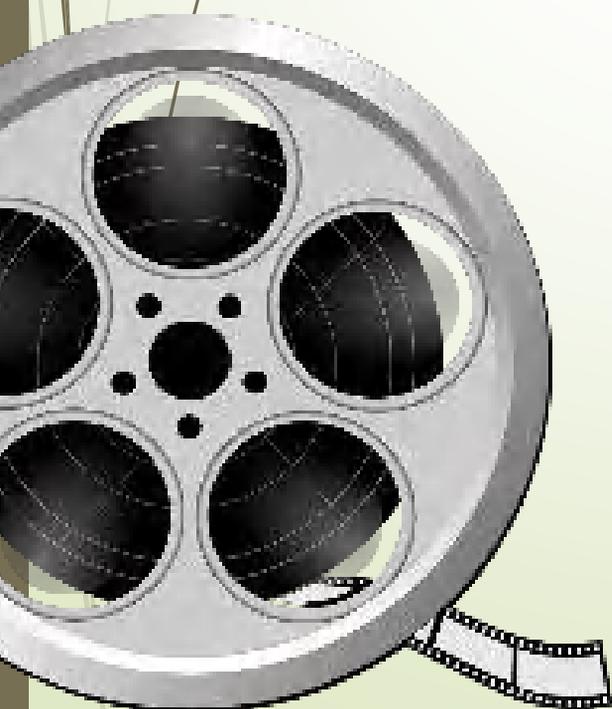
- Deverão ser apresentados para os(as) estudantes as imagens (impressas ou em datashow) e uma síntese biográfica do teórico que trabalha com a temática proposta e do cineasta responsável pela obra audiovisual exibida.
- Em seguida, o(a) Professor(a) deverá organizar uma roda de conversas, relacionada à problemática provocando os(às) estudantes a socializarem as suas impressões acerca da temática apresentada no audiovisual.
- Por fim, os textos trazidos pelos(às) estudantes deverão ser lidos em sala de aula.

RECURSOS

Quadro branco, pincel, Datashow, caixa de som, notebook, caneta esferográfica, papel sulfite.

AVALIAÇÃO

Avaliação contínua, relatos orais, e participação dos(as) alunos(as) nas atividades e na ficha “Para Casa”.



CINEMA



Ficha Técnica

FILME: 10 Centavos

DIREÇÃO: César Fernando de Oliveira

ESTADO: Bahia

ANO: 2007

DURAÇÃO: 19 min.

CATEGORIA: Ficção



SINOPSE: O filme mostra o cotidiano de um menino que ganha uns trocados guardando carros no centro histórico de Salvador/BA. O garoto mora na periferia e convive, entre outras pessoas, com um vendedor de flores que é solidário a ele. Apesar da miséria em que vive o menino, o filme não aponta para nenhum desfecho trágico ou violento. Ao contrário, a violência é cotidiana, naturalizada na desigualdade social presente em vários centros urbanos brasileiros.

BAIXAR FILME:

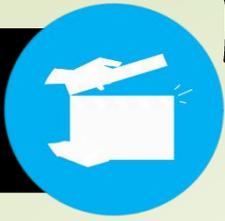
<https://www.youtube.com/watch?v=FB7qlxJ5n1Q>



Sobre o Cineasta

César Fernando de Oliveira é pesquisador e cineasta, possui graduação em Comunicação Social com Habilitação em Cinema e Vídeo, pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (2005), Mestrado em Cultura e Sociedade (Cultura e Arte), pela Universidade Federal da Bahia (2018), Doutorado em andamento em Cultura e Sociedade (Cultura e Arte), pela Universidade Federal da Bahia. É integrante do grupo de pesquisa Epistemologias da Subalternidades no Cinema Brasileiro Contemporâneo (gpsubalternidades.ufba.br) e autor do capítulo “Cinema e o subalterno sob rasura” do livro *Imagética - Fotografia e Fotojornalismo*, 2018.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Edição e montagem do filme

Vejamos alguns programas de edição de vídeos para baixar gratuitamente:



Outros editores de vídeo, podem ser baixados através do PlayStore do aparelho de celular.





Por dentro da linguagem CINEMATOGRAFICA

Mostra de Cinema Estudantil



- Depois que todos os vídeos forem editados pelos grupos, o(a) professor(a) e os(às) estudantes devem organizar uma Mostra de Cinema Estudantil na escola.
- O convite deve se estender para todas as turmas, a afim de prestigiarem as produções audiovisuais.
- No dia da mostra de cinema, o(a) professor(a) deve convidar cada grupo para apresentar seu filme. Esse é um momento oportuno para a divulgação e a promoção do protagonismo dos(as) estudantes da terceira série do ensino médio.
- O(A) professor(a) e a gestão escolar devem ofertar um troféu de jovem protagonista para todos(as) estudantes. A confecção do troféu ficará a cargo de ambos, que devem abusar bastante da criatividade.
- Depois da Mostra se realizar, o(a) professor(a) pode organizar todos os vídeos, criar um canal no YouTube e divulgar essa experiência incrível, para que, assim, outras pessoas possam conhecer a importância da relação entre cinema e educação.

Boa sessão!



CONHECENDO MAIS



Leitura Partilhada

A desigualdade social está presente em todo o mundo. No Brasil, alguns cidadãos tem acesso a moradias seguras e dignas, no entanto, para a grande maioria, essa realidade ainda é bem adversa. Importante saber que a desigualdade tem sido combatida em diversas instâncias da sociedade. E que a relação entre preconceito racial e desigualdade social tem uma longa tradição.

A desqualificação da miséria é produzida não apenas por fatores econômicos, mas, também, de alguma forma, pela miséria emocional, existencial e política. O que se espera segundo o sociólogo brasileiro Jessé Souza (2009), é que esse circuito vicioso seja um dia quebrado.

O cidadão em seu estado de miséria é compreendido como uma parte separada de um todo, ou seja, um mero acaso do destino. O que se tem vivenciado na sociedade brasileira é uma reprodução das classes marginalizadas, permeadas por um processo de produção e reprodução das pré-condições morais, culturais e políticas.

Na modernidade periférica, segundo Souza (2009), devem ser apresentados as razões e o porquê de os oprimidos sociais de toda espécie sofrerem humilhação e privação. Assim, é proposta pelo sociólogo uma teoria social crítica.

O preconceito racial, além de ser perverso, se multiplica de forma virulenta, ocasionando um índice de primitividade anterior a qualquer contrato social. Devemos compreender o caso da desigualdade brasileira como algo profundamente abissal. O preconceito racial deve ser combatido com política específica de inclusão social. Embora muitos ainda considerem a cor da pele como um dado secundário dentro do processo de formação social no Brasil, isso não significa dizer que o preconceito racial não exista ou que seja de pouca relevância. Significa apenas entender o que é a invisibilidade dos aspectos culturais e simbólicos do chamado “racismo de classe”.

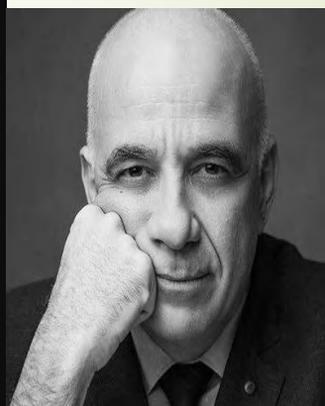
Portanto, para além das desigualdades de classes, a sociedade é desigual em suas formas e nas relações étnico-raciais, de gênero e de outras relações simbólicas.

(Texto livremente adaptado de “**A invisibilidade da desigualdade brasileira**”, de Jessé de Souza, 2009).



Sobre o Autor

Jessé José Freire de Souza, possui graduação em Direito pela Universidade de Brasília (1981), Mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília (1986), Doutorado em Sociologia pela Karl Ruprecht Universität Heidelberg, Alemanha (1991), Pós-Doutorado em Filosofia e Psicanálise na New School for Social research de Nova Iorque, EUA (1994-1995) e livre docência em Sociologia pela Universität Flensburg, Alemanha (2006). Realizou diversos estágios pós-doutorais e, como professor visitante, na Universität Bremen, Alemanha (1999-2000). Escreveu como autor e organizador 27 livros além de mais de 100 artigos e capítulos de livros em diversas línguas, sobre teoria social, pensamento social brasileiro e estudos teórico/empíricos sobre desigualdade e classes sociais no Brasil contemporâneo. É Professor Titular da UFABC (Universidade Federal do ABC). Publicou os livros "A tolice da inteligência brasileira", em 2015, e "A radiografia do golpe" em 2016, ambos pela editora Leya, "Inequality in capitalist Societies", em 2017, pela editora Routledge, em co-autoria com Boike Rehbein e Surinder Jodkha e o livro "A elite do atraso: da escravidão a lava jato", pela Leya, também em 2017, e em 2018, publicou "A classe média no espelho", pela editora Estação Brasil.



HORA DE PESQUISAR!



Para Casa

Entreviste moradores(as) de sua localidade que receberam o Auxílio Emergencial, durante a pandemia, para saber qual foi a importância na vida dessas pessoas. Leia na sala de aula o relato colhido.



REFERÊNCIAS

10 Centavos. Direção: César Fernando. Fic. 2007. (19 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FB7qlxJ5n1Q>>. Acesso realizado em: 24 de abril 2021.

BLOG, Mnemocine. **Como se faz Cinema – Parte 1: Funções e equipe.** Disponível em:<<http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/28-tecnica/154-fazercinema1>>. Acesso realizado em: 24 de abril 2021.

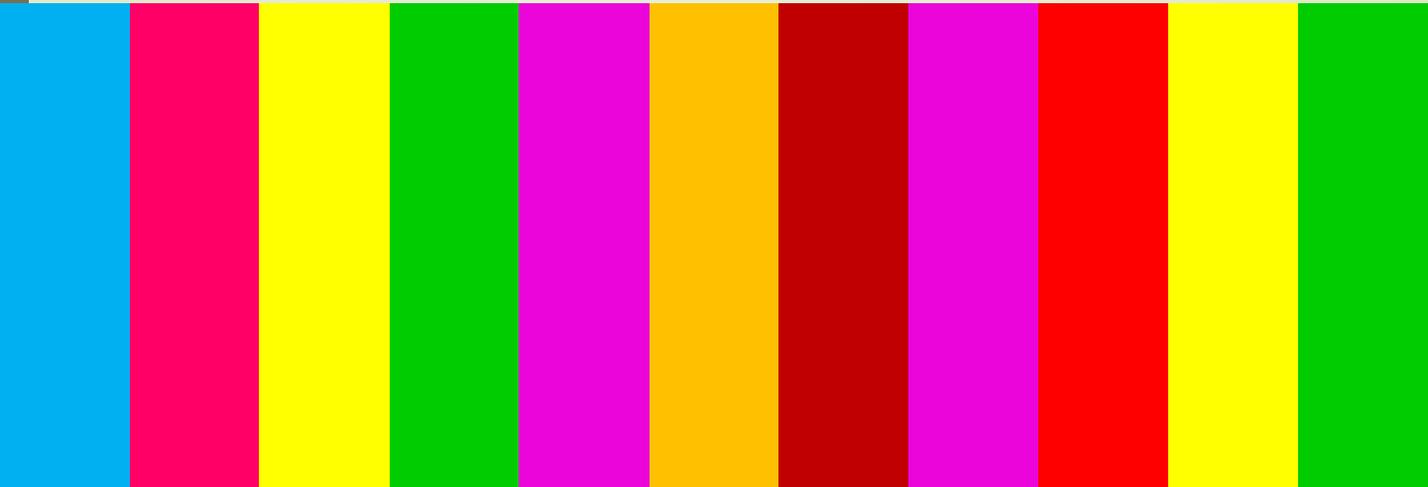
OLIVEIRA, Cesar Fernando de. **Biografia.** Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/cfoliveira>>. Acesso realizado em: 24 de abril 2021.

SOUZA, J. **A invisibilidade da desigualdade brasileira.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé José Freire de. **Biografia.** Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4781769T1>>. Acesso realizado em: 24 de abril 2021.



José Diones Nunes dos Santos (Dhiones do Congo) é mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CDSA); Licenciado em Ciências Sociais (UFCG/CDSA); Especialista em Psicopedagogia e Supervisão Escolar (UCAM/RJ); Pedagogo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Professor da Educação Básica no município de Camalaú/PB; Presidente da Associação Cultural do Congo e Diretor do Festival Audiovisual da Paraíba (CINECONGO); Coordena o Projeto eDOCação, ofertando oficinas de produção audiovisual para estudantes em ambientes educativos. Foi membro do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Gestão Educacional e Participação Cidadã (PPGEPaC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde atualmente participa do Grupo de Pesquisa em Educação e Cinema – PEDCINE e do Projeto Cinestésico: Cinema e Educação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É Coordenador Pedagógico do Ensino Fundamental, anos iniciais, no município de Congo/PB.



 **José Diones Nunes dos Santos**

 **dhionesdocongo@gmail.com**

 **@profdhionesdocongo**